

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CATIA CRISITINA DE MELO FERREIRA

A REPRODUÇÃO CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE CONCHAS-SP

SÃO PAULO
2017

CATIA CRISITINA DE MELO FERREIRA

A REPRODUÇÃO CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE CONCHAS-SP

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia, sob orientação da professora doutora Valéria de Marcos

SÃO PAULO

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ferreira, Catia Cristina de Melo .

A reprodução Camponesa no município de Conchas-SP;
Valéria de Marcos, São Paulo – 2017
110f;

Monografia (Trabalho de Graduação Individual) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Geografia.
Área de Concentração: Geografia Agrária.

1.Geografia Agrária. 2. Reprodução Camponesa. 3. Avicultura de Corte. 4. Pecuária Leiteira. 5. Olericultores Feirantes. 6. Conchas- SP.

Nome: FERREIRA, Catia Cristina de Melo Ferreira

Título: A Reprodução Camponesa no município de Conchas-SP

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia, sob orientação da professora doutora Valéria de Marcos

Aprovado em: ____/____/2017

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Valéria de Marcos- USP

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Maurinho pela parceria em todos os momentos.

Agradeço à minha mãe Maria e às minhas irmãs Kelle, Kety e Keila, pelo amor incondicional.

Agradeço ao meu pai Osmar (*in memoriam*), pelo exemplo de amor e respeito ao semelhante.

Agradeço aos amigos de perto e aos de longe pelo carinho, ombro e sorrisos.

Agradeço aos camponezes conchenses pela acolhida e ajuda neste trabalho.

Agradeço à Simone Sartori, Neilson Galdino, Leandro Galdino e Fernando Delazari pela ajuda com as entrevistas.

Agradeço à Geografia que me ajudou a enxergar as condições materiais da existência e a desenvolver meu senso crítico.

Agradeço aos professores: Marta, Colangelo, Fani, Amélia, Glória, Rita, Dieter, Manuel, Ricardo Mendes, Galvani, Anselmo, Bianca, Simone, Fernanda, Eduardo, Reinaldo, Jurandir, Tarik, Débora, Ricardo Felício, Contel, André Martin, Cleide, Bittar, Sidneide, Sueli e Raffo (*in memoriam*), pelos aprendizados.

Agradeço aos amigos especiais que a Geografia me deu.

Agradeço ao Erivelton, Carina, Trieli, Aline, Alex, Arthur, Gabriel, Victória, Doni, Bia, Ritinha, Ana, Heron, Klisman, Camila, Débora, Bárbara, Julinho, Tiago e Márcio por tantos encontros, trilhas e prosas.

Agradeço à Grazielle e Denise, amadas geógrafas, pela profunda parceria na amizade e na pesquisa em Geografia Agrária, pelos nossos debates e pelo amor.

Agradeço ao estágio na Escola de Enfermagem da USP que me presenteou os amigos queridos, Vitor, Soraia e Rodrigo.

Agradeço ao Grupo de Estudos e ao Documentagro pelo enriquecimento da minha formação.

Agradeço à monitoria nas disciplinas de Geografia Agrária I e II com as professoras Marta e Valéria, por alicerçar os meus conhecimentos da questão agrária brasileira.

Agradeço à Valeria de Marcos, minha orientadora, pela confiança, pelo apoio pleno em momentos difíceis e pela liberdade na pesquisa, muito obrigada!

RESUMO

FERREIRA, Catia Cristina de Melo. A reprodução camponesa no município de Conchas-SP. 2016. 110 f. Trabalho de Graduação Individual – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O modo de produção capitalista, se expande no campo, por um lado, com produção assalariada e concentração de terra, trazendo como consequência a destruição do modo de vida camponês, contudo, por outro, contraditoriamente recria as formas de produção camponesa, pois o capitalismo traz consigo a necessidade constante na sua reprodução de relações que não são capitalistas para o seu desenvolvimento.

No município de Conchas a reprodução camponesa se dá, principalmente, na integração dos camponeses na criação de aves de corte e na pecuária leiteira, tendo dupla consequência para eles: ao mesmo tempo em que a integração é exemplo do mecanismo de monopolização do território praticado pelos frigoríficos e laticínios para assegurar o seu abastecimento de aves e produção de leite a preços baixos, ela garante, contraditoriamente, a reprodução camponesa no município, permitindo com a avicultura de corte e a pecuária leiteira, a manutenção do seu modo de vida e também a realização de práticas de atividades que fuja da subordinação da produção, como é o caso dos olericultores feirantes.

Palavras-chave: Reprodução Camponesa, avicultura de corte, pecuária leiteira, olericultores feirantes, Conchas-SP

ABSTRACT

FERREIRA, Catia Cristina de Melo. The Peasant Reproduction at municipality of Conchas-SP. 2016. 110 f. Individual Graduation Project – School of Philosophy, Languages and Human Resources, São Paulo, University, São Paulo, 2016.

The capitalist mode of production, expands in the countryside, on the one hand, with salaried production and concentration of land, resulting in the destruction the peasant way of life, but, on the other, it contradictorily recreates the forms of peasant production, since capitalism brings with it the constant need in its reproduction of relations that are not capitalist for its development.

At municipality of Conchas the peasant reproduction occurs, mainly, in the integration of peasants in the production of poultry and dairy farming, with a double consequence to them: in a same time the integration is the example of the monopolization mechanism of the territory worked by fridge and dairy industry to assure their supply of poultry and milk production whith low prices, it ensures, contradictorily, the peasant reproduction in the municipality, allowing the poultry industry and dairy farming, the maintenance of their way of life , as well as, the activities practices that get away the subordination of production, as it is the case of the merchants olericulture farms.

Keywords: Peasant Reproduction, poultry farming, dairy farming, merchants olericulture farms, Conchas-SP

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem das rotas dos tropeiros da região sul em direção ao sudeste.....	17
Figura 2 – Mapa dos caminhos abertos por índios e tropas ao longo dos séculos.....	18
Figura 3 – Estátua em homenagem aos tropeiros na praça Vereador Jorge Miguel no município de Conchas.....	20
Figura 4 - Galpões automáticos, bairro dos Aflitos.....	46
Figura 5 - Pintinhos alojados em círculos, bairro dos Lopes.....	47
Figura 6 - Fase final da criação com frangos de mais de quarenta dias, bairro Pará.....	48
Figura 7 - Demonstrativo de cálculo para determinar o preço final a ser recebido pelo lote entregue.....	49
Figura 8 - Animais criados para o consumo da família em uma das propriedades visitadas no bairro Boa Vista.....	51
Figura 9 - Ilustração dos diferentes processos de produção por tipo de leite.....	57
Figura 10 - Carro de boi transportando produtos no antigo Largo Santa Cruz, ano de 1945, local onde atualmente localiza-se a principal praça do município de Conchas, a praça Tiradentes.....	62
Figura 11 - Fachada da sede, hoje abandonada, do Laticínio Pirambóia, que faliu na década de noventa.....	70
Figura 12 - Foto de currais, destaque para a utilização do bambu na imagem esquerda, de uma das propriedades entrevistadas no bairro Pará.....	75
Figura 13 - Foto de currais, detalhe dos eucaliptos como “quebra vento” ao fundo, propriedades dos entrevistados nos bairros Pará e Bom Retiro.....	75
Figura 14 - Foto de ordenhadeiras mecânica das propriedades entrevistadas no bairro Pará e Boa Vista.....	76
Figura 15 - Foto do extrato de qualidade de uma das propriedades entrevistadas.....	77
Figura 16 - Foto do rebanho mestiço de uma das propriedades dos entrevistados no bairro do Pará.....	78

Figura 17 - Foto do bezerro amamentado pela vaca e ao lado foto dos bezerros que foram apartados para se retirar o leite das vacas no dia seguinte.....	80
Figura 18 - Foto de plantação de milho para silagem em das propriedades dos entrevistados, bairro Boa Vista.....	81
Figura 19 - Foto da silagem estocadas em silos no chão, à esquerda vedada e a direita aberta para alimentar o gado, bairro Pará.....	82
Figura 20 - Foto das vacas sendo alimentadas com silagem à esquerda, à direita detalhe da silagem, bairro Pará.....	82
Figura 21 - Foto tanque de refrigeração utilizados para armazenar o leite ordenhado, bairro Pará.....	84
Figura 22 - Crachá de autorização da prefeitura para comercialização na feira.....	88
Figura 23 - Máquina encanteiradora.....	89
Figura 24 - Conjunto de imagens da feira com as produções dos camponeses para serem comercializadas.....	89/90
Figura 25 - Feira realizada no calçadão, centro do município de Conchas.....	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual da área da condição legal das terras da UF - São Paulo.....	26
Gráfico 2 - Percentual da área da condição legal das terras dos estabelecimentos agropecuários de Conchas-SP.....	26
Gráfico 3 - Percentual da área da condição legal das terras dos estabelecimentos agropecuários de Bofete-SP.....	26
Gráfico 4 - Principais formas de utilização de terras (% área) da UF- São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete.....	28
Gráfico 5 - Percentual dos estabelecimentos por efetivos na UF e nos municípios de Conchas e Bofete.....	28
Gráfico 6 - Número de cabeças (1000 cabeças) de aves nos 5 primeiros produtores da UF- São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete em 2006.....	41

Gráfico 7 - Leite produzido (1000 litros) e vacas ordenhadas nos cinco principais municípios produtores de leite do Estado de São Paulo e nos municípios de Conchas e de Bofete em 2006.....64

Gráfico 8 - Média de litros de leite/vaca/dia nos cinco principais municípios produtores de leite do Estado de São Paulo e nos municípios de Conchas e Bofete em 2006.....65

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização de município de Conchas- SP.....16

Mapa 2 – Mapa dos principais municípios da produção de avicultura.....42

Mapa 3 – Mapa das entrevistas com os produtores de avicultura.....44

Mapa 4 – Mapa dos principais municípios produtores de leite.....63

Mapa 5 – Mapa das entrevistas com os produtores de leite.....68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estrutura Fundiária por nº de UPAs da UF- São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete.....23

Tabela 2 - Estrutura Fundiária por área da UF - São Paulo e dos municípios de Conchas e de Bofete.....24

Tabela 3 - Condição legal das terras dos Estabelecimentos Agropecuários da UF São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete.....25

Tabela 4 - Principais formas de utilizações das terras (por estabelecimentos) da UF - São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete.....27

Tabela 5 - Produção de leite de vaca na UF - São Paulo e nos municípios de Conchas e Bofete.....29

Tabela 6 - Efetivo da avicultura de corte (com mais de 2000 cabeças por estabelecimentos) na UF - São Paulo e nos municípios de Conchas e Bofete.....30

Tabela 7 - Estabelecimentos e área da agricultura familiar, segundo a UF - São Paulo e os municípios de Conchas e Bofete.....31

Tabela 8 - Estabelecimentos com aves de corte dos cinco maiores produtores da UF São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete em 2006.....	42
Tabela 9 - Agricultura familiar e não familiar dos cinco maiores criadores de aves da UF São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete.....	43
Tabela 10 - Seis maiores produtores de leite do Brasil.....	61
Tabela 11 – Percentual de estabelecimentos com pecuária bovina e leiteira nos cinco principais municípios produtores de leite do Estado de São Paulo e nos municípios de Conchas e Bofete em 2006.....	66
Tabela 12 - Agricultura familiar dos cinco maiores municípios produtores de leite da UF e dos municípios de Conchas e Bofete em 2006.....	67
Tabela 13 - Preço recebido pelo litro do leite conforme a forma de ordenha e pelo laticínio.....	76
Tabela 14 - Número de vacas do estabelecimento, das vacas ordenhadas e da quantidade de leite retirado.....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APROFAC	Associação dos Produtores Familiares de Conchas
APRUC	Associação dos Produtores Rurais de Conchas
CATI	Coordenadoria de Assistência Técnica Integral
CEAGESP	Companhia de Entrepósto e Armazéns Gerais de São Paulo
COLASO	Cooperativa de Laticínios de Sorocaba
DAP	Declaração de Aptidão ao PRONAF
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LUPA	Levantamento das Unidades de Produção Agropecuária
MAPA	Ministério da Agricultura da Agricultura e Abastecimento
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEAB	Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio as Micros e Pequenas Empresas
SUNAB	Superintendência Nacional de Abastecimento
TGI	Trabalho de Graduação Individual
UF	Unidade Federativa
UPA	Unidade de Produção Agropecuária
USDA	United States Department of Agriculture - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -	14
CAPÍTULO 01- ÁREA DE ESTUDO.....	16
1.1 Origem Histórica.....	17
1.2 A área de estudo em dados estatísticos.....	22
CAPÍTULO 02 - A AVICULTURA DE CORTE.....	33
2.1 A avicultura.....	34
2.2 A avicultura de corte em Conchas –SP.....	40
2.3 Sobre os camponeses avicultores de Conchas.....	43
CAPÍTULO 03 - A PECUÁRIA LEITEIRA.....	54
3.1 A pecuária leiteira em Conchas	62
3.2 Sobre os camponeses leiteiros de Conchas.....	67
CAPÍTULO 04 - OS FEIRANTES CONHENCES.....	87
CONSIDERAÇÕES.....	93
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Graduação Individual (TGI) deriva do projeto de iniciação científica voluntária intitulado “Conchas e os Parceiros do Rio Bonito: analisando os modos de vida no campo Conchense”, realizado sob a orientação da Prof. Dra. Valéria de Marcos junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo no ano de 2013.

O tema escolhido da iniciação se deu por conta da leitura da obra publicada em 1954, *Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida* (CANDIDO, 2001, 9.ed.), na qual Antônio Cândido em sua pesquisa sobre os parceiros, menciona uma tendência de reestruturação do latifúndio e o desaparecimento das pequenas propriedades na região. Como o município de Conchas é limítrofe ao bairro no qual ficava a fazenda estudada por Cândido e a paisagem¹ encontrada atualmente nesse município diverge da dos latifúndios, surgiu o interesse em entender como foi e como é a dinâmica territorial no campo conchense.

Na pesquisa da iniciação científica analisou-se os dados estatísticos do município e a agricultura camponesa na sua relação com a avicultura de corte. A pesquisa do TGI deu continuidade a esse estudo sobre o camponês conchense, acrescentando o estudo sobre as relações camponesa na pecuária leiteira e na olericultura através dos camponeses feirantes. Assim, o objetivo desse trabalho é o de analisar a reprodução camponesa a partir da sua relação com a avicultura de corte, com a pecuária leiteira e com a olericultura dos camponeses feirantes. Para tal, o presente trabalho está dividido em 4 capítulos com os seguinte aspectos:

O primeiro capítulo apresenta a área de estudo, primeiramente a partir de sua origem histórica, com um breve relato sobre a dinâmica do tropeirismo no Brasil e a influência na formação do município de Conchas e depois compara a estrutura fundiária e principais aspectos produtivos do município de Conchas com o município de Bofete, escolhido por ser limítrofe e também por ser o município no qual se localiza a fazenda dos parceiros estudados na obra de Cândido, e também com os dados do estado. Vale destacar o uso dos dados de Bofete também

¹ O conceito de paisagem utilizado neste caso é o mencionado por Milton Santos no livro *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*: “A paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abranger a visão” (SANTOS, 2006, P.67) disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1799/A%20natureza%20do%20Espa%C3%A7o.pdf?sequence=1> acessado em novembro 2016.

nos capítulos da avicultura de corte e da pecuária leiteira, mesmo que os dados deste município não sejam tão expressivos nessas atividades (em comparação com os demais municípios da UF), pois se mostra importante apresentar como o modo de produção capitalista se recria de forma, conforme Oliveira (2007), desigual e combinada em áreas tão próximas.

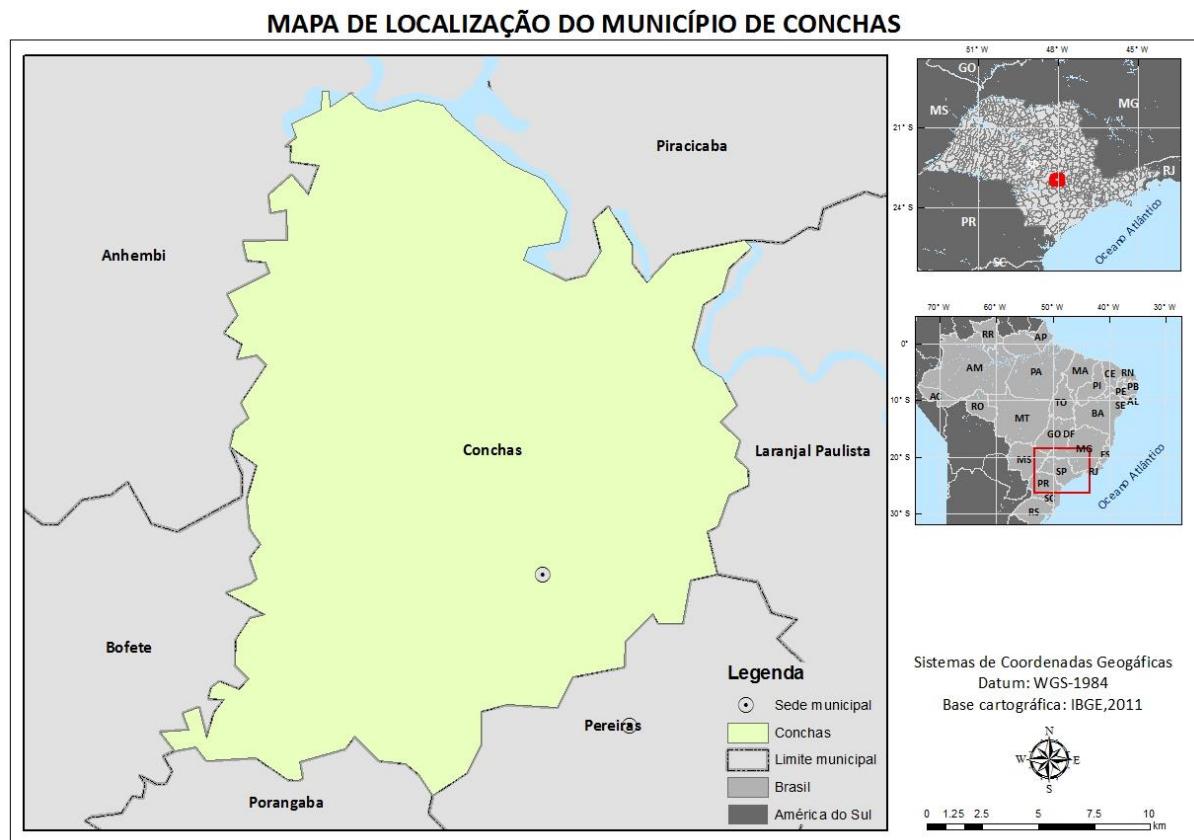
O segundo capítulo trata da avicultura de corte, inicialmente apresentando um panorama dessa atividade, surgimento e estrutura, em seguida, apontando os dados estatísticos da avicultura do município de Conchas comparando-o com os dados dos cinco maiores produtores de aves de corte do estado, Rancharia, Nova Granada, Amparo, Bastos, Laranjal Paulista e também comparando com o município de Bofete. Após a análise dos dados estatísticos, apresentamos os dados pesquisados em campo, obtidos por meio de entrevistas com os camponeses avicultores, realizadas em 2013.

O terceiro capítulo trata da pecuária leiteira. Iniciamos, como no capítulo anterior, com alguns dados gerais sobre essa atividade, para, na sequência, apresentarmos alguns dados da pecuária leiteira de Conchas, comparando-a com os cinco principais produtores de leite do estado, Tapiratiba, Cunha, Castilho, Mirante do Paranapanema, Descalvado e com o município de Bofete. Também aqui apresentamos os resultados coletados nas entrevistas com os camponeses leiteiros realizada em 2015.

O quarto capítulo apresenta a olericultura através das entrevistas com os camponeses feirantes, realizada em 2015, trazendo suas rotinas de trabalho, os produtos produzidos e comercializados, suas dificuldades e seus anseios.

1. ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo do presente TGI (Trabalho de Graduação Individual) abrange o município de Conchas que, (mapa 1), fica situado na região centro oeste do estado São Paulo. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)², Conchas é um município com 466km², 16288 habitantes no ano de 2010 e com população estimada de 17523 em 2016, sendo que 3099 dos habitantes residem na área rural. Tem como características físicas traços do bioma de cerrado e da mata atlântica, o relevo é de colina suave e, nas regiões limítrofes com os municípios de Pereiras, Anhembi e Bofete, possui áreas de maiores altitudes.



Mapa 1: Fonte IBGE, adaptado por Catia Ferreira, 2016.

² <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=351230>, acessado em novembro de 2016.

1.1 Origem Histórica

O movimento das tropas e a formações de povoamentos

Nos Séculos XVII e XVIII os tropeiros faziam o comércio de animais (mulas e cavalos) entre as regiões sul e sudeste, (figura 1). Comercializavam também alimentos, principalmente o charque (carne seca) na região de Minas Gerais, pois, no século XVIII, as atividades em Minas Gerais estavam muito voltadas para a extração de ouro e a produção de alimentos era muito baixa. Para suprir estas necessidades, os tropeiros vendiam os alimentos que faltavam na região.

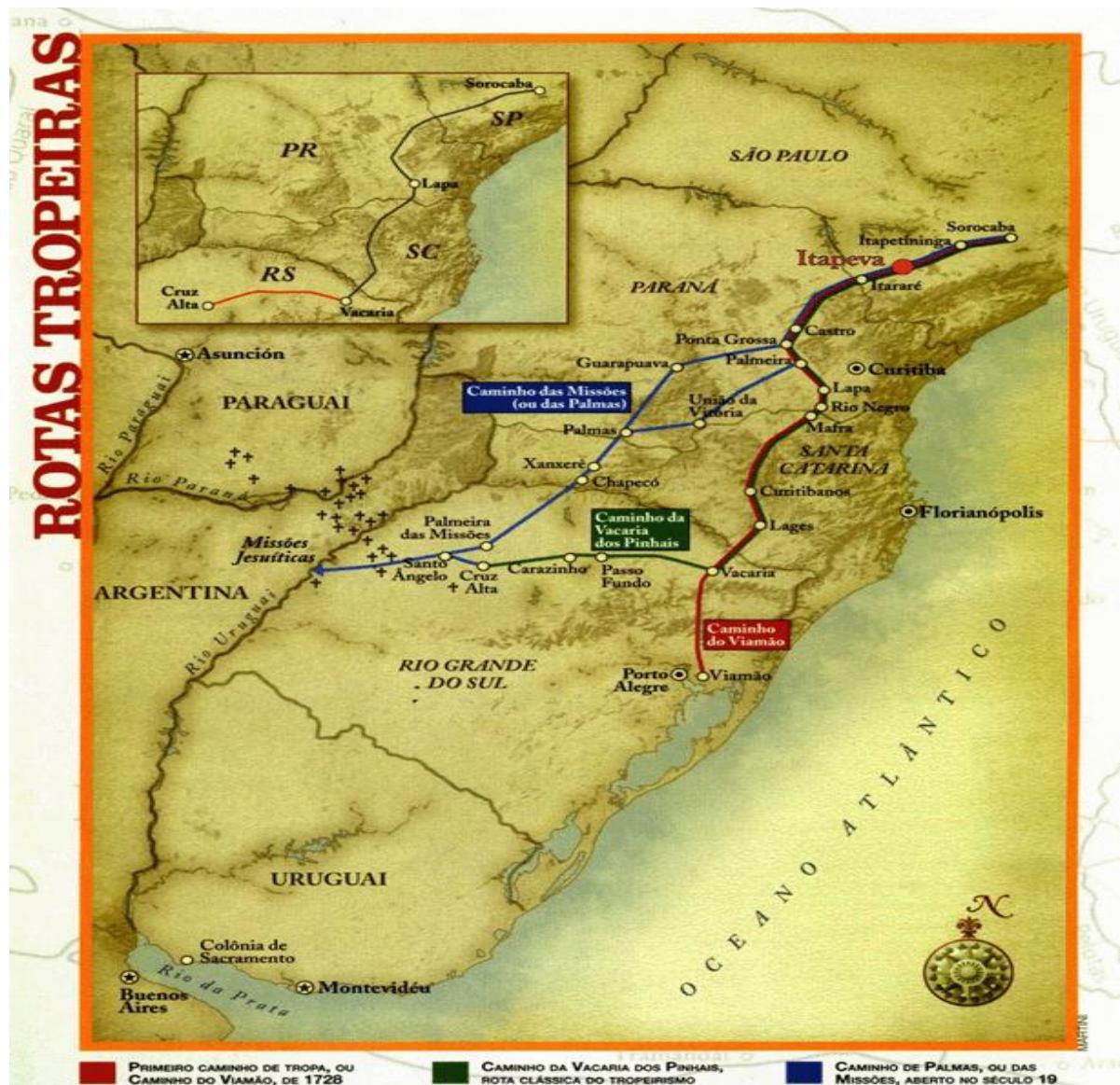


Figura 1: imagem das rotas dos tropeiros da região Sul em direção ao Sudeste, autor desconhecido, fonte: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapeva, disponível em:
<http://www.ihggi.org.br/pag.php?pag=rotasdostropeiros>, acessado em janeiro de 2013.

Segundo Goulart (1961, p.36), no início do século XVIII começou a exportação de animais do extremo sul para a região sudeste, principalmente para São Paulo e Minas Gerais,

no qual grandes manadas eram arrebanhadas nas campinas da bacia do Rio da Prata, levadas para São Paulo e após serem negociadas nas populares feiras anuais de Sorocaba eram escoadas para outras direções. Com isso, São Paulo se tornou grande entreposto dessas mercadorias e a feira de muares de Sorocaba uma das principais atividades econômicas da época.

Conforme Caio Prado Junior (apud MENDES, 1994, p. 104), três grandes passagens ligavam o interior de São Paulo a outros centros econômicos, (figura 2): “para NE, pelo vale do Paraíba; para o N, por Campinas e Mogi- Mirim, em direção à Minas e Goiás; para W e S por Sorocaba e Itapetininga em direção às capitâncias meridionais da colônia”.³

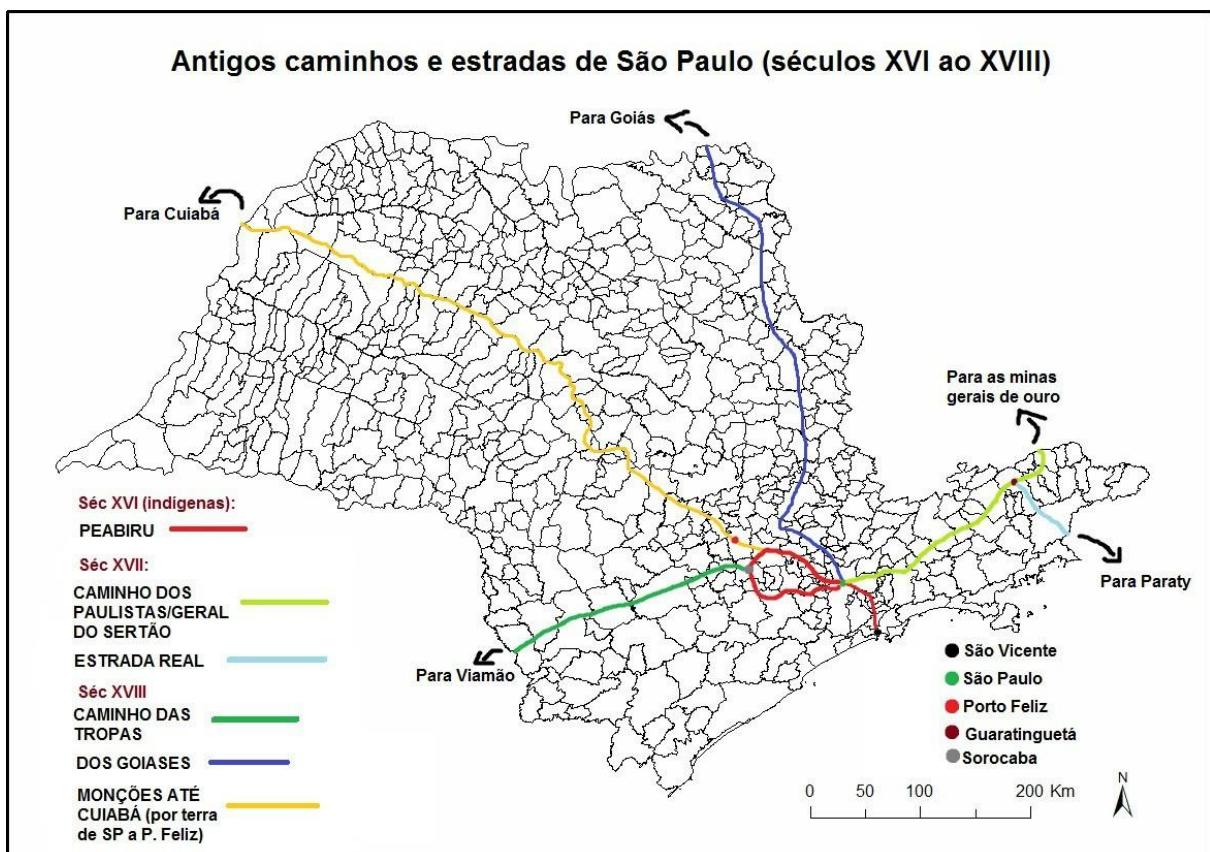


Figura 2: Mapa dos caminhos abertos por índios e tropas ao longo dos séculos XVI ao XVIII, autor desconhecido. Fonte: internet, disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=109362433>, acessado em 01/10/2015

A partir da atividade dessas tropas, São Paulo tornou-se o ponto de convergência não só das numerosas manadas do sul, como também das tropas de cargueiros que trafegavam entre o interior e o litoral. Com relação a esse processo de deslocamento, Goulart (1961, p.64) ainda menciona que:

Nesse vaivém, constante, realizavam as tropas importante intercâmbio econômico e social (...). Nas suas constantes viagens, traçavam um

³ PRADO JR, Caio. Evolução política do Brasil e outros estudos. São Paulo: Brasiliense, 1953, p.110.

emaranhado de comunicações entre cidades, vilas, povoados, vilarejos, ao mesmo tempo que estabeleciam o contato dessas comunidades com os portos marítimos...

Goulart menciona que o pouso não compreendia apenas a palhoça para resguardo das cargas e dos homens, mas tinha que, necessariamente, apresentar condições para a recomposição dos animais e, como consequência disso, “*havia até quem adquirisse os campos próximos aos poucos para deles auferir renda alugando-os*” (GOULART, 1961, p.130).

Com a fixação de algumas pessoas, logo apareciam outras que se fixavam, plantavam, acomodavam criações e negociavam com os homens das tropas que ali pernoitavam. Ao longo dos caminhos das tropas houve a germinação de muitos povoamentos, muitos dos quais se transformaram em municípios ao longo do tempo, como ocorreu com o município de Conchas.

A formação de Conchas

Até se tornar um município em 04/12/1916, Conchas foi Distrito dos municípios de Tietê e Pereiras entre os períodos de 1896 a 1916. Conforme pode ser observado no livro *Municípios do Estado de São Paulo Criações e Divisas*, organizado pela Assembleia Legislativa e a Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, os limites entre Conchas e os municípios de Bofete, Piracicaba, Anhembi, Pereiras, Laranjal Paulista e Porangaba se dá pelas divisas hidrográficas.

Conforme dados históricos presentes no site do município⁴ e artigos de jornais escritos pelo pesquisador Paulo Fraletti (sem data), a origem do povoado, por volta de 1700, se deu pela formação de dois núcleos espacialmente separados, sendo um localizado no bairro rural do Pau-cavalo, constituído na sua maioria por escravos fugidos e caboclos, e outro localizado no atual centro urbano do município, área próxima à estação ferroviária, chamado de bairro da Estação, local que servia inicialmente como pouso para as tropas que circulavam pela região entre Tietê e Botucatu, ligando também as regiões mais a oeste do Estado. Atualmente no município de Conchas há uma estátua de tropeiro na praça Vereador Jorge Miguel⁵, (figura 3), como forma de homenagem aos formadores dos primeiros povoamentos na região.

⁴ <http://www.conchas.sp.gov.br/conchas.html>, acessado em janeiro de 2013.

⁵ <http://www.conchas.sp.gov.br/praca-tropeiro.html>, acessado em julho de 2015.



Figura 3: Estátua em homenagem aos tropeiros na praça Vereador Jorge Miguel no município de Conchas, foto: Catia Ferreira, 2016.

Monbeig (1984) menciona que o povoamento da região do Paranapanema, feito pelos caboclos vindos de Minas Gerais, deu origem às rotas das tropas que conduziam seus rebanhos para serem comercializados em Lençóis Paulista, Botucatu e chegando até mesmo em Sorocaba. Construindo assim as rotas de circulação de mercadorias e também da formação de povoamentos em alguns dos pontos de parada das tropas.

Com o crescimento da produção de café na região do Paranapanema, houve a necessidade de construção de estrada férrea para o escoamento das produções. Segundo Lins (2003, p.14), conforme a rede ferroviária foi se expandindo pelo interior houve uma diminuição no volume de circulação de tropas, bem como de toda a rede comercial existente em função das mesmas, uma vez que a dinâmica comercial passa a se voltar em torno das ferrovias.

Algumas estações ferroviárias foram construídas nos locais de pouso das tropas, entre elas as estações de Campinas, São Carlos, Casa Branca e Franca do Imperador. (GOULART,1961, p.143) Para Monbeig (1984, p.113), a chegada da estrada de ferro possibilitou aos paulistas a exploração de novas zonas rumo ao rio Paranapanema e também em direção ao rio Grande e ao rio Paraná. Foi nesse contexto que, em 1887 a estação ferroviária de Conchas foi inaugurada, nesse período Conchas ainda era um distrito do município de Pereiras. A chegada da ferrovia, e com ela a maior entrada de imigrantes, possibilitou certo tipo de ocupação caracterizado pelas médias e pequenas propriedades. Assim, segundo Monbeig (1984, p. 202) a região foi quase inteiramente ocupada por sitiante.

A Cronologia da História do Município de Conchas (sem data, p.63 e p.65)⁶ nos mostrou que os sitiante no município de Conchas plantavam café e algodão para fornecer à Francisco Matarazzo e CIA (no ano de 1910) e à Locchi Langoni e Cia (no ano de 1912) além do café e algodão, produziam arroz, feijão e milho, esta última empresa construiu um galpão, para beneficiar algodão e os cereais, em terreno que faz divisa com a estrada de ferro, possivelmente para facilitar o escoamento do produto beneficiado. Esse mesmo documento nos mostra que houve também plantação de uva para o consumo e fabricação de vinhos, criação de bicho da seda, além da pecuária de corte e leiteira.

Com relação aos imigrantes que contribuíram para o povoamento de Conchas, Cândido, (2001, p.129) menciona que:

(...) o café trouxe a Bofete mais estrangeiros, em números absolutos, do que a todos os outros municípios de origem histórica semelhante (Pirambóia, Porangaba, Pereiras, Angatuba, Guareí). Em números relativos, mais do que a eles, e ainda, do que a Botucatu, Itapetininga e Tatuí. Supera-o apenas Conchas, estação ferroviária logo desenvolvida em centro de comércio, onde a influência do imigrante e descendentes é decisiva, aparecendo inclusive no fato do seu prefeito ser, no atual quinquênio (1950-55), sírio de nascimento.

A população do município originada pelo caminho das tropas e, posteriormente, pela ferrovia, vai sendo formada pela mistura entre caboclos⁷ e imigrantes. Conforme Cândido, (2001, p.139):

Nessa pirâmide social bastante achatada, misturam-se de modo homogêneo, como ficou indicado, caboclos e imigrantes. Neles dominam a pequena e média propriedades, na maioria absoluta em mãos de sitiante brasileiros, como se dá igualmente no bairro vizinho de São João, em território de Conchas, socialmente ligados a eles.

E ainda Cândido (2001, p.117):

Há existência variável da cultura caipira segundo as formas de ocupação da terra, regime de trabalho e situação legal. Onde há concentração de sitiante e ausência de latifúndio, vemos permanecerem com mais integridade as relações vicinais e o sentimento local, como ocorre no bairro centrífugo da Lagoa e nos extremamente centrípetos de São Roque Novo, São Roque Velho e São João (este, no município de Conchas). Onde o latifúndio ocorre (é o caso da Roseira, Morro Grande ou Óleo), os parceiros, colonos ou salarizados se concentram em agrupamentos liderados pela fazenda, que interfere na

⁶ Disponível em: www.camaraconchas.sp.gov.br/Acervo/historico/Conchas, acessado em dezembro de 2015

⁷ Para Cândido (2001, p.28) o termo caboclo é utilizado apenas no primeiro sentido, designando o mestiço próximo ou remoto de branco e índio, que em São Paulo forma talvez a maioria da população tradicional.

estrutura do bairro, abala os padrões tradicionais e promove a reorganização das relações.

Como pode ser verificado, a formação do município de Conchas se deu a partir de pequenas propriedades, sendo elas maioria no território à época da formação. Assim, nos interessa analisar, a partir dos dados estatísticos a seguir, se ainda hoje a pequena propriedade permanece dominante no município ou que tipos de transformações eventualmente ocorreram.

1.2 A área de estudo em dados estatísticos

Segundo Oliveira (2007), o contraditório processo de desenvolvimento capitalista no campo se expande, de um lado, através da monopolização do território, processo que se concretiza pelo domínio da circulação das mercadorias e que permite a criação e recriação de áreas de produção camponesa e, de outro, através da territorialização do capital no campo, representado pelo latifúndio monocultor voltado à produção de commodities, produzindo monoculturas através, por exemplo, da compra de extensas áreas pelas usinas de cana de açúcar, que levam ao deslocamento dos camponeses para outras áreas ou mesmo a seu assalariamento no campo ou nas cidades, chegando neste caso à sua proletarização.

A comparação dos dados estatísticos⁸ do município de Conchas com o estado de São Paulo e com o município de Bofete se mostra significativa, pois ela nos levará a entender a área estudada a partir de como o contraditório processo de desenvolvimento capitalista se apresenta nos locais analisados, suas semelhanças e diferenças. Escolheu-se comparar com o município de Bofete porque foi o município no qual se localizavam os parceiros estudado por Antônio Cândido em 1954 e a leitura deste trabalho incentivou a pesquisa sobre os camponeses conchenses.

Segundo dados da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, através do projeto LUPA 2007/2008, (tabela 1), ao compararmos o número de UPAs - Unidades de Produção

⁸ As informações estatísticas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), do projeto LUPA (Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Levantamento das Unidades de Produção Agropecuária – Estatísticas Agrícolas, Estado de São Paulo, 2007/08 (LUPA) foram analisadas separadamente, pois os métodos de coleta e sistematização das informações são diferentes. Como o IBGE não disponibilizou os dados, em detalhes, da estrutura fundiária, usaremos os dados do LUPA para termos um panorama.

Agropecuárias⁹ - em relação ao estrato de área¹⁰ entre os municípios de Conchas, Bofete e do estado de São Paulo, verificamos que em Conchas 93,51% das UPAs são consideradas pequenas, ou seja, com área entre 0,1 e 100 ha, enquanto que em Bofete o valor cai para 81,27% e no estado chega a 86,51%. Desses dados depreendemos que Conchas possui o maior percentual de pequenas propriedades e Bofete o menor índice, mesmo se comparado com o estado de São Paulo. Além disso, no que se refere às grandes unidades de produção, Conchas possui apenas uma Unidade de Produção Agropecuária com área acima de 1000 hectare, Bofete possui 04 unidades e o estado tem 2144 UPAs acima de 1000 hectares.

Tabela 1 - Estrutura Fundiária por nº de UPAs da UF- São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete						
Nº de UPAs por Estrato de área (ha)	nº UPAs- Estado	%	nº UPAs- Conchas	%	nº UPAs Bofete	%
menos de 10	101.272	29,85	383	33,57	129	23,45
de 10 a 100	183.897	56,65	684	59,95	318	57,82
de 100 a 1000	37.288	11,49	73	6,40	99	18,00
acima de 1000	2.144	0,66	1	0,09	4	0,73
total de nº de UPAs	324.601		1.141		550	

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI e IEA, Projeto LUPA 2007/2008, adaptado por Catia Ferreira, 2016.

Ao analisarmos as áreas das unidades produtivas (tabela 2), percebe-se que as pequenas propriedades, ou seja as UPAs com área de até 100 (ha) ocupam mais da metade do total do município de Conchas, com 55,98%, enquanto em Bofete a área ocupada pelos pequenos produtores é de apenas 23,91%, valor menor que do estado, que chega 31,28%.

⁹ Segundo o manual do Lupa (p.01), uma UPA é definida como:

- a) Um conjunto de propriedades agrícolas contíguas e pertencentes ao(s) mesmo(s) proprietários;
- b) Que estejam inteiramente localizadas dentro de um mesmo município, inclusive dentro do perímetro urbano;
- c) Com área total igual ou superior a 0,1 ha e;
- d) Não destinada exclusivamente para lazer. (Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Levantamento das Unidades de Produção Agropecuária – Sobre o LUPA, Estado de São Paulo, 2007/08 (LUPA), disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa/pdf/SobreLUPA.pdf>

¹⁰O extrato de área utilizado baseia-se nos intervalos de áreas utilizados por Oliveira em: OLIVEIRA, A. U. Agricultura Brasileira Transformações Recentes. In: Jurandyr Luciano Sanches Ross. (Org.). GEOGRAFIA DO BRASIL. SÃO PAULO: EDUSP, 1996, p. 466 – 534.

Tabela 2 - Estrutura Fundiária por área da UF - São Paulo e dos municípios de Conchas e de Bofete						
ESTRATO área (ha)	Total área - Estado	%	Total área Conchas	%	Total área - Bofete	%
menos de 10 (ha)	533.595,9	2,60	2.137	5,07	778,9	1,59
de 10 a 100 (ha)	5.880.046,9	28,68	21.472,9	50,91	10.910,9	22,32
de 100 a 1000 (ha)	9.666.015,17	47,14	17.032,5	40,38	28.669,3	58,66
acima de 1000 (ha)	4.424.448,67	21,58	1.539,9	3,65	8.515,3	17,42
total da área	20.504.106,64		42.182,3		48.874,4	

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI e IEA, Projeto LUPA 2007/2008, adaptado por Catia Ferreira, 2016.

Oliveira (2007) menciona que a concentração de terras é uma das características do capitalismo no campo, muitas vezes realizada com o objetivo de especulação, impedindo que um número expressivo da população tenha acesso à terra para viver e produzir. Esse autor menciona ainda que a concentração fundiária é a base fundamental dos problemas da questão agrária brasileira e a sua concentração ou distribuição é um dos indicadores da gravidade da questão agrária.

Conforme os dados do IBGE (2006), (tabela 3), a maioria dos estabelecimentos agropecuários dos municípios analisados e no Estado tem como condição do produtor a de proprietário¹¹. Apesar disso, ainda encontramos um percentual representativo de estabelecimento com arrendamento como condição legal em Conchas (7,91%), próximo ao valor do arrendamento do estado (10,16%). Já em Bofete essa condição diminui bastante, sendo de (1,29%). As condições de parceria e de ocupante se apresentam com baixo percentual no município de Conchas e no estado e, no caso do município de Bofete, ela não se apresenta em nenhum estabelecimento.

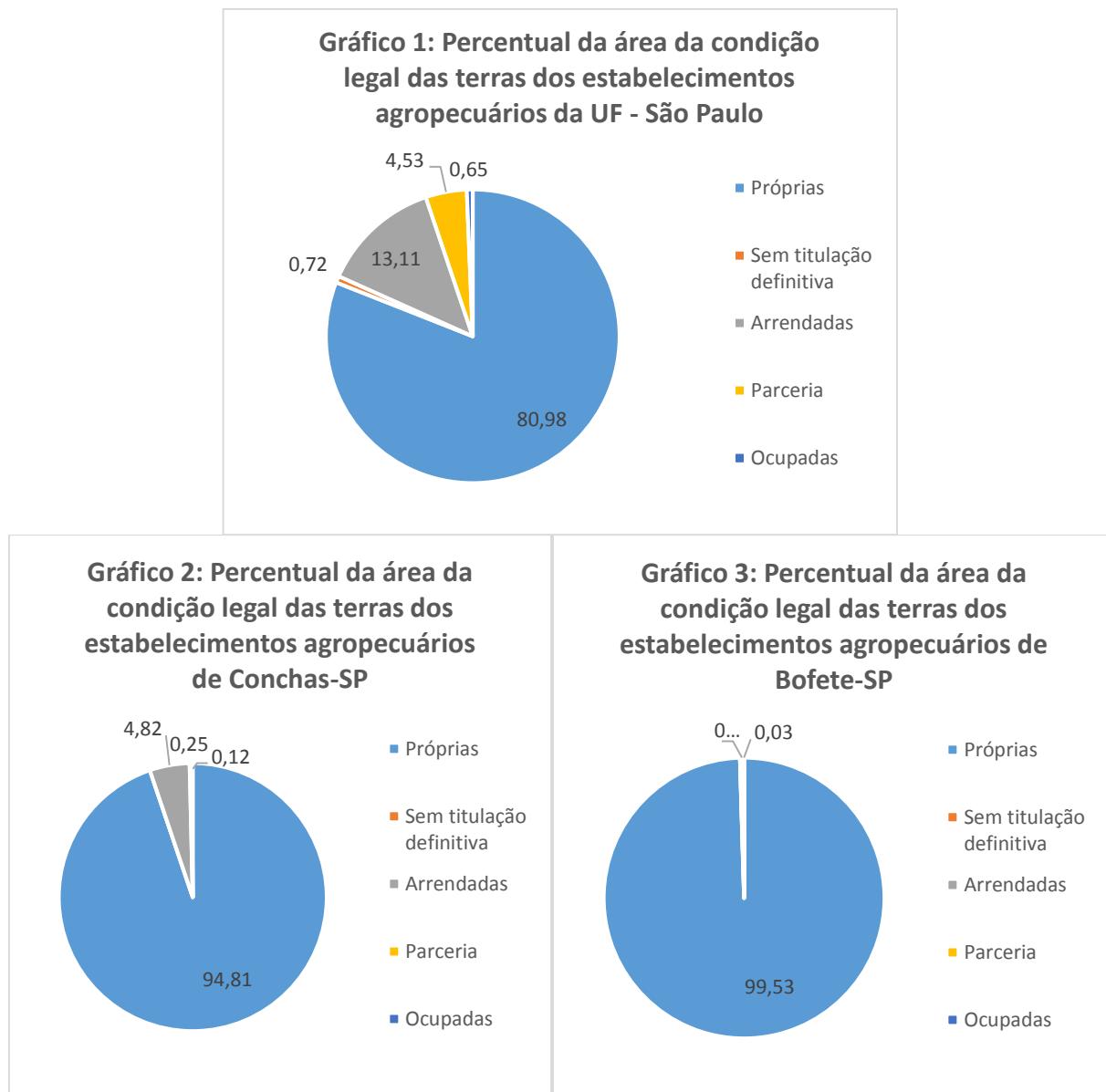
¹¹ Conforme o IBGE, os estabelecimentos agropecuários foram discriminados, segundo a propriedade das terras que os constituíam, nas seguintes categorias: Individual, Condomínio ou Sociedade de Pessoas, Sociedade Anônima, Sociedade Limitada, Cooperativa, Entidade Pública e Instituição Pia ou Religiosa.

Tabela 3- Condição legal das terras dos Estabelecimentos Agropecuários da UF São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete

Locais	Total de estabelecimentos	Próprias		Sem titulação definitiva		Arrendadas		Parceria		Ocupadas	
		Estabelecimentos	%	Estabelecimentos	%	Estabelecimentos	%	Estabelecimentos	%	Estabelecimentos	%
UF- São Paulo	227 622	193 111	84,84	7 291	3,20	23 137	10,16	3 860	1,70	7 034	3,09
Conchas	809	731	90,36	-	0,00	64	7,91	5	0,62	5	0,62
Bofete	232	221	95,26	-	0,00	3	1,29	-	0,00	3	1,29

Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

Os dados do IBGE, (gráficos 1, 2 e 3), nos revelam a área ocupada pelas diferentes condições legais dos estabelecimentos. Podemos destacar que as áreas dos municípios de Conchas e, principalmente, de Bofete, são ocupadas quase que totalmente com a condição de proprietário, com 94,81% e 99,53% respectivamente. O gráfico do estado mostra uma distribuição um pouco menos homogênea, 80,98% da área total são proprietários. As entrevistas com os camponeses nos mostraram que a maioria teve acesso à terra por meio de herança.



Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

Os dados do IBGE sobre as principais formas de utilização das terras, (tabela 4), indicam que no município de Conchas 91,35% dos estabelecimentos possuem pastagens naturais. Em Bofete esse percentual é de 59,05%, e no estado o percentual de estabelecimentos com pastagens naturais é de 39,14%. Vale destacar, conforme os dados da tabela abaixo, que no município de Conchas poucos estabelecimentos utilizam suas terras com lavouras permanentes e temporárias, sendo 1,98% e 3,83% respectivamente. Em Bofete 25,86% dos estabelecimentos possuem terras ocupadas com lavouras permanentes e 13,79% com lavouras temporárias, já os dados do estado nos mostram que 32,71% dos estabelecimentos agropecuários são ocupados com lavoura permanente e 37,80% com lavoura temporária.

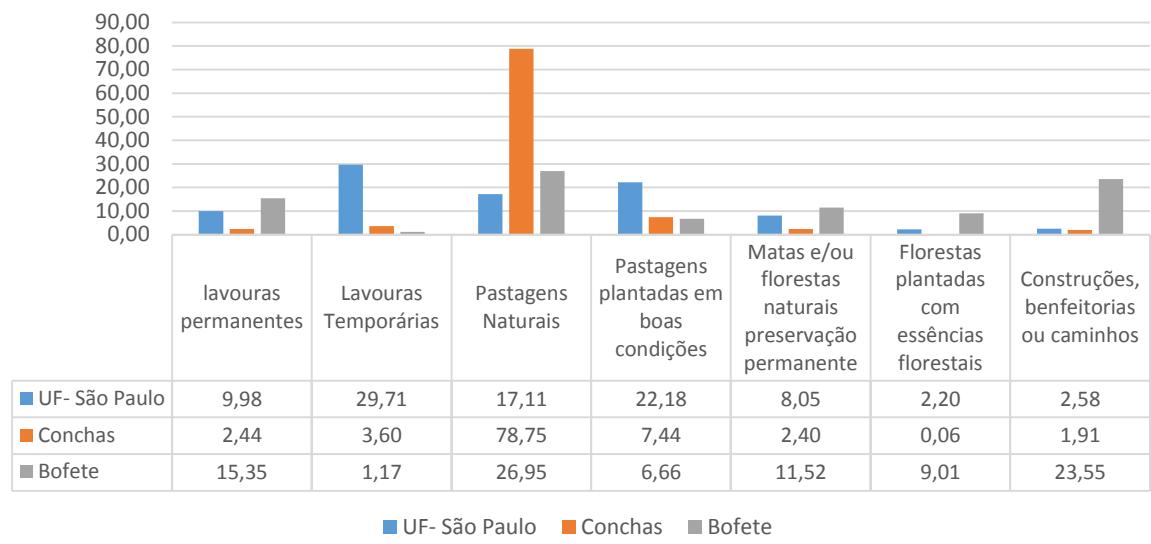
Tabela 4 - Principais formas de utilizações das terras (por estabelecimentos) da UF - São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete						
Utilização das terras (por estabelecimentos)	Estado		Conchas		Bofete	
	nº	%	nº	%	nº	%
lavouras Permanentes	74459	32,71	16	1,98	60	25,86
Lavouras Temporárias	86036	37,80	31	3,83	32	13,79
Pastagens naturais	89086	39,14	739	91,35	137	59,05
Pastagens plantadas em boas condições	71311	31,33	19	2,35	28	12,07
Matas e/ou florestas naturais de preservação permanente	63784	28,02	79	9,77	101	43,53
Florestas plantadas com essências florestais	6899	3,03	5	0,62	8	3,45
Construções, benfeitorias ou caminhos	141460	62,15	531	65,64	125	53,88
Total de estabelecimentos	227622		809		232	

Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016

Com relação à área da utilização das terras, os dados do Censo Agropecuário do IBGE de 2006 (gráfico 4) nos mostram que no município de Conchas a área ocupada por pastagens naturais em relação ao total de estabelecimentos agropecuários é de 78,75%. Esse percentual no município de Bofete é de 26,95%, e do estado é de 17,11%.

No que se refere à ocupação das áreas por lavouras temporárias, observamos que no município de Conchas ela é bem reduzida, chegando a 3,6% do total. Em Bofete elas ocupam apenas 1,7% da área cultivada, no estado o percentual da área ocupada por lavouras temporárias é de 29,71%. A área ocupada com lavouras permanentes é menor em relação às lavouras temporárias no município de Conchas, com o valor de 2,44%. Em Bofete o percentual da área total utilizada com lavouras permanentes é de 15,35%, no estado o percentual é de 9,98%.

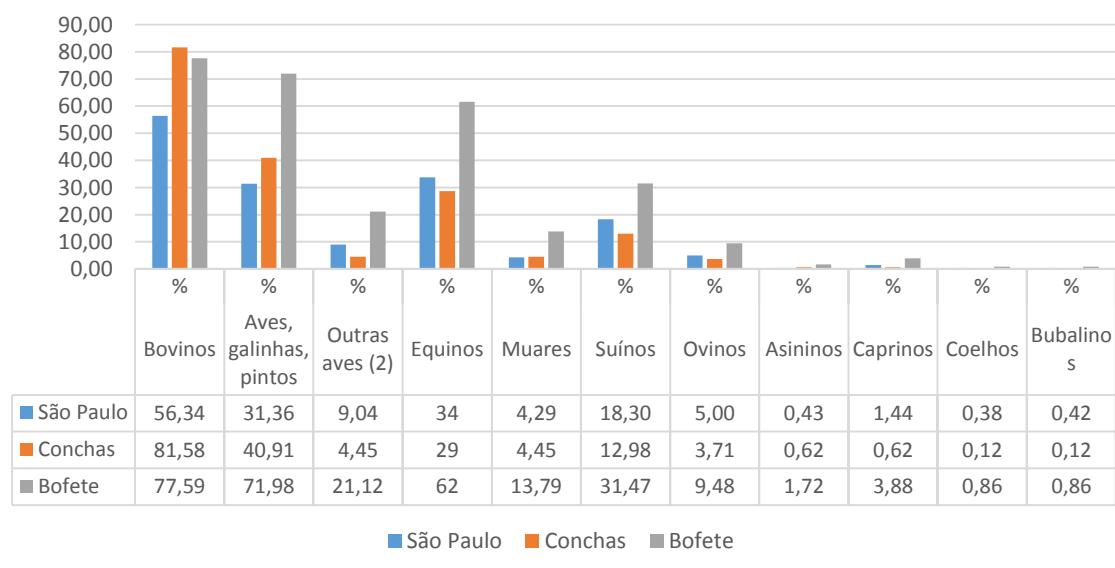
Gráfico 4: Principais formas de utilização de terras (% área) da UF- São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete



Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016

No que se refere à pecuária, observa-se, (gráfico 5), que no município de Conchas 81,58% dos estabelecimentos possuem efetivos de bovinos, no município de Bofete o percentual é de 77,59%, no estado o percentual fica em 56,34%. Com relação aos efetivos de aves, o percentual de estabelecimentos no município de Conchas é de 40,91%, já em Bofete o percentual é de 71,98%, no estado o percentual fica em 31,36%, indicando que o percentual desses efetivos é maior nos municípios em comparação com o estado.

Gráfico 5 - Percentual dos estabelecimentos por efetivos na UF e nos municípios de Conchas e Bofete



Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

Com relação aos estabelecimentos que se dedicam à pecuária leiteira, (tabela 5), o município de Conchas possui 17,92% dos estabelecimentos que se dedicam à essa atividade, já no município de Bofete o percentual é de 29,74% e no estado chega a 23,86%. Em Conchas, apesar do número de estabelecimentos que se dedicam à produção leiteira ser menor, a média de leite produzida é maior que nos demais locais analisados, ficando com uma média de 42.540 litros por ano, o que equivale a uma média 116,5 litros de leite/dia por estabelecimento. No município de Bofete a média de litros de leite por ano é de 18.080 litros, e a diária é de 49 litros por estabelecimentos, já no estado a média ano fica em 23.390 litros e com uma média por dia de 64 litros por estabelecimento.

A (tabela 5), abaixo, também nos indica que em relação à forma da venda do leite, no município de Conchas 98,62% dos estabelecimentos vendem o seu leite cru. Em Bofete esse percentual é de 88,41%¹² e no estado esse percentual é de 78,72%, indicando que o beneficiamento do leite, na maior parte dos casos, é realizado pela indústria, o que reduz a renda obtida pelo produtor.

Tabela 5 - Produção de leite de vaca na UF - São Paulo e nos municípios de Conchas e Bofete										
Locais	total de estabelecimentos	Produção e venda de leite de vaca nos estabelecimentos no ano								
		Produção					média de leite produzido por estabelecimentos (1000l) ano	Venda		
		Estabelecimentos	%	Vacas ordenhadas	Leite produzido (1 000 l)	média de litros por vaca/dia		Estabelecimentos	%	Leite cru (1 000 l)
UF- São Paulo	227 622	54 323	23,86	755 235	1 270 615	4,61	23,39	42 820	78,82	1 194 207
Conchas	809	145	17,92	3 567	6 169	4,74	42,54	143	98,62	6 154
Bofete	232	69	29,74	766	1 248	4,46	18,08	61	88,41	1 220

Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

¹² A tabela do IBGE sobre produção e venda de leite, menciona a quantidade de litros beneficiados nos estabelecimentos, mas não indica quantos estabelecimentos possuem essa atividade, na tabela também não há indicação do destino de parte da produção de leite, presume-se que seja para consumo próprio.

No que se refere ao rebanho avícola, no município de Conchas o percentual de estabelecimentos com efetivos de aves acima de 2000 cabeças¹³, (tabela 6), é de 31,40%; no município de Bofete esse percentual é 14,66% e na UF o percentual é de apenas 1,64%.

Tabela 6 - Efetivo da avicultura de corte (com mais de 2000 cabeças por estabelecimentos) na UF São Paulo e nos municípios de Conchas e Bofete			
	Estabelecimentos	% de estabelecimentos	Total de cabeças (1000 cabeças)
UF São Paulo	3 742	1,64	233 142
Conchas	254	31,40	4 700
Bofete	34	14,66	2 006

Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

No que se refere à forma de condução da agricultura, os dados do IBGE, (tabela 7), indicam que a agricultura camponesa¹⁴ está presente em mais de cinquenta por cento da maioria dos estabelecimentos dos locais analisados. No município de Conchas o percentual de estabelecimentos de agricultura familiar camponesa chega a 68,11%, em Bofete ele é de 57,76% e na UF o percentual chega a 66,34%.

Os dados analisados acima nos revelam que nos municípios de Conchas, Bofete os camponeses estão presentes. Conchas é predominantemente ocupado com pequenas e médias propriedades, sendo suas atividades principais a avicultura de corte e a pecuária leiteira. Essas atividades também estão presentes no município vizinho de Bofete, contudo, avicultura de corte aparece de forma menos expressiva. Além disso, Bofete possui a silvicultura como atividade significativa, atividade que em Conchas é menos expressiva.

¹³ Geralmente os estabelecimentos que possuem uma quantidade grande de efetivos de aves dedicam-se à avicultura de corte.

¹⁴ O IBGE utiliza o conceito de agricultor familiar, todavia a maioria dos elementos que definem o agricultor familiar, também são elementos que constituem o camponês, são os mesmos sujeitos, o conceito de agricultor familiar será utilizado quando for remeter-se aos dados estatísticos, a pesquisadora o considera como camponês ao longo do trabalho.

Tabela 7 - Estabelecimentos e área da agricultura familiar, segundo a UF - São Paulo e os municípios de Conchas e Bofete

Locais	total estabele-cimentos	total área	Agricultura familiar - Lei nº 11.326				Não familiar			
			Estabele-cimentos	%	Área (ha)	%	Estabele-cimentos	%	Área (ha)	%
UF São Paulo	227 622	16 954 949	150 900	66,29	2 500 267	14,75	76 722	33,71	14 454 682	85,25
Conchas	809	33 475	551	68,11	9 773	29,19	258	31,89	23 702	70,81
Bofete	232	35 829	134	57,76	2 356	6,57	98	42,24	33 473	93,43

Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

A avicultura de corte e a pecuária leiteira possibilitam a reprodução camponesa no município de Conchas, pois são atividades que necessitam de mão de obra dedicada e possibilidade de transferência de custos de produção¹⁵ aos camponeses, levando as indústrias à monopolização do território para assegurar o seu abastecimento a preços baixos. Nesse sentido, para Martins (1996) e Oliveira (2007) o capitalismo, na sua expansão, não só redefine antigas relações, subordinando-as à reprodução do capital, mas também engendra relações não capitalistas igual e contraditoriamente necessárias a essa reprodução.

Assim, contraditoriamente, o capitalismo destrói e, ao mesmo tempo, recria o modo de vida camponês. É por isso que podemos dizer, com Moura (1986, p.18), que

(...) o camponês adaptou-se e foi adaptado, transformou-se e foi transformado, diferenciou-se internamente, mas permaneceu identificável como tal. Teve suas formas de produção e organização de vida redefinidas e, em larga medida, postas a serviço de uma realidade estrutural mais poderosa: a engrenagem de reprodução do capital.

Podemos considerar que o campesinato não só perdura, mas se recria no seio do sistema capitalista. Essa permanente reprodução do campesinato no seio do modo capitalista de produção se dá exatamente pela necessidade que o próprio capital tem de relações que não são capitalistas para o seu desenvolvimento.

¹⁵ Geralmente, o custo da mão de obra é repassado para os camponeses nessas atividades ou nem é contabilizado na composição dos preços dos produtos.

Daqui para a frente passaremos a nos ocupar com mais atenção do que ocorre em Conchas. O próximo capítulo estudará a avicultura de corte no município, abordando sua origem e como ela se processa atualmente a partir da relações de produção dos camponeiros avicultores.

2. A AVICULTURA DE CORTE

A avicultura de corte é uma atividade desenvolvida no campo que evidencia as contradições do capitalismo. A partir de uma perspectiva contraditória, é possível afirmar que a avicultura de corte, ao mesmo tempo em que se constitui como uma estratégia do capital para garantir o abastecimento de aves, constitui-se numa alternativa a mais para os camponeses permanecerem na terra. Assim, podemos entender que a avicultura de corte com o processo de integração expressa as contradições do desenvolvimento desigual do modo capitalista de produção, principalmente na reprodução das relações camponesas de produção.

As relações camponesas de produção correspondem a um conjunto de práticas cotidianas, através das quais o grupo social, composto pela família, garante sua reprodução. O trabalho familiar é o principal elemento que caracteriza as práticas de produção camponesas, ou seja, é o motor, conforme Oliveira (2007), do processo de trabalho na unidade camponesa.

Tal fato transforma-o, nas palavras de Tavares dos Santos (1978), em um trabalhador coletivo, sendo a presença do trabalho familiar uma característica básica e essencial na produção camponesa. Além disso, essa característica se articula com outras possibilidades de relações de trabalho no seio da unidade camponesa para que se possa garantir a sua reprodução. Percebe-se que é justamente a especificidade do trabalho camponês, notadamente familiar, o fator que possibilita sua reprodução, ou seja, a força está na união.

O camponês, proprietário dos seus meios de produção, com ou sem a propriedade da terra, detém certa autonomia ao poder não se submeter à jornada de trabalho imposta pelo capitalista. Para ele, a terra, elemento fundamental da sua reprodução, não é uma simples mercadoria, mas *terra de trabalho*¹⁶, instrumento que lhe garante a reprodução da vida.

A força de trabalho familiar é o motor do trabalho na produção. Dependendo do tamanho da propriedade, da quantidade de membros da família, bem como do acesso a instrumentos tecnológicos que ajudam na produtividade, o camponês, segundo Tavares dos Santos (1978), pode não dar conta de todo o processo de produção. Neste caso, tendo a necessidade de complementação de força de trabalho externa para garantir o trabalho na propriedade, as

¹⁶ *Terra de trabalho* é uma expressão cunhada por José de Souza Martins no livro Expropriação e Violência, 1991. Esse conceito tem o sentido de terra para trabalhar, contrapondo-se ao conceito de *terra de negócio*, que direciona para o sentido de terra para explorar o trabalho alheio e para especular.

famílias recorrem a algumas alternativas para suprir tais necessidades, tais como a ajuda mútua e a contratação de trabalho assalariado temporário.

A ajuda mútua é uma prática que aparece no seio da produção camponesa de várias formas. A mais comum delas é o mutirão, mas pode aparecer também como troca de dias de trabalho entre os camponeses. Para Oliveira (1991, p. 56), a “ajuda mútua é a solução encontrada pelos camponeses para complementar o trabalho que a família não conseguiu realizar, pois, em geral, seus rendimentos monetários não permitem pagar trabalhadores continuamente”.

Segundo Mizusaki (2003), no caso da avicultura, vários são os condicionantes, para a construção de uma lógica que se efetiva através da subordinação dos camponeses e de suas propriedades ao chamado sistema de integração. Entre eles a autora cita a presença de mão-de-obra familiar, de matéria-prima disponível (soja e milho para a fabricação de ração) pela facilidade de transporte, a localização geográfica em relação aos grandes centros consumidores e aos frigoríficos, como também a participação do Estado em suas várias instâncias, como por exemplo nos financiamentos com taxas mais reduzidas voltados aos avicultores para a construção dos seus galpões.

A reprodução camponesa, a partir da sua relação com a avicultura de corte, por meio da relação de integração, pode também ser entendida como uma forma de subordinação camponesa ao capital. Por outro lado, essa integração permite ao camponês a manutenção da produção para auto consumo, realizada conjuntamente com a atividade avícola, revelando a dimensão não capitalista da propriedade camponesa. Esta produção para auto consumo é essencial para a garantia da existência camponesa, contribuindo para que eles permaneçam na terra.

2. 1 A avicultura

É no contexto do desenvolvimento tecnológico para a agropecuária como um todo que emergiu o processo produtivo da carne de aves. Segundo Sorj (1982), a avicultura industrial surgiu nos EUA nos anos de 1920, com a concentração das aves em galpões. Sua expansão se deu impulsionada por consequência das pesquisas bélicas da segunda grande guerra, *pari passo* com a chamada Revolução Verde, que se refletiu também nas pesquisas de 1960 e 1970, através das novas tecnologias para a realização de melhoramentos na produção dos ingredientes das rações, como a soja e o milho, bem como na criação de novos medicamentos.

Na América do Sul, conforme Espíndola (1996), a avicultura de corte foi internalizada, a partir dos anos 1960 e, nos últimos trinta anos, passou por profundas transformações no âmbito da sua estrutura produtiva, desde alterações genéticas nas linhagens das aves, bem como no milho e soja para as rações, como também nos produtos finais processados, reduzindo consideravelmente os preços em relação aos outros tipos de carne e proporcionando uma maior diversidade de produtos ofertados no mercado. Nas décadas de 1960 a 1980 ocorreram os programas de alteração genética, que envolveram a avaliação do número de ovos incubáveis, da taxa de eclosão e da capacidade de conversão alimentar.

O resultado das pesquisas foi a máxima capacidade de transformação de cereais em carne no menor tempo possível de criação (conversão alimentar), a redução da mortalidade, a diminuição da idade de abate e o aumento do peso médio. Segundo Sorj (1982), a vinda de linhagens de “avós”¹⁷ dos Estados Unidos para a produção local de matrizes, na década de 1960, juntamente com o programa de “galpões de mil frangos” - que visava a substituição da produção de aves soltas no quintal pelos galpões para produção em larga escala -, impulsionaram a produção de aves no Brasil, porém de modo ainda mais dependente da tecnologia estadunidense. A partir dos anos 1990, as pesquisas foram direcionadas para o aumento do rendimento das partes nobres das aves dentro da indústria, como por exemplo, na agregação de valor através dos produtos processados como as aves empanadas.

Sorj (1982) menciona que, o início da criação de aves no Brasil, com a característica mais independente, se deu primeiramente em São Paulo e Minas Gerais, no qual os granjeiros adquiriam os insumos no mercado, engordavam as aves e vendiam-nas para frigoríficos à sua escolha, onde era realizado o abate. Em 1964, foi implantado, pela empresa Sadia, o sistema de integração¹⁸, primeiramente no estado de Santa Catarina e depois para outras áreas.

Os compromissos assumidos no contrato de integração geralmente são bem estabelecidos. O avicultor entra na condição de fiel depositário dos produtos da empresa, como ração e pintos, devendo arcar com a infraestrutura e os custos de manutenção nos cuidados das

¹⁷ Aves geneticamente modificadas que gerarão as matrizes, as quais, por sua vez, gerarão os pintos de um dia, que são, estes sim, adquiridos pelos avicultores para serem criados em suas propriedades.

¹⁸ Em geral, por contrato de integração é designado o relacionamento de dependência direta entre produção agropecuária e empresa integradora, que pode ser formulada explicitamente através de contratos escritos, cadastros, ou mesmo oralmente. O conteúdo desses ‘contratos’ ou ‘pactos’, formulados juridicamente ou não, diz respeito substancialmente à exclusividade na aquisição dos insumos por parte do produtor rural, ao padrão tecnológico e manejo a ser posto em prática sob orientação e assistência técnica da empresa e, fundamentalmente, à exclusividade e garantia da produção agropecuária por parte da empresa integradora (SORJ; POMPERMAYER; CORADINI, 1982, p.41).

aves, responsabilizando-se pelos cuidados durante a sua fase de desenvolvimento, respondendo ainda pelos prejuízos que vierem a ocorrer. Responsabiliza-se pelos gastos com a cama do aviário¹⁹, o consumo de energia, água, gás, manutenções, seguros, vacinas, medicamentos, desinfetantes, incidências tributárias, previdenciárias ou trabalhistas, e todos os materiais despendidos na integração. A empresa, por sua vez, responsabiliza-se por fornecer os pintos de um dia, ração, assistência técnica, vender os medicamentos, desinfetantes, vitaminas e remunerar o integrado, após a entrega das aves. O prazo para pagamento das empresas integradoras aos camponeses, pela entrega das aves, varia de acordo com a empresa, podendo ser à vista ou em prazos maiores, como por exemplo, sessenta ou noventa dias após a entrega do lote.

Analizando sob o prisma da infraestrutura no setor de avicultura de corte, existem três formas gerais de galpões: os galpões convencionais, os galpões semiclimatizados e os galpões climatizados.

Os chamados *convencionais*, que possuem tamanho variado, com sistema de alimentação e tratamento manual ou automático, campânulas de gás para aquecimento manuais, bebedouros do tipo *nippe* ou pendulares, sistema de refrigeração feito através de ventiladores, nebulizador manual e silos internos de madeira, com capacidade média para alojar até 10,8 aves por m².

Os galpões *semiclimatizados* possuem geralmente capacidade de 14,5 aves por m², sistema de climatização do ambiente mais sofisticado que o convencional devido à total cobertura com lona do teto e das laterais do aviário, sistema de nebulização manual, sistema de ventilação através do uso de ventiladores e, geralmente, sistema de alimentação automático, com silo de carga e descarga e aquecimento à gás ou à lenha.

Por fim, os galpões *climatizados*, que possuem capacidade média de 17 aves por m², estrutura de concreto totalmente fechada por cortinas especiais que evitam absorção de calor e entrada de ar por uma das laterais do aviário, onde se encontram placas, denominadas de *ped cooler*, que fazem com que o ar entre úmido dentro do aviário. Por outro lado, o ar interior é constantemente renovado, pois é sugado para fora através de exaustores que substituem os

¹⁹ Substrato que forra a granja para a entrada dos pintinhos, composto por derivados de subprodutos industriais ou restos de culturas agrícolas como: marvalha; resíduos de beneficiamento industrial da madeira; sabugo de milho triturado; casca de arroz; palhadas de culturas em geral; fenos de gramíneas e cascas de amendoim.

ventiladores. A temperatura é controlada de forma automática ou manual, com sistema de alimentação, geralmente, automático.

Apesar dos diferentes tipos de galpões, na maioria das propriedades dos camponeses tem-se os galpões convencionais, devido, principalmente, ao alto custo de implantação dessas estruturas, exigindo maior dedicação e tempo de trabalho para os cuidados com a criação. Existe a necessidade de uma dedicação integral ao trabalho com as aves, seja durante os finais de semana, seja durante a madrugada, pois qualquer mudança de tempo pode ocasionar a morte de dezenas de aves devido à fragilidade e sensibilidade das aves às mudanças bruscas de temperatura. Assim, segundo Mizusaki (2003), não é o tempo da primeira natureza que dita o ritmo de trabalho, mas o das aves, ou seja, tempo reproduzido conforme o ritmo imposto pela biotecnologia. A característica dessa atividade, segundo a autora, tem alterado também a relação com a família, pois há sempre a necessidade de alguém ficar cuidando do aviário para que não haja descuido com as aves. Assim, os momentos de lazer com a família nos finais de semana ficam prejudicados, e só se torna possível entre a entrega de um lote e o recebimento de outro. Esse período pode variar entre quatro dias à três semanas, em decorrência da necessidade do frigorífico.

Ao mesmo tempo em que a ave industrial é gerada a partir de aves geneticamente modificadas, através da aplicação de alta tecnologia que permite aumentar a sua produtividade, a fragilidade em relação aos agentes externos devido à baixa resistência das aves a bruscas mudanças exige maiores cuidados no seu tempo de criação, o que leva as empresas integradoras, em grande parte dos casos, a preferir os camponeses na produção das aves, através de contratos de integração, ao invés de contratar trabalhadores assalariados para realizar a criação das aves. Um dos motivos é o considerado maior cuidado e dedicação no trato com as aves, pois os camponeses tratam as aves, como os demais animais de sua propriedade, como se fossem suas. Além disso, manter trabalhador assalariado aumentaria o custo de produção, pois o cuidado com as aves é ininterrupto e exigiria mais de um trabalhador por galpão, mesmo que este fosse pequeno.

Os cuidados com os lotes se acentuam no início e no final da criação das aves. No início o trabalho é com a chegada dos pintinhos, sua acomodação nos galpões e suas primeiras semanas, que exigem um controle maior da temperatura, o que faz com que o tempo de trabalho despendido nessa fase seja integral. Na fase final, quando a ave já está com muito peso, ele exigirá novamente maior atenção do camponês avicultor, uma vez que, devido à elevada ingestão de produtos químicos na alimentação, qualquer descuido poderá provocar altos índices

de mortalidade. O avicultor precisa estar sempre circulando no aviário para evitar que as aves se amontoem e para estimulá-las a comer e beber.

Completado o seu período de desenvolvimento, é necessária a retirada das aves, que deve ser realizada à noite, enquanto a ave dorme, o que torna possível retirá-las sem assustá-las. Nessa atividade são necessários os apanhadores de aves, cujo trabalho consiste em retirar as aves dos galpões e colocá-las nos caminhões para serem enviados aos abatedouros. Cada apanhador segura pelos pés três ou quatro aves em cada mão, sendo esta uma atividade que requer muito esforço físico. A retirada das aves pode ser feita através da terceirização, da contratação de diaristas e também através da troca de dias de trabalho com outros camponeiros criadores. A troca de dias é o indicativo da ajuda mútua, prática comum entre os camponeiros, uma forma de não dispensar dinheiro nessa atividade e, por consequência, de aumentar um pouco os ganhos.

Depois de completada a retirada das aves, é preciso desinfetar o barracão, retirar as sobras do silo e também a cama do frango²⁰. A cama do frango pode ser utilizada pelo avicultor, vendida para terceiros ou mesmo para a empresa integradora, o que varia de acordo com o estabelecido pelo contrato de integração.

O que se vê é que o processo de produção de aves e de seus subprodutos envolve uma complexa teia de relações. Para Mizusaki (2003), a produção de aves compreende um conjunto articulado de relações de produção que envolve renda da terra, capital, trabalho assalariado, campesinato, proprietários de terra, capitalistas e Estado, bem como tecnologia, ciência, poder, espaço, tempo, sociedade, natureza e cultura. São vários, portanto, os momentos e as relações envolvidas no processo, incluindo não somente o processo de trabalho e a formação de valor, mas também, as relações de sujeição do capital no campo, que emerge dentro do modo de produção capitalista.

No caso da avicultura, a sujeição da renda da terra ao capital se efetiva, em parte, através da subordinação dos camponeiros ao chamado contrato (escrito ou verbal) de integração. Além disso, ocorrem formas indiretas de subordinação, através, por exemplo, da dependência do criador das aves em relação ao capital financeiro, quando realiza o financiamento para a construção dos barracões, bem como em relação aos equipamentos e medicamentos necessários

²⁰ Forragem, que se misturou com as fezes das aves e serve para adubar plantações e, eventualmente, alimentar o gado.

e fornecidos pela empresa integradora, gerando a subordinação e dependência ao capital industrial.

Conforme Sorj (1982), o processo de integração carrega consigo uma dupla consequência aos camponeses: ao mesmo tempo em que é um mecanismo de monopolização, que assegura o abastecimento das empresas integradoras, garante, contraditoriamente, a reprodução camponesa. Nesse mesmo sentido, Mizusaki (2003, p. 263) também considera que o modo de vida camponês, contraditoriamente, tem possibilidade de manutenção nesse sistema de integração, pois,

Como evidência desse movimento contraditório que se observa no campo, basta considerarmos que, em todas as propriedades visitadas²¹, verificamos que a avicultura assume um caráter de complementaridade para o avicultor. Tanto no caso do avicultor camponês como no caso do avicultor capitalista, a avicultura não constitui uma única atividade desenvolvida por eles. É dessa lógica que se alimenta o capital industrial avícola. Por constituir-se em uma atividade que sofre diretamente as oscilações do mercado, como excesso de oferta ou aumento nos custos de produção com a alta no preço do milho, caracterizando uma atividade instável, evidentemente que os custos produtivos são sempre repassados para o avicultor, através do mecanismo de sujeição da renda da terra. Nesse sentido, o fato de o avicultor desenvolver outra atividade é o mecanismo que permitirá à empresa apropriar-se de toda a renda obtida na avicultura, quando for necessário. Se considerarmos que o trabalho familiar ainda apresenta expressividade na atividade, podemos então, ter uma ideia da importância e do papel da renda da terra e dessa categoria de produtores na avicultura.

O que se vê com a atividade avícola é o quão fundamental se torna para o modo de produção capitalista ter em seu processo produtivo as unidades familiares camponesas, também elas unidades de produção fundamentadas, porém, em outra lógica. Nelas o trabalho não é mediado pela perspectiva do lucro, mas pelas possibilidades de satisfação das necessidades da família, ocorrendo com isso que a família não se dedica apenas à avicultura, mas pode também plantar milho, soja, ter a sua horta, o seu gado, o que leva à complementariedade das atividades

²¹ Mizusaki estudou alguns camponeses avicultores dos seguintes municípios do Mato Grosso do Sul: Aparecida do Taboado (frigorífico Frango Ouro), Terenos (frigorífico Frango Vit), Sidrolândia (frigorífico Seara Alimentos), Dourados e Itaporã (frigorífico Avipal), Caarapó (frigorífico Doux-Frangosul) e Itaquiraí (frigorífico Frandelle).

e, como consequência, faz com que essas outras atividades “ajudem” nos momentos de crise na avicultura.

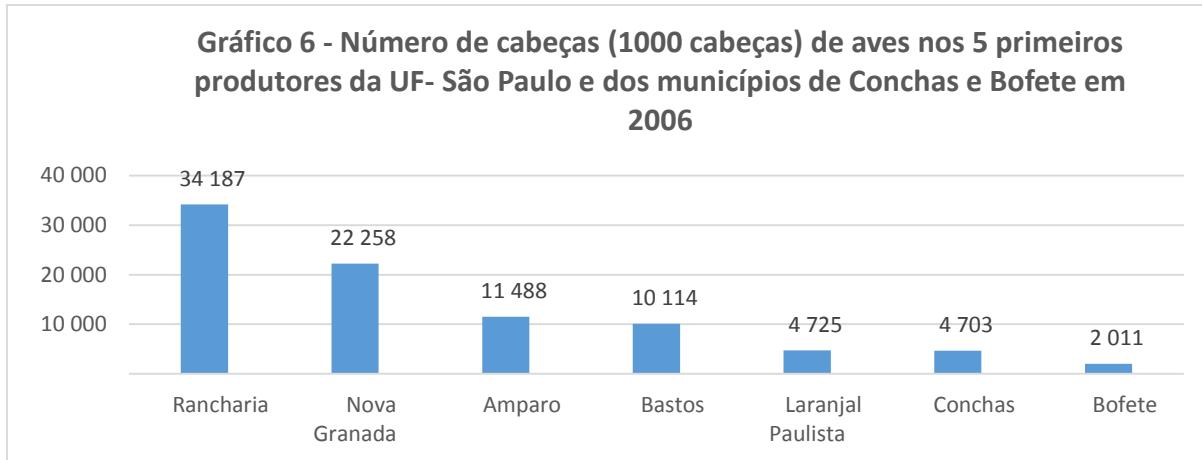
Nesse sentido, Mizusaki (2003) aponta que não é apenas a renda da terra na avicultura propriamente dita que fica sujeita ao capital industrial, mas sim, toda a unidade produtiva, o que permite que a empresa transfira para esse setor os custos produtivos, principalmente em momentos de conjuntura econômica desfavorável para a atividade. É essa lógica que faz com que o capital industrial não se territorialize na avicultura, optando, assim, por monopolizar o território.

2.2 A avicultura de corte em Conchas SP

Conforme o censo do IBGE de 2006, dos 809 estabelecimentos agropecuários, 331 estabelecimentos criam aves, o que equivale a, aproximadamente, 41% dos estabelecimentos, somando 4.703.000 de cabeças. Já no que se refere ao estado de São Paulo, do total dos seus 227.622 estabelecimentos, 71.374 criam aves, o que equivale a 31,3% dos estabelecimentos, totalizando aproximadamente, 236.149.000 cabeças. A avicultura do município corresponde a, aproximadamente, 2% da avicultura do estado de São Paulo.

De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, do IBGE, Conchas é o sexto município em número de aves, (gráfico 6), sendo o município que, em números absolutos, possui a maior quantidade de estabelecimentos com avicultura de corte, com 331 estabelecimentos.

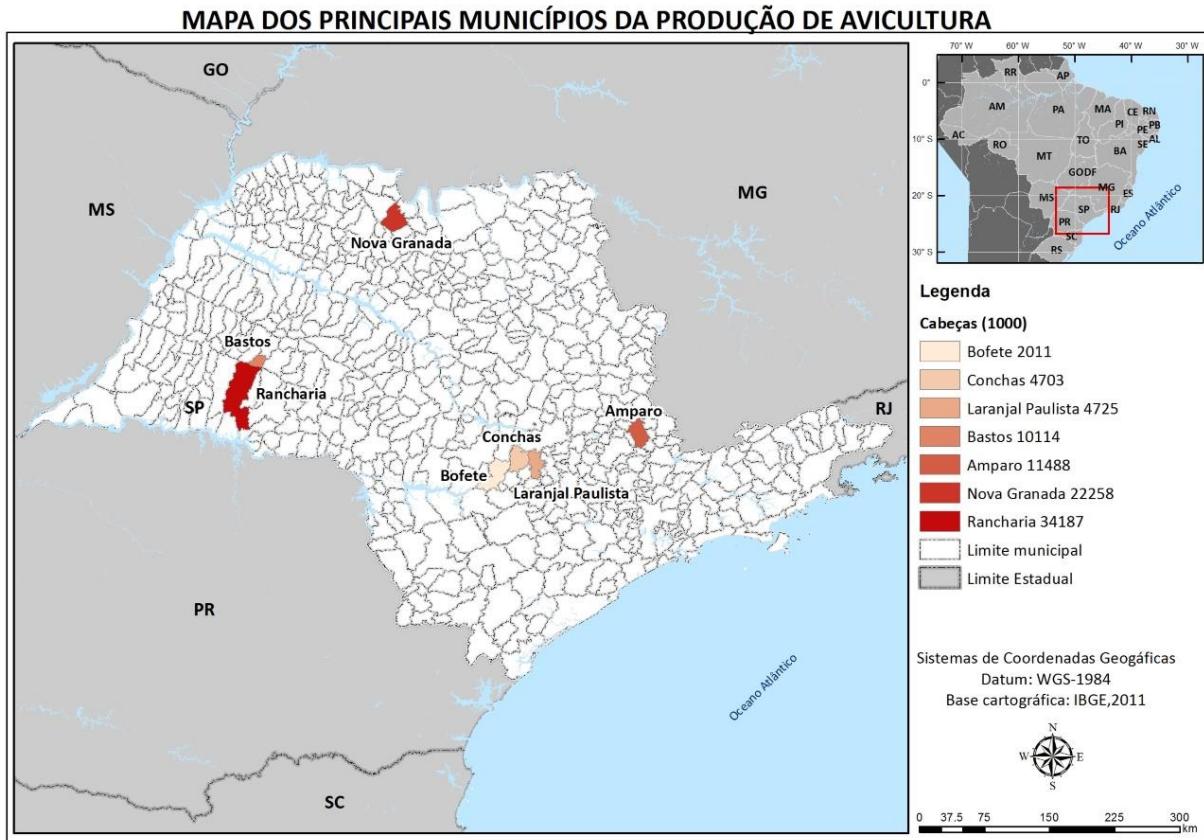
Analisaremos nesse subcapítulo a avicultura de corte em Conchas em comparação com os cinco maiores produtores do estado de São Paulo e também com Bofete, que apesar de ser o vigésimo município produtor de aves do estado em 2006, foi escolhido para comparação, tanto no primeiro capítulo quanto no próximo da pecuária leiteira, por ser o município estudado por Cândido (2001), e que serviu de base para a produção desse trabalho.



Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

Podemos observar ainda no (gráfico 6) que os dois principais municípios produtores de aves, Rancharia e Nova Granada, chegam a ter o dobro do número de aves do que os municípios de Amparo e Bastos. Os dois municípios principais chegam ainda a ter, aproximadamente, até oito vezes mais aves que os municípios de Laranjal Paulista e Conchas, que possuem quantidades de aves aproximadas.

O (mapa 2) nos mostra a localização dos principais municípios produtores de aves, indicando uma tendência da atividade em se concentrar em municípios próximos. Isso fica evidente com os municípios de Rancharia e Bastos, de um lado, e com os municípios limítrofes de Conchas, Bofete e Laranjal Paulista, de outro. Devido à fragilidade das aves e para redução dos custos de transporte com ração, aves adultas e pintinhos, os frigoríficos tendem a atuar em vários municípios de uma mesma região e isso evidencia a monopolização do território pelo capital, conceito usado por Oliveira (2007), ou seja, ao invés do capital se territorializar, essa forma de apropriação da renda da terra pelo capital se dá na subordinação da produção pela circulação.



Mapa 2: Fonte: IBGE, adaptado por Catia Ferreira, 2016.

O percentual dos demais estabelecimentos que criam as aves, (tabela 8), indica que apenas 19% dos estabelecimentos de Rancharia trabalham com aves de corte, no município de Nova Granada possui o maior percentual, dentre os municípios analisados, com 43%, Amparo tem 22%, o município de Bastos possui 39%, Laranjal Paulista com 42% e por fim Bofete com, aproximadamente, 15% dos estabelecimentos com avicultura de corte.

Tabela 8 - Estabelecimentos com aves de corte dos cinco maiores produtores da UF São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete em 2006

Municípios	total de estabelecimentos	Estabelecimentos - com aves de corte	%
Rancharia	753	142	19
Nova Granada	603	260	43
Amparo	621	138	22
Bastos	377	147	39
Laranjal Paulista	455	193	42
Conchas	809	331	41
Bofete	232	34	15

Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

Analizando os dados da agricultura camponesa, (tabela 9), abaixo, percebemos que todos os sete municípios possuem agricultura camponesa bem acima dos cinquenta por cento

dos seus estabelecimentos, contudo a área ocupada por ela é em cada um dos municípios estudados é bem menor do que aquela ocupada pela agricultura capitalista.

Tabela 9 -Agricultura familiar e não familiar dos cinco maiores criadores de aves da UF São Paulo e dos municípios de Conchas e Bofete										
Municípios	Total Estabelecimentos	Área total	Agricultura familiar				Não familiar			
			Estabele-cimentos	%	Área (ha)	%	Estabele-cimentos	%	Área (ha)	%
Rancharia	753	139 541	469	62	10 979	8	284	38	128 141	92
Nova Granada	603	34 847	419	69	9 514	27	184	31	25 333	73
Amparo	621	26 978	364	59	4 774	18	257	41	22 204	82
Bastos	377	14 721	265	70	3 859	26	112	30	10 734	73
Laranjal Paulista	455	17 542	274	60	4 399	25	181	40	12 925	74
Conchas	809	32 870	551	68	9 773	30	258	32	23 097	70
Bofete	232	35 829	134	58	2 356	7	98	42	32 834	92

Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

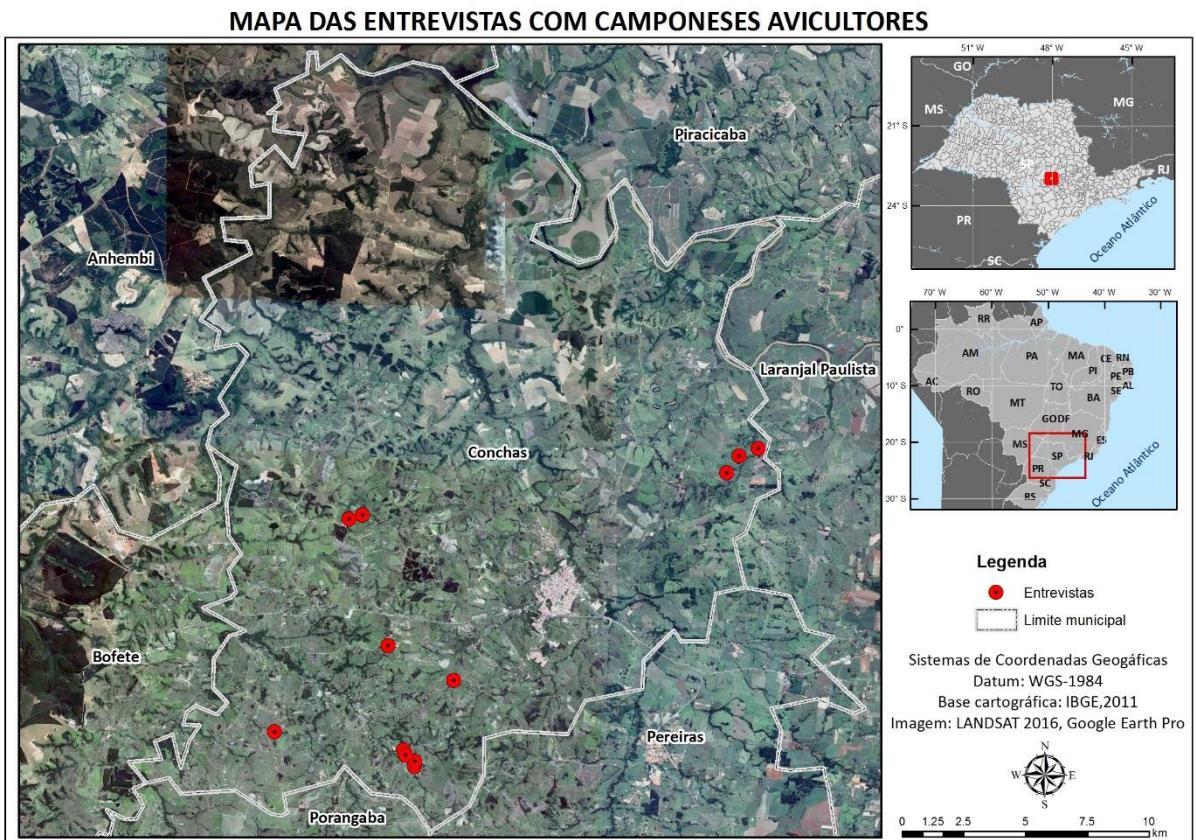
A área ocupada com agricultura camponesa nos municípios de Bofete, Rancharia e Amparo são de 7%, 8% e 18% do total de área do município. Já nos municípios de Conchas, Nova Granada, Bastos e Laranjal Paulista, a agricultura camponesa ocupa um percentual de área maior, com 30%, 27%, 26% e 25%, respectivamente. Nota-se que os municípios em que a agricultura camponesa ocupa menor área do total de área do município são, com exceção de Bofete, os municípios em que a avicultura de corte é expressiva, com maiores concentrações na produção de aves, indicando também a presença da agricultura capitalista da avicultura de corte nesses municípios.

2.3 Sobre os camponeses avicultores de Conchas

Durante nossa pesquisa de campo, realizada em 2013, foram entrevistados doze camponeses de seis bairros rurais diferentes no município de Conchas, para buscar entender a dinâmica da produção de aves na região. Nos bairros rurais de Santa Terezinha, Lopes e Aflitos/Binos foi entrevistado um camponês de cada bairro; no bairro Bom Retiro foram entrevistados quatro camponeses; no bairro Pará/Parazinho foram entrevistados três camponeses e no bairro Boa Vista foram entrevistados dois.²²

²² Dados coletados pela autora em maio de 2013.

A distribuição das propriedades no município pode ser observada no (mapa 3) abaixo. O maior ou menor número de entrevistados decorreu da maior ou menor facilidade de deslocamento para alcance das propriedades. Apesar de quantitativamente as entrevistas serem poucas, as informações colhidas contribuíram para enriquecer qualitativamente o trabalho.



Mapa 3: Fonte: dados coletados nas propriedades dos camponeses entrevistados, Catia Ferreira, maio de 2013.

A força de trabalho

A força de trabalho familiar diretamente ligada às atividades da granja possui entre 14 e 80 anos, sendo grande parte na faixa dos 20 aos 50 anos. A maioria das propriedades visitadas tem mais de cinco membros da família morando na propriedade e quase todos trabalham conjuntamente, tanto na granja quanto nas outras atividades da propriedade, sem distinção. Tal característica decorre do fato de que para o camponês não há hierarquia entre as atividades, pois as atividades não são especializadas, diferentemente do trabalho assalariado, normalmente fracionado e especializado dentro do processo produtivo.

A propriedade da terra

Com relação à origem da propriedade, nove das doze propriedades visitadas era fruto de herança, duas foram adquiridas através de compra e em uma a informação não foi possível de ser apurada, pois a trabalhadora assalariada não soube nos informar. Das propriedades entrevistadas, a mais antiga iniciou sua atividade na avicultura de corte no final da década de setenta. Cinco dos entrevistados iniciaram a atividade de criação das aves na década de oitenta, quatro na década de noventa e três no início dos anos 2000, sendo a mais recente em 2012. O motivo que levou a maioria a se dedicar à criação de aves foi a falta de melhor opção de renda na região.

A construção dos galpões

Nenhum dos entrevistados teve ajuda financeira da empresa integradora na construção dos galpões para abrigar as aves. A maioria investiu dinheiro próprio na construção dos galpões para o início da atividade e apenas um camponês obteve ajuda, através de financiamento, para a construção do galpão, essa foi a propriedade que iniciou a atividade da avicultura de corte mais recentemente, em 2012.

Dez dos doze entrevistados possuem galpões manuais, ou seja, todo o trabalho de reposição da alimentação e do controle da temperatura da granja é feito manualmente. Nesses casos as propriedades produzem entre 6 mil e 20 mil cabeças de aves/lote e a quantidade de pessoas da família envolvida na atividade avícola varia entre duas e cinco pessoas. Das duas propriedades totalmente automatizadas, (figura 4), a produção total da propriedade varia entre 46 mil e 70 mil cabeças por lote, ou seja, produzem essa quantidade de aves a cada intervalo de 42 a 48 dias, e a quantidade de pessoas que se dedicam para atividade da avicultura de corte é de duas pessoas nas duas propriedades.



Figura 4: Galpões automatizados, bairro dos Aflitos, foto: Catia Ferreira, 2013.

A rotina de trabalho

Como já foi dito anteriormente, para camponeses, do período médio de 45 dias empregados na criação de um lote de frango de corte, os primeiros 15 dias são os mais trabalhosos e exigem dedicação de praticamente 24 horas da família, pois nessa idade as aves exigem um controle rigoroso da temperatura, que tem que estar entre 32 e 35°C (figura 5). Nessa etapa os camponeses têm que lavar todos os bebedouros diariamente e mexer em todos os comedouros várias vezes ao dia, para estimular os pintinhos a comer. Além disso, deve, conforme mencionado anteriormente, ficar atento à temperatura do galpão.



Figura 5: Pintinhos alojados em círculos, bairro dos Lopes, Foto: Catia Ferreira, 2013.

Quando o lote fica numa idade intermediária, por volta dos vinte e cinco a trinta dias, o camponês não necessita abastecer os comedouros e ou lavar os bebedouros diariamente. Segundo os entrevistados, nesta etapa a ração é reabastecida a cada dois ou três dias e os bebedouros lavados a cada três dias. É preciso, porém, que diariamente o camponês faça a vistoria no galpão para ver como as aves estão.

No final da criação, quando as aves já estão grandes, (figura 6), os lotes também exigem uma atenção maior em relação à temperatura no galpão, pois as altas temperaturas e a baixa ventilação do galpão podem levar à morte de parte das aves, o que irá prejudicar a conversão geral do lote de ração para carne e resultar na diminuição do preço pago por cabeça de ave que o camponês entregar à empresa integradora.

Quanto à necessidade de trabalhador extra em alguma etapa da produção das aves, dos doze entrevistados, apenas dois disseram que necessitam de trabalhador extra em etapas específicas do processo de criação: um para receber os pintinhos, sendo o trabalhador

contratado pago por hora trabalhada, e outro para ensacar a cama do frango²³. Os demais usam apenas a força de trabalho familiar para a realização de todas as atividades de criação das aves.



Figura 6: Fase final da criação com aves de mais de quarenta dias, bairro Pará. Foto: Catia Ferreira, 2013.

Nenhum camponês avicultor soube explicar com exatidão todos os cálculos que as empresas estabelecem para determinar o preço final a ser recebido pelo lote entregue. Além da conversão da ração recebida para o peso adquirido pelo frango, incutem-se diversos fatores, como viabilidade do lote²⁴, o total de mortalidade das aves²⁵ e a idade do frango.

Segundo os entrevistados, o processo de retirada das aves até, aproximadamente, o ano 2000, era feito na forma de troca de dias de trabalho, sistema através do qual o granjeiro solicitava a ajuda dos vizinhos para a realização da atividade. Quando o vizinho também se dedicava à atividade, o pagamento era feito através da troca do dia de serviço na atividade de

²³ Substrato que forra a granja para a entrada dos pintinhos.

²⁴ Segundo alguns entrevistados, as empresas integradoras têm o controle do tipo de ave que cada produtor recebe. Assim, quando um lote chega à propriedade, já se sabe se aquela ave responderá bem ou não à ração que comerá. Neste caso, fica a critério das empresas a distribuição dos lotes que mais respondem à alimentação. Segundo um dos entrevistados, pelo menos um lote ruim é recebido no ano.

²⁵ Segundo alguns entrevistados, o percentual aceitável de mortalidade de cada lote deve ser em torno de 3% no máximo. Acima desse valor a variação da conversão pode ser afetada e prejudica o preço por frango produzido.

retirada das aves, ou seja, o camponês que recebeu a ajuda num dia, se comprometia a ajudar o vizinho quando fosse a sua vez de retirar as aves, o que se configura como pagamento de renda em trabalho. Quando o vizinho não se dedicava à avicultura, o trabalho era pago com aves, o que se configura como renda em produto.

A partir dos anos 2000, a retirada das aves ficou sob a responsabilidade das empresas integradoras, e os entrevistados não souberam responder qual o valor descontado do preço final recebido pela ave por conta do custo da mão de obra para a retirada das granjas. Podemos considerar que isso se deve ao fato, conforme as entrevistas, de que os camponeses não conseguem entender os cálculos que as empresas integradoras utilizam para determinar o preço final a ser pago. Abaixo, a figura 7) apresenta o resultado da entrega do último lote por um dos entrevistados.

RESULTADO INTEGRADO			<i>Aparecido Lacaro eent</i>
HONOTE			
Alojadas:	5352 Rac.	Retornos:	1060
Abatidas:	5120 Rac.	Consumo:	26870
Mortalid.	232 Total	Kilos:	12894
Percent.	4.33	Conversao :	2.0839
M.Fichas	232	Ganho P. :	0.0572
Difer :	0	Fator :	2.6260
P.Medios	2.5183	Basico :	
Idade :	44.0	Preco Aves:	0.2638
Viabil:	95.67	Receber:	1.350.65
Descr:	0.00	Dt Saidas:	08/04/2011

Figura 7: Demonstrativo de cálculo para determinar o preço final a ser recebido pelo lote entregue, foto: Catia Ferreira, 2013.

Com relação ao destino da cama do frango, todos responderam que ela é utilizada como esterco para o pasto e também como adubo na plantação de milho ou sorgo, para a silagem. Nenhum deles possui contrato para entrega da cama para a empresa integradora e apenas um mencionou que além de usar parte no pasto, vende o que sobra como esterco.

Todos os entrevistados possuem outra produção que também comercializam. Dos doze entrevistados, onze trabalham com pecuária leiteira, sendo esta a principal atividade em oito propriedades. A avicultura de corte aparece como principal atividade em três propriedades e em uma é a pecuária de corte a principal atividade. Um entrevistado arrenda parte da propriedade para terceiros para o cultivo da cana e outro trabalha com apicultura e madeira. As empresas que recebem o leite dos entrevistados são a Gege, com laticínio em Pardinho, e a Colaso, com laticínio em Sorocaba.

Com relação à produção estritamente para o consumo da família, das doze propriedades visitadas apenas duas propriedades não produzem nada para o autoconsumo, sendo que em uma delas o entrevistado mora com a esposa que está doente, e era ela quem cuidava dessas atividades e, na outra, o entrevistado mora sozinho e paga o funcionário para cuidar da granja e do leite. Os demais entrevistados possuem horta, criação de porcos e de galinhas para o consumo, normalmente criadas soltas no terreiro ou quintal de casa, (figura 8).

A produção para o autoconsumo serve ao capital, que se utiliza de relações não capitalistas de produção para se reproduzir, pois os camponeses não dependem apenas da avicultura de corte para a garantia da sua existência, permitindo que as empresas integradoras rebaixarem o valor pago pelas aves, apropriando-se, assim, da renda camponesa. Ao mesmo tempo, a produção para autoconsumo é uma maneira do camponês ter certa autonomia, colaborando para a sua permanência na terra. A produção destinada ao autoconsumo pode ser considerada como uma das mais importantes estratégias de reprodução camponesa.



Figura 8: Animais criados para o consumo da família em uma das propriedades visitadas no bairro Boa Vista, foto: Catia Ferreira, maio de 2013.

Empresas Integradoras

Todos os entrevistados trabalham com o sistema de integração desde que passaram a dedicar-se à avicultura de corte e nenhum soube mencionar a existência de granjeiros no município de Conchas que trabalhem fora do sistema de integração. As primeiras empresas avícolas se instalaram na região na década de 1970, a exemplo da empresa Rosaves, que iniciou suas atividades em 1970, e da empresa Céu Azul, que iniciou suas atividades em 1974, ambas em Pereiras-SP, município limítrofe ao de Conchas.

Atualmente, as empresas integradoras que trabalham no município são: AlliZ (Zanchetta Alimentos), com sede em Boituva-SP, à qual três dos entrevistados estão integrados; ROSFRAN, com abatedouro em Laranjal Paulista-SP, integrando com três dos entrevistados; Rigor Alimentos, com abatedouro em Jarinu-SP, sem integrado entre os entrevistados, embora os entrevistados tenham mencionado que alguns camponeses do município iniciaram a sua experiência de integração com essa empresa; Granja Roseira, Rosaves e Céu Azul, todas localizadas no município de Pereiras-SP com, respectivamente, quatro, um e um dos entrevistados integrados a elas. Além dessas empresas, já atuaram na região as empresas Ninho

Verde e Frango Forte, ambas de Tietê-SP e a Top Frango, pertencente ao grupo Frango Forte, localizada em Conchas. Essas últimas, conforme os entrevistados, faliram.

O processo de falência que mais prejudicou os granjeiros de Conchas foi o da empresa Top Frango, ocorrido em 2009. Metade dos camponeses entrevistados não recebeu o pagamento de alguns lotes entregues pois, como o pagamento era feito com um prazo médio de 120 dias, a empresa conseguiu ocultar as dificuldades pelas quais passava e obter outros lotes produzidos pelos camponeses sem honrar os compromissos anteriores.

Segundo os entrevistados, muitos granjeiros enfrentaram, e ainda hoje enfrentam, muitas dificuldades decorrentes dos prejuízos relativos à falência da empresa Top Frango, mas, apesar disso, não souberam de nenhum produtor que precisou vender sua propriedade para saldar seus compromissos. A propriedade da terra e o fato da avicultura de corte não ser a principal atividade para grande parte dos camponeses de Conchas, possibilita que os mesmos enfrentem as sucessivas crises do modo de produção capitalista sem a necessidade de se proletarizar.

Os granjeiros ficam responsáveis pela energia, água, aquecimento das aves, pelo fundo da cama, manutenção e adequação dos barracões, além de todo o trabalho na criação das aves. Das doze propriedades entrevistadas, duas empregavam trabalho assalariado na criação das aves, sendo que em uma dessas, além do salário fixo, o trabalhador recebia também uma porcentagem dos rendimentos da produção das aves. Nas demais propriedades a atividade era tocada apenas pela força de trabalho familiar. Segundo um dos entrevistados que mantém trabalho assalariado, para conseguir pagar um salário de, aproximadamente, R\$1000,00 (mil reais) mensais somente com os rendimentos da avicultura de corte, se faz necessário produzir no mínimo 30 mil aves por lote²⁶.

O capitalismo traz consigo a necessidade constante de sua reprodução, sua permanência só se estabelece reproduzindo também o processo de produção do capital através de relações não capitalistas de produção. Para Martins (1996) e Oliveira (2007), o capitalismo, na sua expansão, não só redefine antigas relações, subordinando-as à reprodução do capital, mas também engendra relações não capitalistas igual e contraditoriamente necessárias a essa reprodução. Assim, contraditoriamente o capitalismo destrói e ao mesmo tempo recria o modo

²⁶ Valor referente ao ano da entrevista, 2013.

de vida camponês. Nessa direção, podemos considerar que o campesinato não só se mantém, mas também se recria no seio do sistema capitalista.

No caso da avicultura de corte, a empresa integradora se apropria de toda a dinâmica da propriedade camponesa para se reproduzir, pois os custos da produção, que na propriedade camponesa se distribuem nas suas diversas atividades, são apropriados na forma de lucros pelas empresas, o que leva o setor industrial a se manter em momentos de crise econômica nessa atividade, é o processo de monopolização do território, conforme Oliveira (2007). O mesmo acontece com os camponeses, que veem nessa atividade a possibilidade funcionar como complemento às outras atividades realizadas. No caso conchense, ela é complementar, principalmente, à pecuária leiteira e às atividades destinadas ao autoconsumo

Podemos mencionar que o processo de integração, no município de Conchas, carrega consigo uma dupla consequência aos camponeses: ao mesmo tempo em que é exemplo do mecanismo de monopolização do território praticado pelas empresas integradoras para assegurar o seu abastecimento de aves a preços baixos, garante, contraditoriamente, a reprodução camponesa no município, permitindo com a avicultura de corte, a manutenção de outras atividades principais, como por exemplo, a pecuária leiteira.

O próximo capítulo vai estudar as relações da pecuária leiteira no município de Conchas a partir da entrevistas com os camponeses leiteiros.

3. A PECUÁRIA LEITEIRA

Os dados do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), de acordo com a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná- SEAB, indicam que a União Europeia foi o maior produtor de leite em 2014, com 144,7 bilhões de litros produzidos. Em segundo lugar encontra-se a Índia com 141,1 bilhões de litros, os Estados Unidos está na terceira posição com 93,1 bilhões de litros e a China no quarto lugar com 38,5 bilhões. O Brasil destacou-se como o quinto maior produtor, com 33,3 bilhões de litros de leite.

Jorge Rubez²⁷ nos mostra que a pecuária leiteira iniciou-se no Brasil com a chegada dos portugueses que trouxeram os primeiros rebanhos e, até 1950, essa atividade caminhou sem grandes alterações tecnológicas. Conforme Martins e Faria (2006,) o governo português até chegou a proibir a criação de gado em toda a faixa litorânea, pois os animais penetravam nas plantações de cana e as danificavam. Essa ação, de um lado, contribuiu para que a atividade leiteira demorasse a se estruturar e, de outro, possibilitou a ocupação interiorana do território nacional, em especial a ocupação e povoamento do Sertão Nordestino e do Brasil Central.

Com relação à ocupação do território pela pecuária, Andrade (2011, p.190) menciona que:

(...) foi a pecuária quem conquistou para o Nordeste a maior porção de sua área territorial. Completou a área úmida agrícola com uma atividade econômica indispensável ao desenvolvimento da agroindústria do açúcar e ao abastecimento das cidades nascentes. Carreou para o Sertão os excedentes de população nos períodos de estagnação da indústria açucareira.

Ainda em relação ao povoamento do território, Valverde (1985, p.245) nos mostra que:

A dispersão do gado no território brasileiro foi feita a partir de três pontos: Bahia e Pernambuco, no Nordeste, e São Vicente, na costa paulista. Até meados do século XIX, constituíram-se no Brasil três zonas principais de criação: o sertão do Nordeste; o sul de Minas Gerais; as planícies e planaltos do Sul.

²⁷ Artigo de 2003 do então presidente da Leite Brasil,, disponível em:
http://www.leitebrasil.org.br/artigos/jrubez_093.htm, acessado em janeiro de 2016.

Podemos considerar que o processo de ocupação e povoamento decorrente da atividade pastoril foi um importante modelador do território, pois ajudou na configuração e reconfiguração da dinâmica territorial brasileira.²⁸

Com relação à produção de leite de vaca no Brasil, Baccarin et.al. (2013), nos indicam que por um longo período a pecuária leiteira se deu como uma atividade secundária ou complementar nos estabelecimentos agropecuários, ou seja, uma produção que tinha como objetivo final, principalmente, o autoconsumo da unidade familiar. Segundo os autores, nas fazendas de café durante o colonato, nos contratos de trabalho do fim do século XIX e início do século XX, constava que, além de outras atividades para o próprio consumo, era autorizada a criação de duas ou três vacas leiteiras para o consumo do leite pelos trabalhadores colonos e seus familiares. Baccarin et.al. (2013) ainda mencionam que tornou-se comum que os contratos de trabalho previssem que os fazendeiros fornecessem uma determinada quantidade diária de leite in natura aos seus colonos, complementando a remuneração monetária.

Em decorrência da sua alta perecibilidade e da ausência dos meios de transporte adequados, a comercialização do leite in natura ocorria, até as primeiras décadas do Século XX, a granel e diretamente entre o produtor e o consumidor final, o que tornava o mercado do leite local, com pequena abrangência espacial. Segundo Baccarin et.al.(2013), ocorreu também o crescimento de laticínios, de alcance regional, que organizavam a captação diária do leite in natura dos seus produtores em latões de 20 a 50 litros. Nos laticínios o leite passava pelo processo de pasteurização, no qual uma parte era transformada em queijo, outra parte em derivados e a maior parte era comercializada como leite fluido acondicionado em recipientes de vidro ou, mais recentemente, de plástico, ganhando a denominação popular de leite “barriga mole”.

Conforme Baccarin et.al.(2013), o leite fluido pasteurizado precisava ser consumido em poucos dias, fato que limitava o seu raio de distribuição, ou seja, o alcance espacial de seus

²⁸ A concepção de território entendida para esse trabalho segue a definição de Oliveira (1992, p.02), na qual o território é: “(...) síntese contraditória, como totalidade concreta do processo/modo de produção/distribuição/consumo e suas articulações e mediações supraestruturais (políticas, ideológicas, simbólicas, etc.) onde o Estado desempenha a função fundamental de regulação. É pois, produto concreto da luta de classes travada pela sociedade no processo de produção de sua existência (...). Desta forma, são as relações sociais de produção e o processo contínuo/contraditório de desenvolvimento das forças produtivas que dão a configuração histórica específica ao território. (...) O processo de construção do território é pois, simultaneamente, construção/destruição/manutenção/ transformação. (...) Logo, a construção do território é contraditoriamente o desenvolvimento desigual, simultâneo e combinado, o que quer dizer: valorização, produção e reprodução.”

mercados. Uma tentativa de superar essa limitação se deu através da produção de leite em pó que, por ser pouco perecível e por não conter água, poderia ser transportado para locais de consumo mais distantes de seu processamento industrial. Contudo, entre outras razões, pelo seu preço superior ao leite fluido, tal produto nunca conseguiu alcançar posição de destaque no consumo.

Segundo Martins e Faria (2006, p.50), em 1946 o Brasil iniciou um processo de regulamentação da atividade leiteira, estabelecendo critérios sanitários de processamento e distribuição do leite e de seus derivados. Além disso, entre os anos de 1946 e 1991 ocorreu a definição do preço de comercialização, motivo pelo qual esse período foi chamado de Período da Regulamentação. De acordo com Santos (2004), o Estado controlou o preço do leite tendo como justificativa a sua importância na cesta básica do trabalhador, por ser o leite, um produto de consumo basilar e vital.

Alguns fatos importantes marcam o processo de regulamentação da produção leiteira no Brasil, como por exemplo, a aprovação do, em 1952, Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (Decreto 30.691/52) pelo Ministério da Agricultura, incluindo medidas para o leite e seus derivados (ALEIXO, 2012), e também o estabelecimento de normas para a produção dos derivados por parte do Ministério da Agricultura, ocorrida a partir de 1967, (RODRIGUES, 1985).

Essas ações trouxeram consequências aos pequenos produtores, que antes conseguiam agregar valor à produção por meio da transformação em derivados de leite, comercializando nas cidades de porta em porta. Com as novas normas houve um processo de diminuição da indústria caseira e a sua transformação de produtores especializados na produção de leite.

No final da década de 1960 criou-se o leite tipo B²⁹, que ganhou expressão nacional. No início da década de 1980, surge o leite tipo A e começa a disputar mercado com o leite C³⁰ e o B³¹, que eram líderes do mercado consumidor das regiões metropolitanas. Para Fleury

²⁹ Para o leite ser tipo B, ele deve ser obtido em estabelecimentos com ordenha mecânica, resfriado no estabelecimento e transportado até as usinas de beneficiamento para ser pasteurizado. Pelo seu número de bactérias 80 vezes maior que o leite tipo A (leite pasteurizado e embalado no próprio estabelecimento, com alto controle de higiene), o leite tipo B tem maior perecibilidade. Disponível em: <http://atilatte.com.br/leite-tipo-a.php>, acessado em janeiro 2016.

³⁰ O leite tipo C pode ser obtido em estabelecimentos com ordenha mecânica ou manual, seu transporte até as usinas de beneficiamento pode ser em tanque de refrigeração ou não, por isso há uma contagem de bactérias maior do que os leite tipo B e A. Disponível em: <http://atilatte.com.br/leite-tipo-a.php>, acessado em janeiro 2016.

³¹ Antes da Instrução Normativa 51 de 2002 do MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária de Abastecimento), existiam leites pasteurizados dos tipos A, B ou C. A Instrução Normativa 51 determinou que o leite tipo C fosse

(1983), os preços do leite tipo C, controlados pelo governo, não chegavam a cobrir os custos da produção do pequeno produtor. Para contornar essa situação, ele procurava minimizar os gastos utilizando-se da força de trabalho familiar. O esquema abaixo, (figura 9), ilustra os processos de produção dos diferentes tipos de leite.

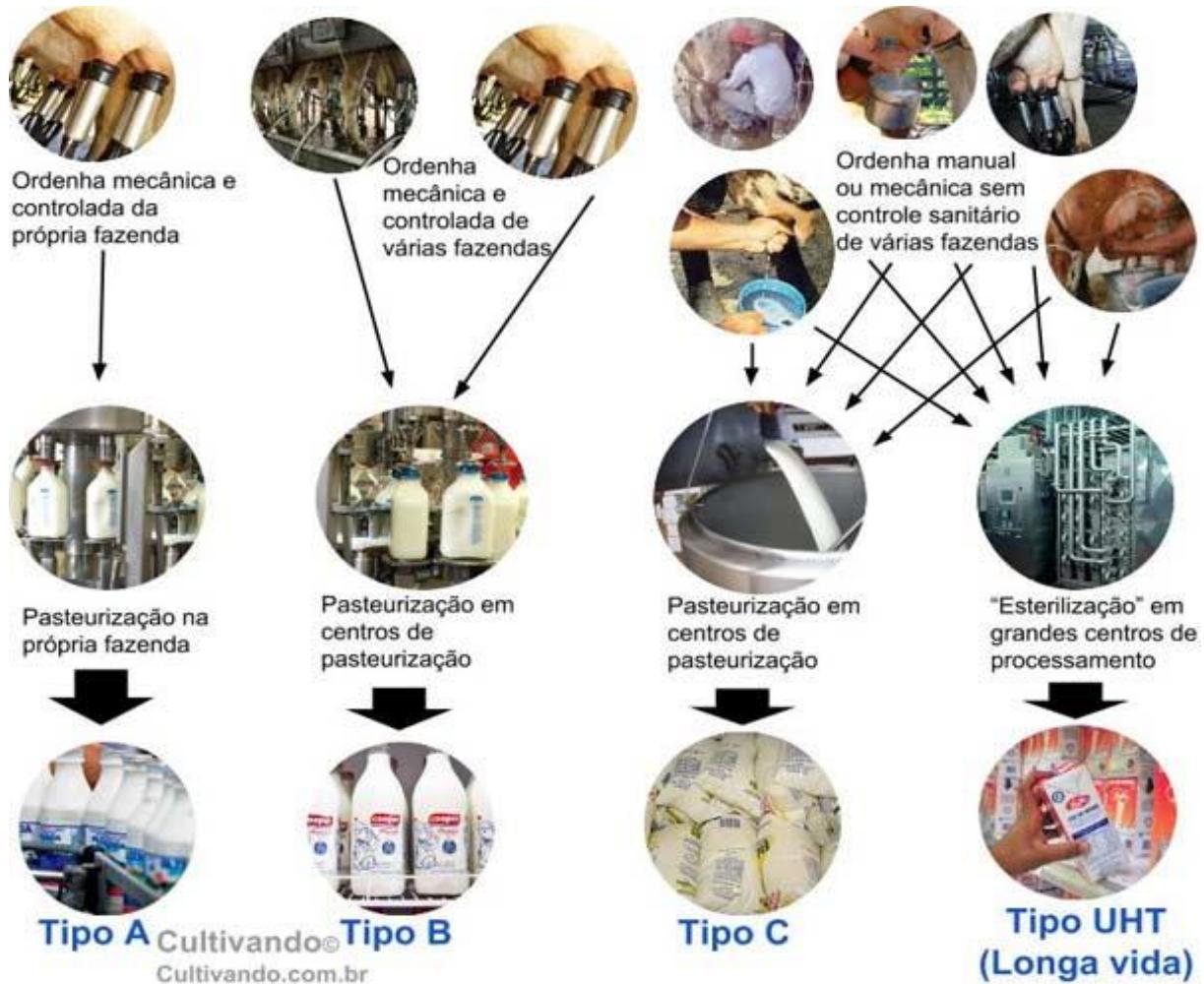


Figura 9: Ilustração dos diferentes processos de produção por tipo de leite, disponível em: http://www.cultivando.com.br/cotidiano/tipos_de_leite.html, acessado em janeiro 2016.

Segundo Rubez (2001), o leite longa vida³² foi sendo introduzido no mercado pouco a pouco até se tornar no leite mais vendido no país. O ciclo do longa vida provocou fenômenos

extinto até o ano de 2007, sendo substituído pelo então denominado “leite cru refrigerado” que, após o tratamento térmico, recebe o nome de “leite pasteurizado”, gerando certa confusão, já que os outros tipos de leite também são pasteurizados. A atual Instrução Normativa 62/ MAPA, publicada em 2011, extinguiu também o **leite tipo B**. Não existindo mais o leite tipo B, esse passa a ser classificado apenas como leite cru refrigerado e, após a pasteurização, como leite pasteurizado. Disponível em <http://www.milkpoint.com.br/industria/radar-tecnico/leite-fluido/entenda-as-diferencias-nos-tipos-de-leite-fluido-no-brasil-90359n.aspx>, acessado em janeiro 2016.

³² O leite tipo UHT, também conhecido como Longa Vida, é o leite tipo C que passa por altas temperaturas para “esterilizá-lo”. O leite UHT (Ultra High Temperature), é obtido pelo processo de Temperatura Ultra Alta de Pasteurização. O Leite é homogeneizado e submetido a uma temperatura de 130 a 150°, entre 2 e 4 segundos, e imediatamente resfriado a uma temperatura inferior a 32°C. O choque térmico pelo qual o leite passa recebe o

na agroindústria leiteira como a expansão das bacias leiteiras para regiões que antes não tinham expressão nacional na atividade, entre elas, as regiões Centro-oeste e Norte. O longa vida extinguiu o caráter local e mesmo regional das marcas de leite, pois agora ele pode ser produzido num pequeno município e vendido em outros, a milhares de quilômetros de distância.

O começo da década de 1990 foi marcado pela especulação financeira, num período em que a inflação era de 3% ao dia. Os laticínios vendiam o leite à vista e chegavam a pagar os produtores num prazo de 50 dias. Conforme Rubez (2001), em 1990, a Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB) baixou a Portaria 43, extinguindo o tabelamento do preço do leite, pondo fim a um ciclo que durou meio século. A abertura econômica provocou grande desnacionalização das empresas brasileiras e a introdução em larga escala de produtos estrangeiros em nosso mercado. Segundo Santos, (2004, p.66):

A subordinação da pecuária leiteira ao capital industrial não é recente, mas se aprofundou ainda mais após as transformações ocorridas nos anos 1990, com destaque para a abertura da economia nacional, pois esta alterou profundamente a cadeia produtiva do leite no Brasil, provocando mudanças organizacionais e tecnológicas, além de alterações no consumo de leite e derivados.

As transformações presentes na esfera econômica também possuem implicações nas demais esferas sociais. Essas mudanças, segundo Chesnais (1996), resultam da globalização e da mundialização do capital, impondo à sociedade a “necessidade” de “adaptar-se” aos seus imperativos. Para Chesnais (1996, p. 25) essa adaptação:

(...) pressupõe que a liberalização e a desregulamentação sejam levadas a cabo, que as empresas tenham absoluta liberdade de movimentos e que todos os campos da vida social, sem exceção, sejam submetidos à valorização do capital privado.

A reestruturação produtiva no mercado interno do leite significou a redução do poder de negociação da pecuária leiteira nacional nos anos 1990. Segundo Figueiredo e Paulillo (2005), essas mudanças fizeram parte da chamada “fase da autorregulação do setor”, e se manifestaram nos seguintes aspectos: na reestruturação produtiva do mercado interno do leite;

nome de Pasteurização. Este processo permite eliminar as bactérias, com a conservação das propriedades do leite sem a necessidade de ser armazenado com refrigeração, daí o nome “longa vida”. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/composicao-leite-uht.htm>, acessado em janeiro 2016

no comércio internacional e nas mudanças das normas formais da indústria láctea. Figueiredo; Paulillo, (2005, p. 181) ainda comentam que:

(...) com a autorregulação ocorreu uma tendência de maior seletividade dos empresários rurais envolvidos com a atividade produtiva, pois as exigências referentes à quantidade e à qualidade do leite destinado ao mercado são cada vez maiores. Esta seletividade é assegurada pelas normativas que regem o setor, já que seguem padrões de qualidade internacionais. Nesse sentido, exigem dos produtores o profissionalismo e a especialização da atividade leiteira. Isso, no Brasil, revela-se um problema, pois a maioria dos produtores de leite tem produção menor que 50 litros/dia, com renda insuficiente para a aquisição do aparato tecnológico necessário ao atendimento da demanda do mercado por qualidade e atendimento de padrões internacionais de produção. Assim, a maioria dos pecuaristas não terá capital que permita o acesso à tecnologia necessária ao atendimento das normas exigidas pelo mercado, que diante da política neoliberal, terá que buscar soluções cooperadas e reconversão produtiva.

A constituição do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), também nos anos 1990, particularmente causou impactos significativos no mercado de lácteos, pois o Uruguai e a Argentina possuíam importantes bacias leiteiras, cujas produções passaram a concorrer mais fortemente com a produção brasileira. O comércio exterior do leite foi praticamente todo composto de produtos já industrializados, com participação especial do leite em pó.

Segundo Santos & Barros (2006) (*apud* ALEIXO E BACCARIN, sem data, p.5):

(...) os efeitos da concorrência externa sobre a produção nacional do leite foram acirrados pela prática de dumping por alguns países, maneira por eles encontrada para escoar seu excesso produtivo no mercado internacional. A permissão acordada da não cobrança da Tarifa Externa Comum para o leite importado, especialmente da Nova Zelândia pelo Uruguai, e sua posterior comercialização no âmbito do MERCOSUL, também teve efeitos negativos sobre a produção brasileira.

Apesar da inserção de leite de origem internacional, os produtores resistiram e, de forma geral, estão conseguindo reestruturar sua produção. A ordenha mecânica e os tanques refrigeradores de leite, por exemplo, tornaram-se mais acessíveis aos pequenos produtores através, dentre outros fatores, das políticas públicas, como o financiamento destinado aos

pequenos produtores, o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar)

O crescimento da produção leiteira no Brasil nas últimas décadas decorreu, em grande parte, de mudanças tecnológicas nos campos da genética animal, da melhoria das pastagens e da nutrição via rações. Azevedo e Politi (2008) mencionam que, entre o final da década de 1980 e 2004, o leite longa vida conquistou cerca de 80% do mercado brasileiro de leite fluido, o que possibilitou para os laticínios o aumento muito significativo no raio de comercialização do leite fluido, sem maiores riscos de perecibilidade.

Conforme a Leite Brasil (2006), os produtos industrializados derivados do leite cresceram mais do que o do leite fluido. Assim, entre 1995 e 2005, a produção de leite fluido pasteurizado e longa vida cresceu 53,2% no Brasil, enquanto a produção de leite em pó crescia 61,2% e a de queijos 89,4%. Segundo Oliveira (1981, p.35) “...o setor leiteiro está submetido totalmente ao capital multinacional, sobrando para o capital nacional a fatia de distribuição de leite in natura que, sabidamente, é de mais baixa rentabilidade no setor”.

A produção de leite no Brasil de 1975 a 2006, segundo Santos (2006), cresceu cerca de três vezes, passando de 8 bilhões de litros em 1975, para quase 25 bilhões em 2006. De acordo com a revista SEBRAE Agronegócio (2007), o território nacional, reúne mais de um milhão de produtores e geram 3,6 milhões de postos de trabalho permanentes.

A produção leiteira brasileira tem particularidades e diferenças entre as regiões³³. Um exemplo são as regiões de climas mais quentes que dificultam a criação das raças holandesa, jersey e pardo-suíço, tradicionalmente raças que produzem bastante leite. Assim, em função dessas dificuldades, nestas áreas são criadas raças mistas que geralmente apresentam uma menor produtividade. Apesar disso, o gado misto é aquele que desempenha uma dupla finalidade, produzir leite e carne, ou seja, o gado leiteiro no final do seu ciclo de vida útil, acaba sendo destinado ao abate. Por outro lado, ocorrem também no país variações em relação à deficiência natural nas pastagens e solos mais pobres que não permitem o cultivo de pastagens de qualidade superior. A baixa produtividade em algumas região também pode ter como justificativa o alto custo com a suplementação alimentar, pois há dificuldade de se produzir alimentos para a sua fabricação.

³³ Região vista como: “relações dialéticas entre formas espaciais e os processos históricos que modela os grupos sociais” [...] “onde a organização espacial constitui parte integrante de uma dada sociedade” (CORRÊA, 1995, p. 21).

A (tabela 10), abaixo, indica os seis maiores produtores de leite do Brasil e nos mostra a concentração da produção nacional no sudeste e sul do país. Minas Gerais permanece o maior produtor de leite do país, mas São Paulo, que no início da década de 1990 era o segundo maior produtor de leite, passou a ocupar o sexto lugar em 2013, isso se deve à redução da área de pastagem no estado de São Paulo, fruto da expansão da área ocupada com a cultura da cana-de-açúcar, especialmente a partir da década de 2000. Tal fato levou ao deslocamento territorial da pecuária, tanto de corte, quanto leiteira.

Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA, 2015), em 1990, dos 11.698.832 de bovinos no Estado, 51,87% eram destinados ao corte, 24,58% eram de aptidão mista e 23,55% eram rebanhos leiteiros. Já em 2010, o número de bovinos registrava uma leve redução para 11.157.300 animais, sendo 52,67% para corte, 35,93% de rebanhos mistos e apenas 11,40% com aptidão leiteira, indicando uma diminuição de mais de 50% do rebanho leiteiro no estado.

Tabela 10 - Os Seis maiores produtores de leite do Brasil em 2013	
Estados	Produção em (mil litros)
Minas Gerais	9.309.165
Rio Grande do Sul	4.508.518
Paraná	4.347.493
Goiás	3.776.803
Santa Catarina	2.918.320
São Paulo	1.675.914

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal, disponível em:
http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/bovinocultura_leite_14_15.pdf
acessado em novembro 2016.

A produção leiteira se dá, em grande parte, através dos pequenos produtores e está configurada por relações de produção não tipicamente capitalistas, porém subordinadas ao capital. Geralmente, os pequenos produtores são dependentes de uma empresa intermediária para a comercialização de sua produção. Oliveira (1981) nos mostra que com a subordinação da produção pela circulação, criando um monopólio, o capital subjuga os produtores monopolizando o território, tanto os pequenos quanto os grandes. Essa forma de sujeição da renda da terra ao capital tem a participação também do Estado, que permite espaço para a reprodução dessa relação de subordinação. Os pequenos produtores de Conchas não escapam desse processo.

3.1 A pecuária leiteira em Conchas -SP

O documento Cronologia da História do Município de Conchas (sem data, p.67), disponibilizado pela prefeitura municipal³⁴, nos mostra o comércio de vacas, bois e carro de bois, (figura 10), desde os anos de 1900. Nesse documento também se tem notícia de um laticínio no ano de 1930 (p.118), o que nos indica que a produção leiteira esteve presente desde o início da formação do município. Segundo alguns camponeses entrevistados, Conchas, na década de 70 e 80 e início da década de 90 teve seu auge na produção de leite, sendo então considerada bacia leiteira. Alguns entrevistados até mencionam, saudosamente, que a festa do peão que ocorria nesse período na cidade era uma das melhores do país.

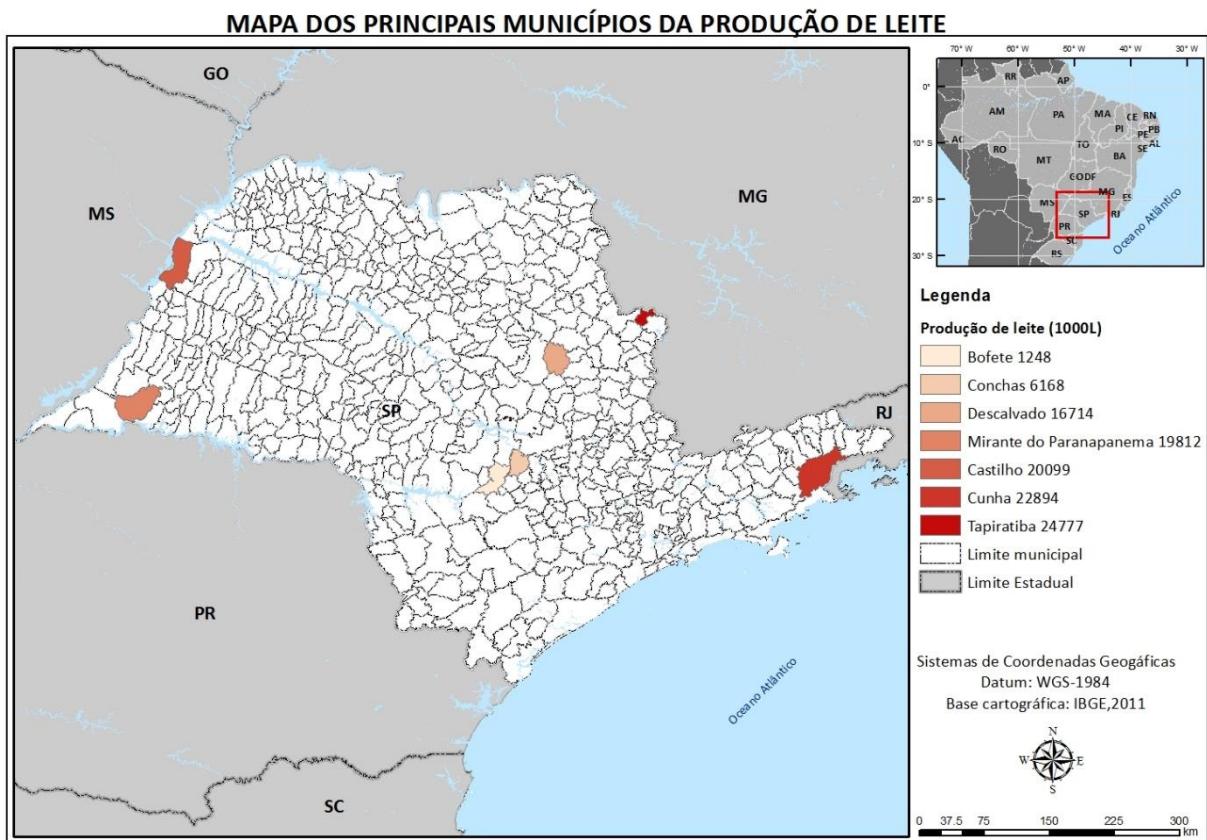


Figura 10: Carro de boi transportando produtos no antigo Largo Santa Cruz, ano de 1945, local onde atualmente localiza-se a principal praça do município de Conchas, a praça Tiradentes. Disponível em: http://conchas-acidaderevelada.blogspot.com.br/2011_07_01_archive.html, acessado em dezembro 2015.

Segundo os dados do Censo Agropecuário de 2006 do IBGE, Conchas ocupa o 44º lugar entre os municípios produtores de leite do estado, com 6.169.000 litros/ano, produzidos em 660 estabelecimentos, o que equivale a dizer que 81,58% dos estabelecimentos do município dedicam-se à pecuária bovina.

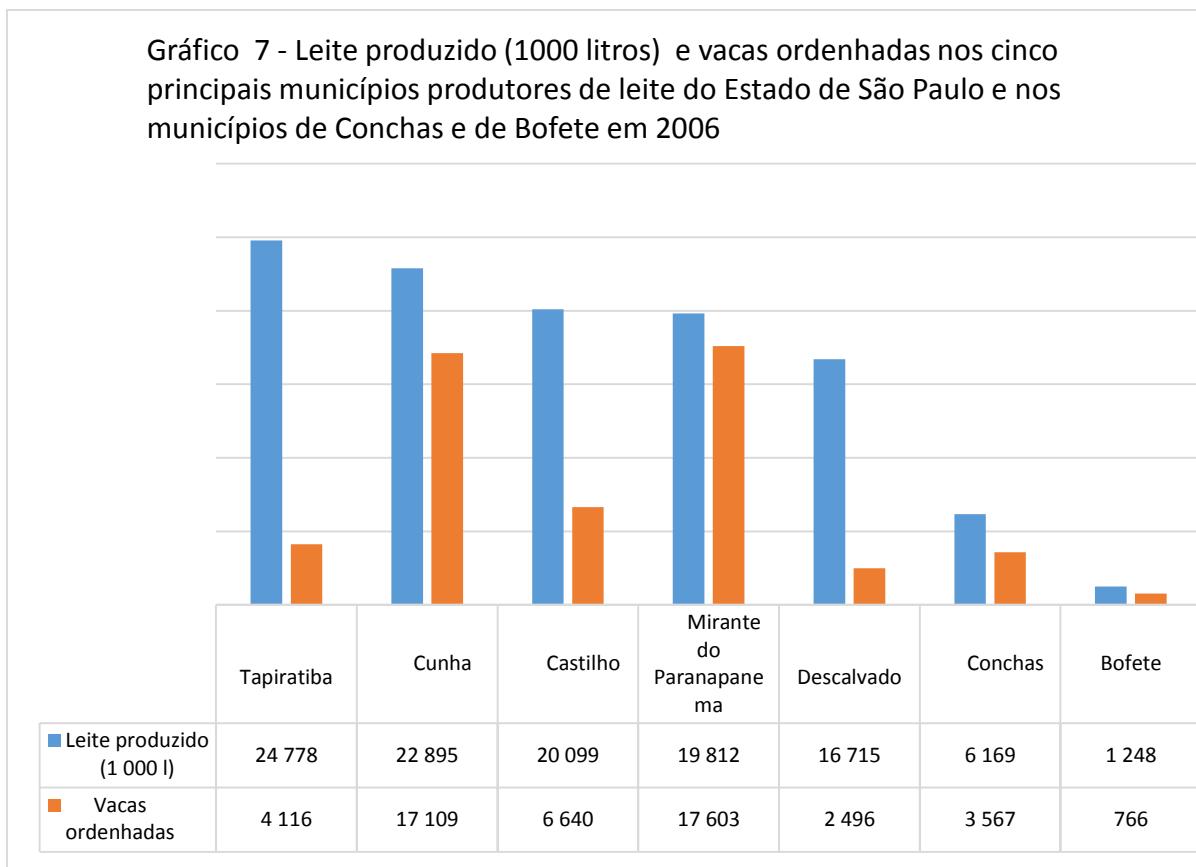
³⁴ Disponível em: www.camaraconchas.sp.gov.br/Acervo/historico/Conchas, acessado em dezembro de 2015.

Os dados da pecuária leiteira em Conchas serão apresentados comparando-os com os cinco principais produtores do estado de São Paulo e também com o município de Bofete que, conforme mencionado anteriormente, foi estudado por Antônio Cândido e serviu de influência para essa pesquisa de TGI. As cinco principais cidades produtoras de leite do estado de São Paulo, em 2006, foram Tapiratiba, Cunha, Castilho, Mirante do Paranapanema e Descalvado, respectivamente. A localização desses municípios, conforme (mapa 4), encontra-se espalhada pelo estado, sem a concentração em bacias leiteiras.



Mapa 4: Fonte IBGE, adaptado por Catia Ferreira, 2016

O (gráfico 07), abaixo, nos mostra a quantidade de leite produzido em 2006 e também o número de vacas ordenhadas pelos municípios, revelando que o maior volume produzido não está necessariamente atrelado à produtividade. Tapiratiba produz 24.778.000 litros de leite com 4.116 vacas ordenhadas, Cunha precisa de 17.109 vacas ordenhadas para produzir 22.895.000 litros de leite, enquanto Castilho, com 6.640 animais, produz 20.099.000 litros de leite, Mirante do Paranapanema produz 19.812.000 litros de leite com 17.603 vacas ordenhadas, Descalvado produz 16.715.000 litros de leite com 2.496 vacas; Conchas, como já mencionado acima, produz 6.169.000 de litros de leite com 3.567 vacas ordenhadas e Bofete produz 1.248.000 de litros de leite com 766 vacas ordenhadas, sendo o 282º produtor de leite do estado de São Paulo.



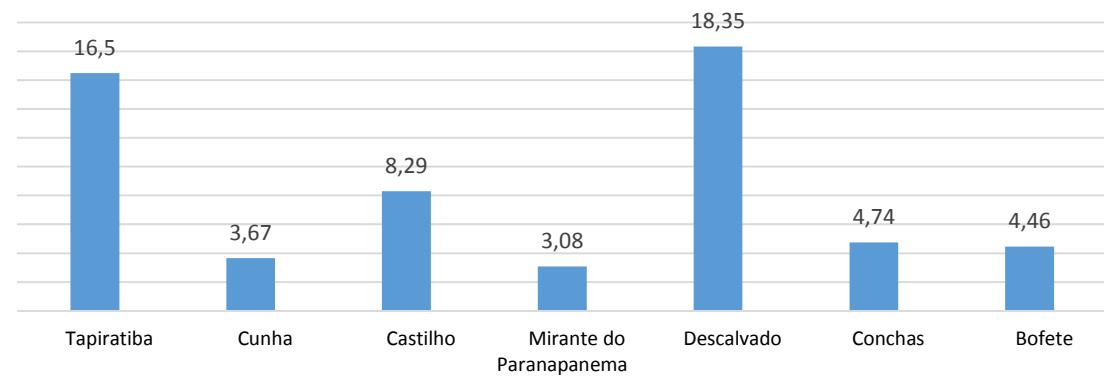
Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

Segundo o Boletim Setorial do Agronegócio - N° 03 Recife (2010)³⁵, o Brasil apresenta uma média de pouco mais de 4 litros por vaca/dia. No estado de São Paulo, conforme IBGE (2006), essa produção é de 4,6 litros de leite/vaca/dia. A produtividade, apresentada pela média de litros de leite/vaca/dia no (gráfico 8) abaixo, nos mostra uma grande variação entre os municípios analisados. O município de Tapiratiba, além de ser o maior produtor de leite (2006), possui a segunda maior produtividade, com uma média de 16,5 litros de leite/vaca/dia, já o município de Cunha, segundo maior produtor do estado, ficou com uma média de 3,67 litros de leite/vaca/dia, indicando uma baixa produtividade do seu rebanho, mesmo se comparando com a média brasileira e também com a média do estado de São Paulo. Castilho possui uma média de 8,29 litros de leite/vaca/dia, Mirante do Paranapanema, assim como Cunha possuem ambos a menor média entre os municípios analisados, de 3,08 litros de leite/vaca/dia. A maior produtividade foi encontrada no município de Descalvado, com o volume de 18,35 litros de leite/vaca/dia, apesar da produção de leite do município ser menor, se comparada à dos cinco principais produtores do estado. Conchas apresentou uma média de 4,74 litros de leite/vaca/dia,

³⁵ Boletim setorial do Agronegócio N° 3. Bovinocultura leiteira. Recife maio de 2010. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Boletim-Bovinocultura.pdf> acessado em: 09/12/2015

ultrapassando grandes produtores como o município de Cunha e Mirante do Paranapanema e situando-se inclusive acima da média do estado. A média de litros de leite/vaca/dia do município de Bofete ficou em 4,46, valor próximo do município de Conchas, porém abaixo da média do estado de São Paulo, que é de 4,6 litros de leite/vaca/dia.

Gráfico 8 - Média de litros de leite/vaca/dia nos cinco principais municípios produtores de leite do Estado de São Paulo e nos municípios de Conchas e Bofete em 2006



Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cáitia Ferreira, 2016.

Apesar de ser o maior produtor de leite do estado, conforme pode ser observado na (tabela 11), apenas 40,41% dos estabelecimentos do município de Tapiratiba dedicam-se à pecuária bovina (média de 155 bovinos/estabelecimento). Esse valor para é de 84,57% no município de Cunha (média de apenas 30 bovinos/estabelecimento), 87,67% no município de Castilho - que apresenta o maior percentual dos sete municípios analisados (média de 105 bovinos/estabelecimento), 75,37% em Mirante do Paranapanema (média de 66 bovinos/estabelecimento), 56,71 % em Descalvado (média de 120 bovinos/estabelecimento). Conchas possui um percentual alto de estabelecimentos com pecuária bovina, 81,58% (média de 65 bovinos/estabelecimento) e Bofete completa a lista com 77,58% dos estabelecimentos com a presença da pecuária bovina (média de 95 bovinos/estabelecimento). Apesar de um número menor de estabelecimentos com pecuária do que seu vizinho, Conchas, Bofete apresenta maior concentração de animais. Conchas também é o terceiro em números absolutos de estabelecimentos com pecuária leiteira, com 660 estabelecimentos. O município de Bofete, limítrofe de Conchas, é o sexto município, dentre os sete analisados, com apenas 180 estabelecimentos.

Tabela 11 - Percentual de estabelecimentos com pecuária bovina nos cinco principais municípios produtores de leite da UF São Paulo e nos municípios de Conchas e Bofete em 2006				
Municípios	total de estabelecimentos	Estabelecimentos com pecuária bovina	% de estabelecimentos	nº total de cabeças
Tapiratiba	193	78	40,41	12 111
Cunha	2 581	2 183	84,57	66 958
Castilho	673	590	87,67	62 183
Mirante do Paranapanema	2 282	1 720	75,37	113 631
Descalvado	328	186	56,71	22 413
Conchas	809	660	81,58	42 987
Bofete	232	180	77,58	17167

Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

A agricultura camponesa está presente de forma diversa nos sete municípios analisados, (tabela 12), 66% dos estabelecimentos do município de Tapiratiba são da agricultura camponesa, porém ocupa apenas 4% de área total do município; em Cunha a agricultura camponesa está presente em 79% dos estabelecimentos e ocupa 51% da área do município, sendo este o maior percentual de área ocupada pela agricultura camponesa entre os municípios analisados. O município de Castilho tem 83% dos seus estabelecimentos com agricultura camponesa, que ocupam 17% da área total do município (agricultável e não agricultável); Mirante do Paranapanema, como Cunha, possui 79% dos seus estabelecimentos com agricultura camponesa, os quais, porém, ocupam apenas 38% da área. Em Descalvado a agricultura camponesa está presente em 41% dos estabelecimentos, mas ocupa apenas 6% da área total; em Conchas, 68% dos estabelecimentos são de agricultura camponesa, e ocupam 30% da área total do município. Dentre os municípios analisados, Conchas é o terceiro com maior área ocupada pela agricultura camponesa, diferentemente do município de Bofete, que tem 58% dos seus estabelecimentos com agricultura camponesa, os quais ocupam apenas 7% da área total do município.

Tabela 12 - Agricultura camponesa dos cinco maiores municípios produtores de leite da UF e dos municípios de Conchas e Bofete em 2006

Municípios	total estabele-cimentos	total área	Agricultura familiar - Lei nº 11.326				Não familiar			
			Estabele-cimentos	%	Área (ha)	%	Estabele-cimentos	%	Área (ha)	%
Tapiratiba	183	24 173	120	66	1 028	4	63	34	23 146	96
Cunha	2 581	83 870	2 030	79	42 956	51	551	21	40 913	49
Castilho	673	55 233	561	83	9 538	17	112	17	45 694	83
Mirante do Paranapanema	2 282	97 753	1 814	79	37 595	38	468	21	60 158	62
Descalvado	328	33 287	136	41	2 062	6	192	59	31 225	94
Conchas	809	32 870	551	68	9 773	30	258	32	23 097	70
Bofete	232	35 829	134	58	2 356	7	98	42	32 834	92

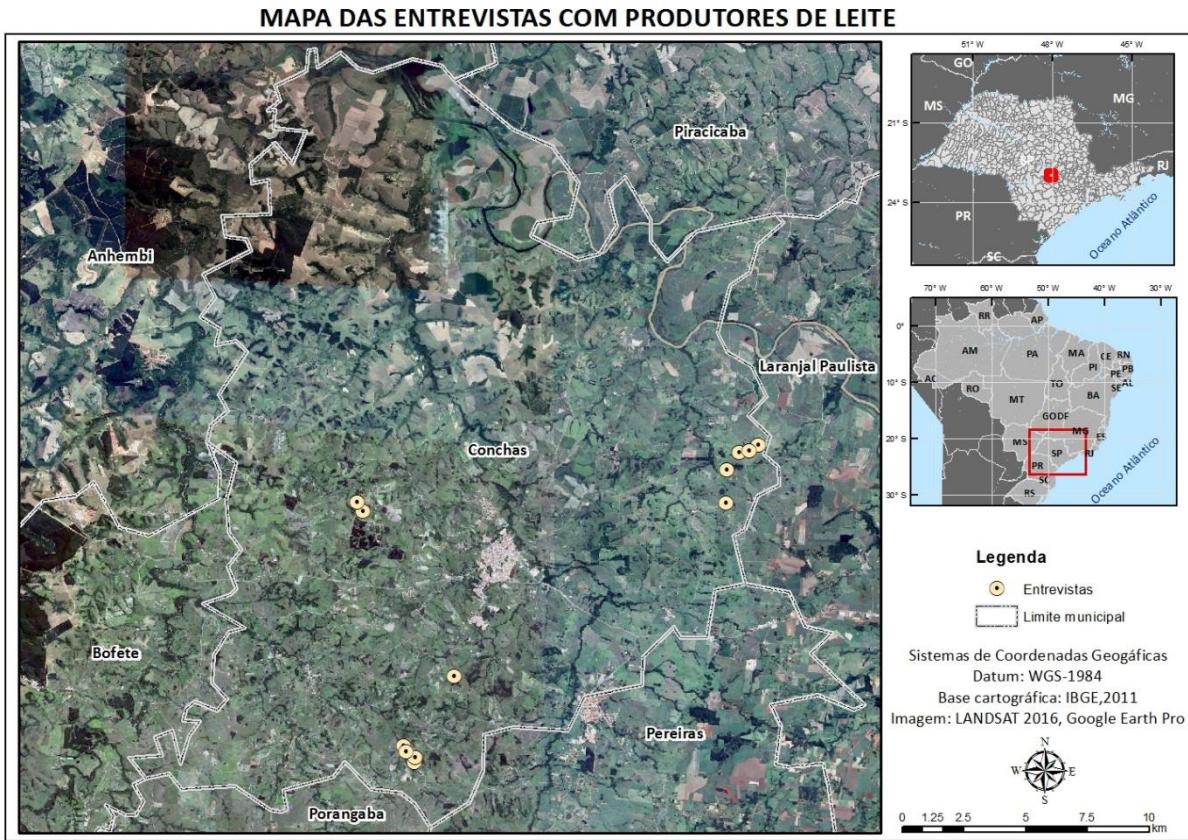
Fonte: Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Adaptado por Cátia Ferreira, 2016.

Podemos considerar que, a ocupação de uma maior área pela agricultura camponesa possibilita a sua reprodução por meio da criação de pecuária bovina, pois esta exige que os estabelecimentos tenham áreas de pastagens para alimentar seus animais. Segundo Aleixo (2012), a taxa de lotação da bovinocultura em São Paulo teve, em 2010, uma média de 1,46 animais/hectare.

3.2 Sobre os camponeses leiteiros de Conchas

A produção de leite no município de Conchas não é especializada e os camponeses estão incorporando progressivamente tecnologia ao processo produtivo, como, por exemplo, a utilização de tanques de refrigeração e ordenhadeiras mecânicas. Além disso, uma parcela desses camponeses produtores mantém vínculos com o comércio informal de leite e derivados.

Foram entrevistados 12 camponeses, (mapa 5), dos quais 09 já tinham sido entrevistados anteriormente sobre a avicultura de corte. Cinco entrevistas foram realizadas no bairro Pará, uma entrevista foi no Bairro Lopes, duas no bairro Boa Vista e quatro no bairro Bom Retiro.



Mapa 5: Fonte: dados coletados nas propriedades dos camponeses entrevistados, Catia Ferreira, 2015.

O retorno a algumas propriedades com novas entrevistas possibilitou verificar alterações nas dinâmicas de algumas propriedades. Por exemplo, verificamos que um dos camponeses do bairro do Pará decidiu parar com a atividade da avicultura de corte, pois criava poucas cabeças no estabelecimento e o valor recebido não pagava as despesas. No bairro Bom Retiro os três camponeses entrevistados precisaram trocar de empresa integradora, pois a empresa Granja Roseira estava em processo de falência e tinham ficado o ano de 2014 sem receber os lotes de aves entregues. Ainda no bairro Bom Retiro um dos camponeses decidiu parar com a atividade da avicultura de corte, pois a esposa ficou muito doente e ele optou manter apenas a atividade da pecuária leiteira. No bairro Boa Vista o camponês entrevistado faleceu em 2015 e seus herdeiros decidiram parar, provisoriamente, com a pecuária leiteira, pois na distribuição das atividades da propriedade essa função era realizada pelo falecido pai. Os filhos, que cuidavam das granjas, deram prioridade para essa atividade até acabar o inventário dos bens da família.

Um caso singular também aconteceu no retorno ao estabelecimento de um dos camponeses entrevistados, situado no bairro do Pará. Ali a fiscalização sanitária³⁶, realizada a partir de uma denúncia anônima, flagrou o estabelecimento alimentando o gado leiteiro com

³⁶ O MAPA (Ministério da Agricultura da Agricultura e Abastecimento), por intermédio de seus serviços de saúde animal nos estados, fiscaliza e recebe denúncias do uso do fundo do aviário para alimentação de bovinos.

fundo do aviário, a chamada cama de frango, o que é proibido e conforme a Instrução Normativa 8 de 25/03/2004³⁷. Todo o lote de animais teve que ser abatido, e o que mais entristeceu o camponês, que há três anos estava melhorando o rebanho com o cruzamento de raças mais aptas à produção de leite com o seu rebanho misto, não foi tanto a perda de grande parte do seu sustento, já que ele mencionou que entende que fazia algo fora da lei, mas sim o fato de ter tido que comprar todo o seu lote de animais novamente, que deveria ter sido abatido, enquanto o frigorífico responsável pelo abate, com autorização especial do estado para esse fim, havia burlado a lei e revendido os animais.

Podemos entender que a alimentação com o fundo da granja consiste num dos caminhos encontrados pelos camponeses para não abandonarem a atividade. Neste caso, a informalidade é uma estratégia encontrada como forma de resistência às normas que dificultam a permanência de uma grande parcela de camponeses na produção de leite. A indignação do camponês entrevistado diz respeito ao pouco apoio do governo, depois da proibição, com políticas que possam substituir a cama do frango na alimentação do gado com alternativas tão baratas quanto essa.³⁸

Os laticínios

Coletam leite no município de Conchas os laticínios: Gege, com sede em Pardinho-SP, Vigor com posto de coleta em Itapetininga-SP³⁹, COLASO (Cooperativa de Laticínios de Sorocaba), além de queijeiros mencionados pelos entrevistados, como a Cláudia Queijeira, que produz queijo para vender em sua casa do norte em Conchas e o queijeiro Elimar (Vavá) que fornece o queijo Pareia para os comércios de Conchas e também das cidades vizinhas. Oito dos treze estabelecimentos visitados entregam suas produções ao laticínio Gege e cinco para o laticínio COLASO.

Todos os laticínios que atuam hoje no município abrangem escala regional e nacional/multinacional, no entanto, até a década de noventa os laticínios eram locais, com exceção da COLASO, que já tinha alcance regional. Após a reestruturação produtiva com a

³⁷ A Instrução Normativa nº 8, de 25/03/2004 do MAPA, proíbe, em todo o território nacional, a produção, a comercialização e a utilização de produtos destinados à alimentação de animais ruminantes que contenham em sua composição proteínas e gorduras de origem animal.

³⁸ Um dos entrevistados (entrevistado em julho de 2015) mencionou que o preço de um quilo da cama do frango é R\$0,10 (dez centavos) e da ração comprada nas casas agropecuárias ficam em torno de R\$0,90 (noventa centavos) a mais barata. Pode-se entender o uso da cama do frango como uma forma de redução dos custos na produção de leite.

³⁹ Embora atuando no município não foi conversado com nenhum leiteiro que fornece para esse laticínio, pois sua atuação no município, segundo os entrevistados, é recente.

Portaria 43 que findou o tabelamento de preços do leite e, consequentemente, estimulou a entrada de capitais e empresas estrangeiras no país, ocorreu um processo de falência dos pequenos laticínios.

Com relação aos processos de falências dos pequenos laticínios, na década de 90, os camponeses entrevistados mencionam que, na região do município de Conchas, os laticínios Pirambóia, sede no distrito de Pirambóia, município de Anhembi, (figura 11), Brugge e Laticínio União com sede em Laranjal Paulista, e o Laticínio Céu Azul, no município de Pereiras, faliram nesse período, todos municípios limítrofes com Conchas.



Figura 11: Fachada da sede, hoje abandonada, do Laticínio Pirambóia, que faliu na década de noventa. Foto disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/51537990>, acessado em janeiro 2016.

Todos os entrevistados mencionaram que os laticínios fornecem contrato e que a exigência para a coleta é que o leite fique armazenado em tanque de refrigeração, individual ou coletivo, até a coleta. Contudo, no dia de uma das entrevistas com um camponês leiteiro, o leite de seu refrigerador foi reprovado por estar coagulando rápido e poderia contaminar o leite de todos os outros que já tinham sido entregues (aproximadamente 100 mil litros).⁴⁰ O leite de seu

⁴⁰ Segundo o entrevistado, umas de suas vacas tinha tomado antibiótico na semana anterior e somente depois de 5 dias ele colocou o leite junto com os demais, porém precisava descartar esse leite por mais alguns dias).

refrigerador não serviria para a produção de leite, mas sim de seus derivados, porém, como não era possível transportar separado, a produção de três dias, aproximadamente quinhentos litros de leite, ficou na propriedade. A alternativa tomada pelo camponês leiteiro, para não perder a produção, foi vender para a fabricação de queijo pelo valor de R\$0,50 centavos por litro de leite, bem abaixo do valor recebido pelo laticínio, que é de R\$1,05 (um real e cinco centavos). Segundo esse camponês, os queijeiros se tornam uma alternativa nos casos em que o leite não atende às exigências do laticínio.⁴¹

O cooperativismo leiteiro em Conchas

Conforme Santos (2004), o cooperativismo leiteiro no Brasil surgiu na década de 1930, na região do Vale do Paraíba num período de crise e com crescente demanda de alimentos para as cidades, devido ao descontentamento dos produtores perante as condições impostas pelas usinas e intermediários.

A COLASO (Cooperativa de Laticínios de Sorocaba) iniciou suas atividades em 1933 e a associação dos leiteiros de Conchas iniciou suas atividades por volta do ano de 1981. O conselheiro administrativo entrevistado da cooperativa não soube responder a quantidade de associados em seu início, mas em 2015, segundo o entrevistado, a cooperativa tem, aproximadamente 200 associados, sendo que 50 estão no município de Conchas, abarcando 25% dos associados.

Para ser cooperado é necessário que o camponês entregue toda a produção do estabelecimento. Além disso, exige-se que o mínimo da quota parte seja de R\$400,00 (quatrocentos reais) e o máximo de R\$100.000,00 (cem mil reais). O objetivo da cooperativa é a coleta de leite. Segundo o conselheiro administrativo, esse objetivo poderia ser alterado em breve tempo, ampliando também para a coleta de produtos agropecuários, ampliando a oportunidade para os já cooperados e eventualmente podendo ampliar seu quadro.⁴² Para o entrevistado, o interesse das outras cooperativas na COLASO é a sua marca própria de leite, que existe desde a década de trinta e tem grande aceitação no mercado, enquanto essas três cooperativas atuam principalmente no mercado spot, ou seja, processam o leite para outras marcas.

⁴¹ O leite que é coletado para a fabricação de leite exige um controle ainda maior (coagulação, acidez) do que para a fabricação de seus derivados.

⁴² No período da entrevista a COLASO estava negociando uma parceria com três outras grandes cooperativas do Paraná, a CAPAL Cooperativa Agroindustrial, Castrolanda (município de Castro-PR) e a Batavo (município de Carambeí- PR), que trabalham, além do leite, também com cereais.

A cooperativa COLASO instalou uma unidade que industrializava o leite e fazia queijos no município. Além disso, até a década de noventa existia uma casa agropecuária para seus associados comprarem os insumos necessários a preços mais baratos, além do auxílio de veterinário, porém com a reestruturação produtiva da década de 90, a cooperativa decidiu manter o processamento do leite em apenas uma sede, situada no município de Itapetininga, e transformar os demais locais em pontos de coleta, como é o caso de Conchas. Além disso, finalizou sua produção de derivados do leite, como queijos e requeijões, atuando apenas na fabricação de leite UHT. Segundo um camponês entrevistado, a COLASO está cogitando a venda do prédio no município de Conchas, que hoje é utilizado para armazenar o leite dos 15 associados que não possuem tanque de refrigeração, no total esses camponeses produzem juntos, aproximadamente, mil litros por dia. A proposta é colocar o tanque de três mil litros, que está no prédio, na propriedade de um dos cooperados.

Ainda que os associados concenses totalizem 25% dos associados da cooperativa, segundo o conselheiro administrativo, o peso dos cooperados de Conchas é pequeno, pois dos trezentos mil litros captados pela COLASO, apenas doze mil saem do município de Conchas, o que representa apenas 4% do leite entregue diariamente. Como já vimos na região de Conchas os cooperados são camponeses, diferentes, por exemplo, da região de Sorocaba, onde ocorre a concentração de grandes fazendeiros.

A cooperativa se compromete a retirar todo o leite produzido do cooperado e realizar o pagamento em dia, depositando-o em conta corrente a cada dia 20, ocasião em que é pago o valor referente ao volume entregue de todo o mês anterior. O cooperado antecipar 30% do valor a receber do total entregue no dia 5 de cada mês. Não há recebimento mensal pelo produto final, ou seja, o leite processado, apenas participação nos rendimentos anualmente, esse valor é decidido em assembleia, geralmente, uma média entre 20 e 30% do total das sobras. O restante deve ser reinvestido na produção.

A COLASO não faz capitalização com os seus cooperados, o aporte de capitais para a cooperativa se dá através de empréstimos e sobras dos anos anteriores. Esporadicamente, a cooperativa vende, como intermediária, o produto in natura para outros laticínios. Geralmente isso ocorre, segundo o entrevistado, quando o leite não alcança qualidade e só pode ser destinado para a produção de queijos. Por atuar em diversos municípios, os interesses entre os membros da cooperativa mudam de uma região para outra. No caso do município de Conchas, a grande reivindicação dos cooperados é o retorno de uma loja de medicamentos e insumos e maior assistência técnica da cooperativa.

Algumas entrevistas com camponeses cooperados ocorreram após a parceria entre a COLASO e as cooperativas do Paraná. Os camponeses apontaram descontentamento, primeiro porque isso fez aumentar as exigências que a COLASO não fazia antes, depois porque aprofundou o distanciamento entre os associados e os dirigentes da cooperativa, que agora se centralizam no Paraná. A reclamação girava em torno do fato de que, na visão dos entrevistados, eles “*exigem tudo e não fornecem nada*”⁴³. Um dos camponeses até mencionou que a COLASO pretende parar suas atividades no município, pois o volume coletado é pequeno. Nesse sentido, Oliveira (1981) indica que, quando há subordinação às grandes cooperativas, o capital socializa o processo da produção camponesa em seu conjunto, chegando a impor um controle sobre o próprio processo de trabalho. Percebe-se que esse tipo de cooperativa não auxilia de fato os camponeses, pois atuam como empresas. Sob o mesmo ponto de vista, Santos, (2004, p.57) menciona que:

O cooperativismo leiteiro, assim como o sistema cooperativista brasileiro de um modo geral, apresenta um grave problema, que contribui para o enfraquecimento da cooperativa e, consequentemente do associado, sem que este se dê conta da sua parcela neste processo, o fato é que não ocorre uma participação e uma identificação dos cooperados. Estes, de um modo geral encaram a cooperativa como se fosse qualquer outra empresa do setor lácteo, e, em caso de receberem proposta melhor quanto ao valor pago por litro do leite, estes em momento algum param para refletir que estão abandonando uma entidade com a qual deveriam se identificar e lutar para que pudessem crescer juntos.

Apesar do distanciamento entre os camponeses e a cooperativa COLASO, percebe-se, pela fala dos entrevistados, que ocorre certa fidelização desses associados, muito embora seja mais pela regularidade dos pagamentos do leite entregue, do que pelo ideais representado pela cooperativa.

Propriedade das terras

Todos os doze entrevistados são proprietários de suas terras e, com exceção de um deles que comprou a propriedade, os onze demais a obtiveram por herança. Oito entrevistados sempre trabalharam com a pecuária leiteira e os quatro demais já trabalharam como pedreiro, tratorista, mecânico e agricultor. O início da atividade leiteira para esses quatro camponeses ocorreram

⁴³ Entrevistado do bairro do Pará, julho de 2015.

entre os anos de 1986 e 2005, sendo a justificativa daquele que iniciou a atividade mais recentemente a de “*dar continuidade ao trabalho do pai*”, os camponeses que sempre trabalharam com a pecuária leiteira também herdaram a atividade de seus familiares. A propriedade da terra não impede sua sujeição ao capital industrial e, como consequência a sujeição da renda da sua terra, Martins, (1981, p. 45) escreve que:

Na medida em que o produtor preserva a propriedade da terra e nela trabalha sem o recurso do trabalho assalariado, utilizando unicamente o seu trabalho e o de sua família, ao mesmo tempo em que cresce a sua dependência em relação ao capital, o que temos não é a sujeição formal do trabalho ao capital. O que esta relação nos indica é outra coisa, bem distinta: estamos diante da sujeição da renda da terra ao capital.

Apesar da sujeição da renda da sua terra, ao invés da sujeição formal do seu trabalho, a propriedade da terra dá maior autonomia aos camponeses, bem como mais força para sua resistência. Não é à toa que alguns dos camponeses entrevistados conseguiram sobreviver à falência de frigoríficos e laticínios na região, pois a sua existência não depende, exclusivamente, dessas atividades.

A construção do curral e os primeiros animais

Nenhum dos entrevistados utilizou alguma forma de financiamento para a construção do curral. Todos utilizaram recursos próprios, como por exemplo, a retirada de bambus e madeira da própria propriedade (figura 12). A maioria do entrevistados possui pequenas plantações de eucaliptos que servem como “quebra vento”, (figura 13), que protegem as construções dos estabelecimentos e também fornecem madeira para consertos de mourões das cercas e a substituição de madeira danificada dos barracões.



Figura 12: Foto de currais, destaque para a utilização do bambu na imagem esquerda, de uma das propriedades entrevistadas no bairro Pará, Catia Ferreira 2015.



Figura 13: Foto de currais, detalhe dos eucaliptos como “quebra vento” ao fundo, propriedades dos entrevistados nos bairros Pará e Bom Retiro, Catia Ferreira 2015.

O trabalho e o preço do leite

A atividade leiteira, além de se distribuir ao longo do dia, exige dedicação do camponês leiteiro, pois é uma rotina diária, de domingo a domingo, sem nenhum dia de descanso. Alguns entrevistados mencionaram que no período que a coleta do leite era a granel, o feriado de sexta-feira santa era o único dia do ano no qual não se tinha obrigatoriedade de retirar o leite das vacas. Nove camponeses entrevistados possuem ordenhadeiras mecânicas, (figura 14), os outros três ordenham o leite do seu rebanho manualmente.



Figura 14: Foto de ordenhadeiras mecânicas das propriedades entrevistas no bairro Pará e Boa Vista , Catia Ferreira 2015.

O preço recebido pelo litro do leite variou entre R\$1,00 (um real) e R\$1,15 (um real e quinze centavos) no ano de 2015, (tabela 13). As variações nos preços do leite decorre do seu teor de gordura, essas características são coletadas pelos motoristas dos caminhões tanques, no momento da coleta do leite que está armazenado nos tanques de refrigeração e levados para análise, (figura 15).

Tabela 13 - Preço recebido pelo litro do leite conforme a forma de ordenha e pelo laticínio

Preço por litro de leite	Laticínio Gege		Laticínio Colaso		total
	Ordenha mecânica	Ordenha manual	Ordenha mecânica	Ordenha manual	
R\$ 1,00	0	2	0	0	2
R\$ 1,02	2	0	1	0	3
R\$ 1,04	0	0	0	1	1
R\$ 1,05	0	0	2	0	2
R\$ 1,12	1	0	1	0	2
R\$ 1,15	2	0	0	0	3
total	5	2	4	1	12

Fonte: Entrevistas com os camponeiros em 2015, organização Catia Ferreira, 2016.



EXTRATO INDIVIDUAL DE QUALIDADE DO LEITE

Empresa: Coop. de Laticínios de Sorocaba Data de

Código: 8437453000191

Nome: FERNANDO DEL

Linha: 6

Período: 01/01/2014 a 31/03/2014

	GOR	PROT	LACT	ST	ESD	CCS	CBT	CRI
19/Mar/14	3,76	3,19	4,23	12,19	8,43	1157	305	551
20/Jan/14	2,23	3,23	4,68	11,08	8,85	25	92	541
Média	3,00	3,21	4,46	11,64	8,64	591	199	546
**Média Geo	2,90	3,21	4,45	11,62	8,64	170	168	546
Max	3,76	3,23	4,68	12,19	8,85	1157	305	551
Min	2,23	3,19	4,23	11,08	8,43	25	92	541
Padrão	>= 3,0		>= 2,9		>= 11,4		>= 8,4	
	<= 600		<= 600		<= 530			
*Melhores	3,72	3,32	4,54	12,43	8,80	263	196	548

*Melhores Produtores: calculado com base nos resultados obtidos nos últimos 3 meses
 **Média Geométrica das 3 últimas análises
 GOR = Gordura [% m/m], PROT = Proteína [% m/m], LACT = Lactose [% m/m], ST = Sólidos totais [% m/m], ESD = Extrato seco desengordurado [% m/m], CCS = Contagem
 de coliformes totais (x mil UFC/mL), NU = Nitrogênio uréico [mg/dL], CRI (cH) = Crioscopia, CAS (% m/m) = Caseína, PCAS (%) = Percentual da proteína como caseína
 (mmol/10kg Leite), PAGL (mmol/100g gordura), EA = Escorre de Autenticidade

Direc 2002

Figura 15: Foto do extrato de qualidade de uma das propriedades entrevistadas, Catia Ferreira 2015.

Percebe-se que a política de diferenciação de preços, deixa com o produtor todo o ônus da qualidade do leite, gerando, muitas vezes, dificuldade para a permanência na atividade, pois a melhoria, tanto da qualidade da ração, como da raça dos animais, exige recursos que, na maioria das vezes, esses camponeses não possuem.

O rebanho

Todos os camponeses entrevistados possuem rebanho mestiço (gir holandes), (figura 16), Oito dos doze produtores possuem ações, através de cruzamentos com boi holandês ou novilha holandesa, para melhoramento da raça. Um dos entrevistados compra, esporadicamente, sêmen de raças leiteiras para formação de novos rebanhos com mais aptidão para a produção leiteira. Esses camponeses, no geral, estão acostumados com gados mestiços, que, apesar de serem um gado menos produtivo, pela experiência do produtor, é um gado que requer pequenos gastos com remédios, já que são mais resistentes aos parasitas e à alimentação menos nutritiva.



Figura 16: Foto do rebanho mestiço de uma das propriedades dos entrevistados no bairro do Pará, Catia Ferreira 2015.

Além da modernização do rebanho, os camponeses, muitas vezes, precisam encontrar outras formas de se manterem na atividade leiteira, como o caso da venda direta aos consumidores. No caso dos camponeses entrevistados, todos vendiam pequenos volumes de leite para os moradores dos seus respectivos bairros. Nessa direção, Paulino (2012, p. 223) complementa que:

Não sem razão, a cadeia formal do leite tem ojeriza da informalidade, recurso comum entre os camponeses [...] é por meio da eliminação dos intermediários que todos os trabalhadores parecem sair ganhando: os camponeses porque conseguem vender o leite até ao triplo do preço que obteriam com a entrega nos laticínios; os consumidores, trabalhadores de baixa renda, que conseguem compra-lo a um preço inferior ao daquele industrializado.

O total de vacas do rebanho bovino dos estabelecimentos entrevistados varia de 17 a 70 cabeças de vacas e, (tabela 14), o número de vacas ordenhadas no período vai de 8 a trinta cabeças, sendo a média de litros de leite/vaca/dia no período da entrevista entre 3 e 8,2 litros

leite/vaca/dia. Esses dados, com exceção de um estabelecimento, são superiores à média do município, do estado e do país, que são 4,74, 4,6 e pouco mais de 4 litros/vaca/dia, respectivamente. Existe variação de produção ao longo do ano, segundo os entrevistados. O período em que se produz mais leite é de outubro a março, por ter maior volume de chuva e, consequentemente, mais pasto para alimentar o gado. O período de abril/maio a setembro ocorrem pouca chuvas, diminuindo o pasto e, consequentemente, a produção de leite.

Tabela 14- Número de vacas dos estabelecimentos, das vacas ordenhadas e da quantidade de leite retirado

Camponeses entrevistados	total de vacas no estabelecimento	vacas ordenhadas no período da entrevista	quantidade de leite (litros) retirado no período da entrevista	Média de litros de leite/vaca/dia retirados no período da entrevista
1	17	8	80	10
2	30	13	100	7,7
3	51	8	40	5,0
4	42	11	90	8,2
5	20	8	50	6,3
6	40	15	80	5,3
7	45	22	160	7,3
8	38	23	70	3,0
9	25	10	60	6
10	40	16	78	4,9
11	35	18	90	5
12	70	30	200	6,7

Fonte: Dados das entrevistas com os camponeses em 2015, organização Catia Ferreira, 2016

Os doze camponeses entrevistados ordenham seu rebanho no período da manhã, sendo esse momento uma das etapas que exige maior atenção e trabalho. Além disso, houve também a menção de necessidade de maior atenção nos horários em que se apartam os bezerros das vacas, o que geralmente é feito na hora do almoço, (figura 17) Para que seja possível acumular leite para a ordenha seguinte os bezerros ficam apartados até o dia seguinte.



Figura 17: Foto do bezerro sendo amamentado pela vaca ,e ao lado, foto dos bezerros que foram apartados para que se possa retirar o leite das vacas no dia seguinte, Catia Ferreira, 2015.

Com relação à necessidade de trabalho extra na produção leiteira, nove dos doze camponeses entrevistados mencionaram que necessitam de ajuda extra para fazer cerca, limpar o pasto, vacinar o rebanho e também na produção de silagem. Todos comentaram que o pagamento é sob a forma de troca de dias de serviço com seus vizinhos.

A alimentação do rebanho

Dos camponeses entrevistados, apenas um alimenta o rebanho leiteiro com o pasto da propriedade e outro, além do pasto, compra farelo de milho para complementar a alimentação no inverno. O restante produz silagem⁴⁴ na propriedade. Um dos entrevistados descreveu que a alimentação do gado é composta, geralmente, de 70% (setenta por cento) de volumosos (capim, cana), 25% (vinte e cinco por cento) de concentrado (soja, algodão, trigo, milho) e 5% (cinco por cento) de mineral (fósforo e cálcio). Todos os entrevistados produzem sua silagem a base de milho, (figura 18), que é plantada na propriedade duas vezes ao ano. O plantio os camponeses realizam sozinhos e assim que o milho está verde, eles necessitam complementar a força de trabalho para colher, transportar e compactar a silagem.

⁴⁴ Silagem é o termo usado pelos camponeses entrevistados para a alimentação do gado, através da mistura de volumosos, concentrados e minerais, que fica armazenado em silos construídos na terra.



Figura 18: Foto de plantação de milho para silagem na propriedade de um dos entrevistados, bairro Boa Vista, Catia Ferreira, 2015

Todos armazenam a silagem em silos feitos no chão, (figura 19), abre-se um buraco, num terreno levemente inclinado, impermeabiliza-se com uma lona o fundo e as laterais do buraco, compacta-se a silagem e cobre-se vedando a silagem, a qual só deve ser aberta no período em que realmente será utilizada, para não pegar umidade e estragar. Essa forma de estocar é mais barata do que os silos convencionais.

No verão, quando possuem mais pasto, alguns dos camponeses não usam a silagem. Outros, que estão fazendo cruzamento com raças que produzem mais leite, sentem a necessidade de alimentar o rebanho leiteiro não somente com o pasto, mas também com silagem ou mesmo ração e alguns citaram também cana de açúcar, mesmo que seja em menor quantidade do que no período do inverno, (figura 20).



Figura 19: Foto da silagem estocada em silos no chão, à esquerda vedada e a direita aberta para alimentar o gado, bairro Pará, Catia Ferreira, 2015



Figura 20: Foto das vacas sendo alimentadas com silagem à esquerda, à direita detalhe da silagem, bairro Pará, Catia Ferreira, 2015

Apoio técnico e participação em associações

Tanto o laticínio Gege, quanto o laticínio COLASO não fornecem assistência técnica aos camponeses entrevistados. Eles mencionaram que recorrem a seus conhecimentos práticos, como realizar parto e fazer inseminação e, nos casos mais graves, recorrem a veterinários particulares e ao veterinário que é oferecido pela APRUC (Associação dos Produtores Rurais de Conchas) ou pela Casa da Agricultura e Pecuária (conhecida como Casa da Lavoura pelos entrevistados). Segundo os entrevistados a Casa da Agricultura geralmente, é mais solicitada para a emissão da DAP (Declaração de Aptidão ao PRONAF).

Todos os entrevistados são associados à APRUC. Essa associação foi fundada em 2002, com aproximadamente 50 associados em seu início, tem como objetivo atender os produtores rurais, prestando serviços com tratores e auxílio técnico com projeto, como o programa Balde Cheio⁴⁵. Segundo a funcionária entrevistada da associação, foram dois anos de parceria com esse projeto, sendo que no município de Conchas 78 produtores participaram.

Um dos entrevistados mencionou que participa do programa Balde Cheio, recebendo apoio de veterinários e agrônomos através SEBRAE/APRUC/ CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), para montar piquete rotacionado, com aveia, capim brachiaria e outras forrageiras, além de ter tido contato com experiências com novas rações como a de cevada, contudo não soube informar se houve grandes alterações na produção de seu rebanho.

Além do programa Balde Cheio, a APRUC, fornecendo assessoria técnica visando maior produtividade, participou do programa Conchas Mais Leite, no período de 2013/2015, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. Por meio deste programa foi destinado recurso para a contratação de assistência técnica para o período de um ano.

Em 2015 a APRUC tinha 303 associados, sendo que aproximadamente 70% (setenta por cento), 212 associados, tinham como atividade no estabelecimento a pecuária leiteira e 30% (trinta por cento) trabalhavam com a pecuária de corte e outras atividades como, por exemplo, a olericultura, presente em vinte propriedades. A APRUC obtém recursos através dos serviços prestados com seus tratores, cinco no total. Segundo a funcionária entrevistada, a maioria dos associados são pequenos produtores, alguns entrevistados mencionaram que não utilizam muito

⁴⁵ A EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) desenvolveu um modelo de produção que utiliza a associação da produção da pastagem com a complementação proteica para o melhoramento da produção de leite. O programa Balde Cheio, que utiliza esse modelo, é aplicado pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio as Micros e Pequenas Empresas).

os maquinários da Associação, porém aceitam manter a associação porque o valor mensal gasto para se permanecer associado é de apenas R\$10,00 (dez reais).

Tanque de refrigeração

Com relação ao tanque de refrigeração, (figura 21), seis camponeses não o possuem em suas propriedades, sendo o leite armazenado em tanques coletivos. No bairro Boa Vista, um dos entrevistados mencionou que leva sua produção para o tanque comunitário fornecido pelo laticínio Gege, localizado em uma propriedade no distrito de Juquiratiba. Já no bairro do Lopes, o entrevistado leva sua produção ao tanque comunitário comprado pelos produtores, sem financiamento, e instalado em uma das propriedades.

As quatro propriedades do bairro Bom Retiro usam um tanque comunitário fornecido pelo laticínio Gege para o uso de dez fornecedores e com a responsabilidade assumida contra qualquer dano, em contrato, pelo proprietário que cedeu sua propriedade para a instalação do tanque de refrigeração.



Figura 21: Foto tanque de refrigeração utilizados para armazenar o leite ordenhado, bairro Pará Catia Ferreira, 2015

A aquisição de tanques de refrigeração individuais feita pelos seis demais camponeses contou com recursos de financiamento, sendo cinco por financiamento direto com a fabricante, parcelado em trinta e seis vezes, e um por financiamento em instituição financeira através do PRONAF.

Outras atividades

Com exceção de um camponês do bairro Bom Retiro que precisou parar a atividade da avicultura de corte em decorrência de doença na família, todos os entrevistados possuem outra atividade que comercializam, sendo a grande maioria a pecuária leiteira. Com relação às três entrevistas que não são retorno, dois produtores possuem, além da pecuária leiteria, a pecuária de corte e um a comercialização pela avicultura de corte.

A principal atividade na propriedade de nove, dos doze camponeses entrevistados é a pecuária leiteira, a avicultura de corte é a principal atividade em duas propriedades e em uma a pecuária de corte.

Onze dos doze camponeses entrevistados produzem alimentos através das hortas, pomares, criação de porcos e galinhas, destinados somente para o consumo da unidade familiar, diminuindo assim os custos de manutenção do estabelecimento.

A distribuição das pessoas da família nas atividades, como mencionado no capítulo anterior, não se dá de forma hierarquizada. Conforme as palavras de um dos entrevistados, “*todo mundo trabalha junto*”. Além disso, algumas funções na pecuária leiteira, como lavar as ordenhadeiras e /ou os tanques de refrigeração são realizadas pelos filhos adolescentes. Um fato marcante no campesinato é a hereditariedade das práticas. O pai ou responsável da unidade familiar, ao longo dos anos, vai passando os conhecimentos necessários para que o filho assuma as atividades com o tempo, o que faz com que os conhecimentos continuem sendo transmitidos entre as gerações.

Perspectivas com a pecuária leiteira

A pecuária leiteira para todos os entrevistados é a renda fixa, “*é o salário que mantém o sítio*”⁴⁶, conforme dito por um dos camponeses entrevistados. O recurso do leite paga as despesas do mês e, além disso, muitos ressaltaram a importância do leite na propriedade, pois “*é o melhor que tem, tem o leite e tem o bezerro!*”⁴⁷. Percebe-se que mesmo sem grande apoio efetivo, como por exemplo, de cooperativa e de associações, os camponeses continuam a resistir e a permanecer no campo.

Assim como a pecuária leiteira é fundamental como renda constante aos camponeses, verifica-se no município de Conchas que a olericultura, comercializada nas feiras livres, é a

⁴⁶ Fala de um dos camponeses entrevistados no Bairro Bom Retiro, julho de 2015.

⁴⁷ Fala de um dos camponeses entrevistados no bairro Pará, julho de 2015.

possibilidade da entrada de renda mais frequente. O próximo capítulo irá analisar a reprodução camponesa dos olericultores feirantes no município de Conchas.

4. OS FEIRANTES CONCHENSES

A olericultura no município de Conchas esteve presente nas primeiras décadas de formação do município. O documento Cronologia da História do Município de Conchas (sem, data, p.77 e p.132)⁴⁸, faz referência à instalação do mercado municipal, atualmente sede do Banco do Povo e da APROFAC (Associação dos Produtores Familiares de Conchas), entre os anos de 1917 e 1919 e também a criação da feira livre, próxima ao mercado municipal, na praça principal de Conchas no ano de 1969.

Foram entrevistados todos os feirantes que comercializam o que produzem no município de Conchas. Ao todo são quatro famílias, sendo que uma barraca só comercializa o que produz e as demais completam com algumas frutas, batatas e cebolas trazidas do CEAGESP do município de Piracicaba.

A propriedade da terra

Três feirantes entrevistados adquiriram a propriedade por meio de herança e um através da troca de um caminhão (a renda da família vinha dele) por uma chácara e, como a olericultura não demanda grandes extensões de terra, o tamanho da propriedade foi o suficiente para começar essa atividade.

A força de trabalho

Os integrantes das famílias que moram nas propriedades estão entre 15 e 60 anos e todos participam de alguma forma da produção dos alimentos. Dois dos entrevistados mencionaram que todos os membros da família trabalham nas diversas etapas da atividade (produção, colheita, embalagem e venda); um dos entrevistados mencionou que o pai cuida da horta, a mãe da colheita e embalagem, sendo que ambos comercializam na feira, enquanto o filho cuida da pecuária leiteira. Já outro entrevistado, divide os membros da família entre produção e venda.

Início da atividade, infraestrutura e atuação da APROFAC

Todos os entrevistados iniciaram suas atividades entre os anos de 2009/2010. Segundo eles a prefeitura municipal concede autorização, sem custos ou tarifas, aos produtores que desejam comercializar (figura 22). Interessante notar que o período coincide com a Lei nº

⁴⁸ Disponível em: www.camaraconchas.sp.gov.br/Acervo/historico/Conchas, acessado em dezembro de 2015.

11947, Art. 14º de 2009 que estabelece, no âmbito do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar)⁴⁹, que no mínimo de 30% (trinta por cento) dos alimentos destinados à alimentação escolar devam ter procedência direta da agricultura familiar, comunidades tradicionais e assentamentos da reforma agrária, dentre outros, estimulando o cultivo de hortaliças, frutas e legumes no município e, dessa forma, aumentando as opções de renda para os campões. Nota-se a importância de políticas do Estado para favorecer e apoiar os pequenos produtores, já que são eles os responsáveis, segundo os dados do IBGE, por mais de 70% (setenta por cento) dos produtos que alimentam os brasileiros.

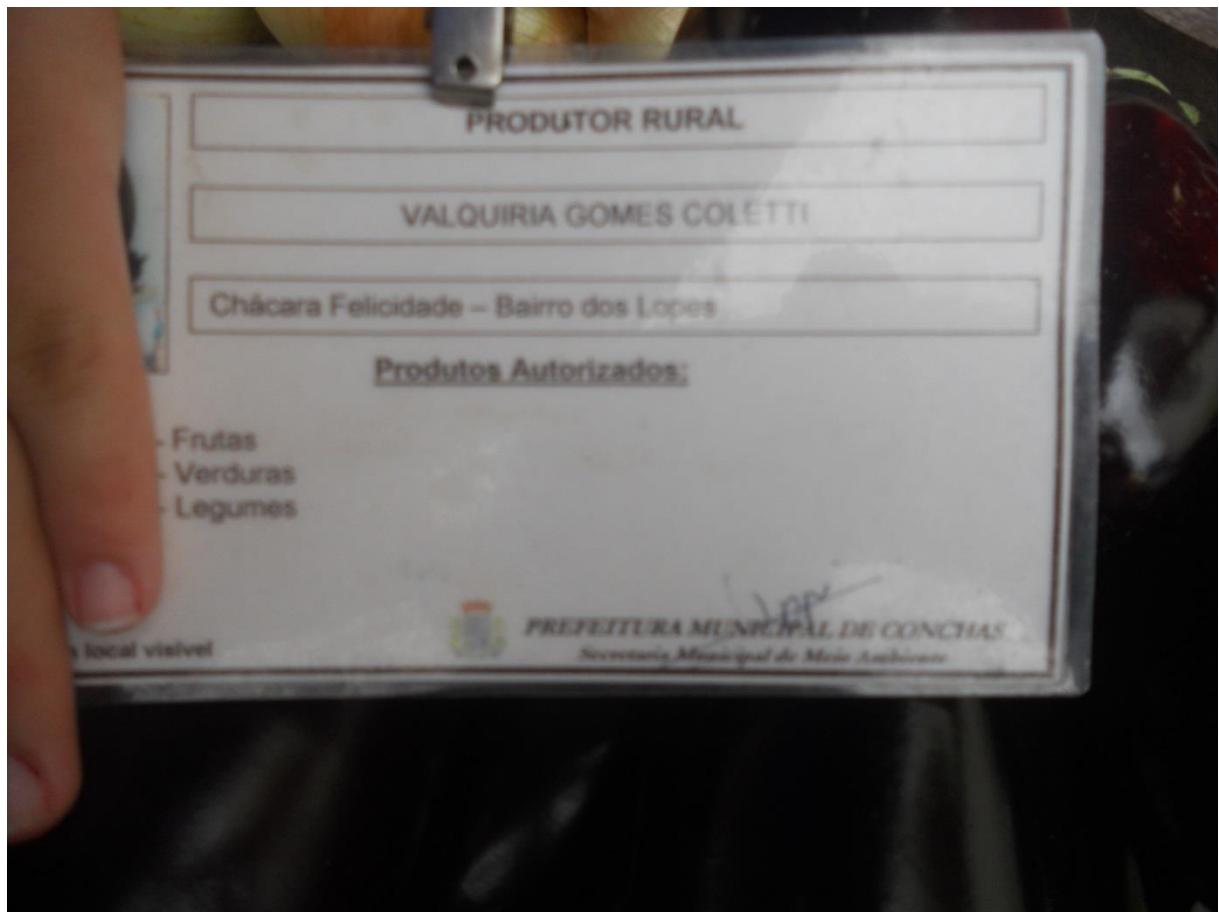


Figura 22: Crachá de autorização da prefeitura para comercialização na feira. Foto: Catia Ferreira 2015.

Assim como nas propriedades de avicultura de corte e de pecuária leiteira, a infraestrutura para a olericultura foi custeada com dinheiro próprio para todos os entrevistados. No início alugavam as encanteiradoras (figura 23) de terceiros. Dois dos entrevistados já conseguiram comprar, em 2015, sua própria máquina de fazer os canteiros.

⁴⁹ O Programa Nacional de Alimentação Escolar foi implantado em 1955, que prevê a oferta de alimentação escolar por meio de transferência de recursos financeiros, porém, só no ano de 2009 foi estabelecido um mínimo para aquisição direta dos produtores familiares.



Figura 23: Máquina encanteiradora, foto disponível em: https://i.ytimg.com/vi/cxb_DMxh43g/maxresdefault.jpg, acessado em novembro de 2016.

A criação da APROFAC, Associação dos Produtores Familiares de Conchas, em 2012, foi iniciativa dos feirantes (doze no total) que, a partir da associação, conseguiram um fundo para comprar as encanteiradoras, que atualmente são alugadas para os olericultores, tanto os associados, quanto os não associados, além disso, a associação auxilia na compra de insumos.

Os produtos plantados pelos campões

Os produtos comercializados na feira e produzidos nas propriedades dos campões feirantes, no período das entrevistas, são: alface (crespa, mimosa, lisa e americana), chicória, cheiro verde, espinafre, almeirão, couve, agrião, repolho, beterraba, tomate, abobrinha, repolho, pepino, pimentão, chuchu, vagem cenoura, berinjela, manjericão, brócolis e batata doce (figura 24).





Figura 24: conjunto de imagens da feira com as produções dos camponeses para serem comercializadas, foto: Catia Ferreira, 2015.

As feiras ocorrem às quartas feiras e aos sábados no calçadão do centro, (figura 25), e aos domingos no bairro Jardim Letícia, bairro mais afastado do centro.



Figura 25: Feira realizada no calçadão, centro do município de Conchas, foto: Catia Ferreira 2015.

Segundo os entrevistados, a assistência técnica para a olericultura é prestada pelo SEBRAE de forma coletiva e pela CATI individualmente, além disso, a CATI fornece a DAP, entre outras coisas, que é um documento necessário para o fornecimento para a merenda escolar. Para participar do programa da merenda escolar (PNAE), os camponeses devem se inscrever para a chamada pública, apresentando os produtos e os preços a serem comercializados. Caso seja selecionado, o valor máximo recebido por cada DAP/ano é de R\$20.000,00 (vinte mil

reais). Além da comercialização na feira e do fornecimento para a alimentação escolar, todos os feirantes fornecem seus produtos aos mercados da cidade.

Outras atividades

Três dos camponeses entrevistados possuem outra atividade para comercialização na propriedade, sendo a pecuária leiteira em dois estabelecimentos (fornecem para os laticínios Gege e COLASO) e a avicultura de corte em um (com integração com o frigorífico Zanchetta Alimentos). A olericultura é a principal atividade nas duas propriedades com pecuária leiteira, sendo 60 e 70% (sessenta e setenta por cento) de toda a renda da propriedades. Na propriedade com avicultura de corte, a renda com a olericultura corresponde a 30% (trinta por cento) da renda total obtida.

Com relação à produção de alimentos somente para o consumo dos moradores da unidade familiar, apenas um dos camponeses feirantes não produz algo estritamente destinado ao consumo, os demais mencionaram a criação de porcos e galinhas que são exclusivos para o consumo da família.

Perspectivas futuras

Todos consideram que a feira, associada à entrega de alimentos da merenda escolar e a venda aos estabelecimentos comerciais da cidade, é uma atividade que vale a pena, mencionando ainda que existe perspectiva de melhoramentos. Um exemplo é a busca da certificação para os alimentos orgânicos, que um dos entrevistados está buscando para seus produtos, porque, mesmo que essa forma de produzir não seja rentável na região, ele considera o melhor caminho para o futuro.

Os entrevistados mencionaram que o Estado deveria ajudar mais pois, apesar da importância das políticas governamentais como PAA e o PNAE ainda assim, o Estado prioriza o agronegócio. A maioria dos estabelecimentos camponeses não consegue ter acesso ao crédito, segundo Mendonça (2011)⁵⁰, os camponeses utilizam apenas 14% (quatorze por cento) do crédito agrícola total ofertado pelos bancos, pelas normas e determinações da política do

⁵⁰ MENDONÇA, Maria L. **O monopólio da Terra e os Direitos Humanos no Brasil**. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 20 de abril de 2011, disponível em:

http://www.social.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=124:o-monopolio-da-terra-e-os-direitos-humanos-no-brasil&catid=19:artigos-portugues&Itemid=19, acessado em dezembro de 2016.

governo federal, arcando, assim, com os custos de produção o que limita as possibilidades de expansão e diversificação da produção.

A comercialização através da feira, ao menos no contexto da comercialização ou circulação da mercadoria, é uma ação que contribui para que a agricultura familiar camponesa amenize os processos de sujeição da renda de sua terra a capital, Martins (1981), pois a negociação é direta entre os produtores e os consumidores, não há intermediários. Além disso, as feiras constituem-se numa estratégia interessante para o processo de reprodução camponesa, pois possibilita maior autonomia e cria espaços de sociabilidade, pois a relação vai além da simples troca de mercadorias.

CONSIDERAÇÕES

A dinâmica no campo é entendida nesse trabalho sob a perspectiva apontada por OLIVEIRA (2007), na qual o processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista no campo brasileiro é contraditório e combinado, ou seja, ao mesmo tempo em que produz relações especificamente capitalistas de produção, gera também, igual e contraditoriamente, relações não capitalistas de produção, ou seja, o desenvolvimento do capitalismo no campo (re)produz ou (re) cria diferentes formas de produção, entre elas a camponesa.

A atividade de avicultura de corte e da pecuária leiteira em Conchas se faz, em sua maior parte, através das relações não capitalistas e tem como características a força de trabalho familiar, além de outras atividades consorciadas, essa foi uma das formas dos camponeses conchenses permanecerem na terra. Como a unidade camponesa está regulada pela necessidade de reprodução da família e não pelo lucro médico como numa propriedade capitalista, o capital se apropria de boa parte da renda gerada pelas propriedades camponesas.

No município de Conchas a reprodução camponesa se dá, principalmente, na integração dos camponeses na criação de aves de corte e na pecuária leiteira, tendo dupla consequência para eles: ao mesmo tempo em que a integração é exemplo do mecanismo de monopolização do território praticado pelos frigoríficos e laticínios para assegurar o seu abastecimento de aves e produção de leite a preços baixos, ela garante, contraditoriamente, a reprodução camponesa no município, permitindo com a avicultura de corte e a pecuária leiteira, a manutenção do seu modo de vida e também a realização de práticas de atividades que fuja da subordinação da produção, como é o caso dos olericultores feirantes.

O controle simultâneo dos meios de produção e da força de trabalho, com ou sem a propriedade da terra, são características singulares da existência camponesa. Percebeu-se no município de Conchas que a sujeição da renda da terra ao capital não consegue subtrair desses camponeses o controle total do seu tempo, mesmo que, como menciona Paulino (2012), no limite, os camponeses precisem ajustar-se aos padrões de qualidade e produtividade imposto pelos frigoríficos e laticínios. Além disso, alguns camponeses, através da olericultura nas feiras, conseguem evitar a sujeição vendendo seus produtos diretamente aos consumidores.

Retomando a consideração feita por Cândido,(2001, p.13), no qual o autor aponta para certa tendência de “*reconstituição do latifúndio como realidade econômica e social, à custa da pequena propriedade e do sistema de parceria*”, percebemos que, em parte, a hipótese de

Candido está correta, já que o capital se territorializou em grande parte do município de Bofete, porém, no caso conchense, o capital monopolizou o território.

Referências

- ALEIXO, S. S. **Configurações contemporâneas do complexo agroindustrial do leite: produção, industrialização e consumo no estado de São Paulo.** 2012. Tese (Doutorado em Zootecnia) – FCAV/UNESP, São Paulo, 164 p.
- _____ ; BACCARIN, J.G.. **O Desenvolvimento Recente das Etapas da Cadeia de Lácteos no Estado de São Paulo.** In: Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados, VI., Florianópolis –SC, Anais, sem data. Disponível em: <http://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/economiarural/josegiacombaccarin1559/sial-versao-anais.pdf> , acessado em janeiro 2016.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- AZEVEDO. P.F.; POLITI, R.B. **Concorrência e estratégias de precificação no sistema agroindustrial do leite.** Rev Econ Sociol Rural. 2008;46(3):767-802. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032008000300008 , acessado em janeiro 2015
- BACCARIN, J.G.; BUENO, G.; ALEIXO, S.S. & SILVA, D.B.P. **Cadeia de Lácteos no Estado de São Paulo entre 1990 e 2010: Vão-se as Vacas, Chegam as Caixinhas.** In: Simpósio Internacional De Geografia Agrária; Simpósio Nacional De Geografia Agrária E Jornada De Geografia Das Águas, VI., VII., I., 2013, João Pessoa- PB, Anais, (ISBN 978-85-237-0718-7), Universidade Federal da Paraíba, 2013.
- BRASIL.2006. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], Censo Agropecuário, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/>, acessado em 28/04/2013
- _____, IBGE cidades: municípios do estado de São Paulo, Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=351230> acessado em 30/10/2014.
- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** São Paulo: Duas Cidades. Ed.34, 2001. 376p.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital.** São Paulo: Xamã, 1996.
- CORRÊA, Roberto. **Região e organização espacial.** 5^a ed. São Paulo: Ática, 1995. 93 p. (Série Princípios)
- ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias do oeste catarinense: o caso Sadia.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1996. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade de São Paulo, 310p.
- ESTADO DE SÃO PAULO – Secretaria de Agricultura e Abastecimento, **Levantamento das Unidades de Produção Agropecuária – Estatísticas Agrícolas, Estado de São Paulo,** 2007/08,(LUPA), disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa/> , acesso em: 30 de jan.2012.
- FIGUEIREDO, Jeovan de Carvalho; PAULILLO, Luís Fernando. **Gênesis, modernização e reestruturação do complexo agroindustrial lácteo brasileiro.** Revista Organizações rurais agroindústria, Lavras, v. 7, n. 2, p. 173-187, 2005.

- FLEURY, M.T. L. **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil.** São Paulo: Global, 1983
- Fraletti, P. **Conchas- origens e desenvolvimento,** s/d.
- GOULART, José A. **Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil.** Rio de Janeiro: Conquista, 1961.
- INSTITUTO BRAILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], **IBGE cidades: municípios do estado de São Paulo,** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=351230> acessado em 30/10/2011
- INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (IEA). **Banco de dados.** Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/index.php> Acesso em outubro de 2015.
- LEITE BRASIL. **O mapa do leite no estado de São Paulo.** Associação Leite Brasil, São Paulo, 2006. 20 p.
- LINS, S.Q.F.B. **DE TROPAS, TRILHOS E TATUS: Arredores Paulistanos do Auge das Tropas de Muares à Instalação das Estradas de Ferro (1855-85).** 2003. 213 folhas. TESE (Doutorado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. **Expropriação e violência.** São Paulo: Hucitec, 1991.
- _____. **O Cativeiro da Terra.** 6ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1996
- MARTINS, Paulo do Carmo; FARIA, Vidal Pedroso de. **Histórico do Leite no Brasil.** In: CÔNSOLI, Matheus Alberto; NEVES, Marcos Fava (Org). **Estratégias para o Leite no Brasil.** São Paulo: ATLAS S.A, 2006.
- MENDES, Denise. **A Calçada do Lorena: o caminho de tropeiros para o comércio do açúcar paulista.** 1994. 201f. DISSERTAÇÃO (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- MIZUSAKI, Márcia Yukari. **Monopolização do território e Reestruturação produtiva na avicultura em Mato Grosso do Sul.** (Tese em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo.** Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Polis, 1984
- MOURA, Margarida Maria. **Camponeses.** São Paulo: Ática, 1986.
- OLIVEIRA, A. U. de. **Agricultura e indústria no Brasil.** In: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, AGB n.º58, 1981. P.5-64.
- _____. **Agricultura brasileira: desenvolvimento e contradições.** São Paulo: mimeografado, 1992

_____. **Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária.** São Paulo: FFLCH/LABUR Edições, 2007

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Sujeição da renda camponesa da terra no contexto da monopolização do território pelo capital.** Disponível em: http://www.cptl.ufms.br/revista-geo/artig_prof_eliane.pdf. Acesso em abril de 2015.

_____. **Por uma geografia dos campesinos.** 2.ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

RODRIGUES, A. M. P. **Renda da terra, trabalho, espaço e capital – os tiradores de leite de Catuaba – SP.** In: Boletim Paulista de Geografia. N.º 62, 2º Sem. 1985, ano de publicação 1986, p.5-45.

RUBEZ, J. **Retrospectiva do leite nos anos 90** - 2001. Disponível em: http://www.leitebrasil.org.br/artigos/jrubez_040.htm, acessado em janeiro 2016.

SANTOS, D.F.; BARROS, G.S.C. **Importações Brasileiras de Leite: impactos micro e macroeconômicos.** Revista de Economia Aplicada, São Paulo, v.10, n.4, p. 541-559, out./dez., 2006.

SANTOS, G. dos. **Indicadores econômicos de fazendas leiteiras com alta produção em minas gerais.** 2010. 257 f. Dissertação (para obtenção de título de mestre). Área de ciências veterinária. Lavras Minas gerais, 2010.

SANTOS, J. C. dos. **O sistema agroindustrial do leite na região de Presidente Prudente – São Paulo.** (Dissertação de mestrado) Faculdade de Ciências e Tecnologia,UNESP – Presidente Prudente, 2004.

SANTOS, J.V.T. **Colonos do vinho.** São Paulo: Hucitec, 1978. 182p.

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO DO PARANÁ – SEAB, **Análise da Conjuntura Agropecuária – Leite ano 2014,** disponível em: http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/bovinocultura_leite_14_15.pdf, acessado em novembro de 2016.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS- SEBRAE, **Boletim Setorial do Agronegócio nº 3- Bovinocultura Leiteira,** 2010, disponível em <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Boletim-Bovinocultura.pdf> , acessado em janeiro 2016.

SORJ, B.; POMPERMAYER, M. J.; CORADINI, O L, **Camponeses e agroindústria,** Rio de Janeiro:Zahar, 1982.

VALVERDE, Orlando. **Geografia da pecuária no Brasil.** In: _____. Estudos de Geografia Agrária Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2524/2152> , acessado em dezembro de 2015.

ANEXOS

ANEXO 1:

ROTEIRO DE ENTREVISTA AVICULTORES CONCHENSES

NOME: _____

POSIÇÃO NA FAMÍLIA _____

LOCALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE (BAIRRO) _____

EMPRESA INTEGRADORA: _____

DATA: ____/____/____

- 1.** Qual sua idade?
- 2.** Quantas pessoas da família moram na propriedade, suas idades e escolaridade?
- 3.** O senhor (a) sempre morou nessa propriedade? **Caso não**, de onde veio?
- 4.** É o proprietário? **Caso sim**, como adquiriu a propriedade?
- 5.** Sempre se dedicou à avicultura de corte? **Se não**, qual atividade exercia antes da avicultura de corte?
- 6.** Quando iniciou na avicultura de corte e por qual motivo?
- 7.** No início da atividade teve dificuldade de aprender o novo trabalho? houve fornecimento de assistência técnica? **Caso sim**, por quem?
- 8.** A infraestrutura dos galpões foi custeada com dinheiro próprio ou utilizou de financiamento? se usou financiamento, de quem? pagou com quanto tempo?
- 9.** Trabalha com integração? se sim, com qual empresa? Desde quando?
- 10.** Já tentou outra? **Se sim**, qual? Porque saiu? Está contente com a nova empresa?
- 11.** A empresa integradora esteve envolvida na etapa inicial da infraestrutura? **se sim**, como?

- 12.** Quantos barracões possui? (manual/automatizado, semi-climatizado ou climatizado)?
- 13.** Quantas cabeças comporta o (cada) galpão? está usando toda a capacidade? **Se não**, qto usa?
- 14.** Houve alterações no barracão, como por exemplo, introdução de melhorias? Se sim, quais? Por quê? Foi exigência da empresa integradora ou iniciativa própria?
- 15.** Se houve alterações, a renda melhorou após as alterações?
- 16.** Como é a sua rotina na avicultura? quais etapas exigem mais atenção e trabalho?
- 17.** Precisa de trabalhador extra para dar conta do trabalho? **se sim**, em qual momento?
- 18.** Quais os insumos que a empresa integradora fornece e quais os insumos com os quais você arca?
- 19.** O que é feito da cama do frango?
- 20.** A avicultura é a sua principal atividade da propriedade? **Se sim**, ela responde por toda a renda ou por parte? **Se parte**, quanto aproximadamente (%)?
- 21.** [se possui outras atividades] Quais outras atividades você tem na propriedade voltadas para a comercialização? Para quem comercializa?
- 22.** Qual a distribuição desses outros produtos na composição da renda da propriedade?
- 23.** Como fica a distribuição das pessoas da família para essas atividades?
- 24.** Você produz algo estritamente para o consumo na propriedade? Se sim, o quê?
- 25.** Quer continuar com a avicultura de corte, por quê?

ANEXO 2:

ROTEIRO DE ENTREVISTA
“LEITEIRO” COOPERADO

NOME: _____

POSIÇÃO NA FAMILIA _____

LOCALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE (BAIRRO) _____

LATICÍNIO: _____

DATA: ___/___/___

1. Qual sua idade?
2. Quantas pessoas da família moram na propriedade, suas idades e escolaridade?
3. O senhor (a) sempre morou nessa propriedade? **Caso não**, de onde veio?
4. É o proprietário? **Caso sim**, como adquiriu a propriedade?
5. Sempre se dedicou à pecuária leiteira? **Se não**, qual atividade exercia antes da dela?
6. Quando iniciou na pecuária leiteira e por qual motivo?
7. A infraestrutura do curral, os primeiros animais foram custeados com dinheiro próprio ou utilizou de financiamento? se usou financiamento, de quem? pagou com quanto tempo?
8. Para qual cooperativa fornece? Há quanto tempo é um cooperado? Existe exigências da cooperativa para se cooperar? Se sim, quais são?
9. Na sua opinião, quais são as vantagens de ser um cooperado?
10. E quais as desvantagens?
11. Você conhece o estatuto da cooperativa, seus conselheiros?
12. Na sua opinião, quem decide os rumos da cooperativa, os produtores em assembleias, o conselho ou os dirigentes?

13. Você participa das atividades/ assembleias da cooperativa? Se sim, de que forma e qual frequência?
14. Você conhece de que forma é realizada a distribuição de sobras (retido para investimento, preços, por exemplo)?
15. Já forneceu leite para outras cooperativas ou laticínios, além dessa cooperativa? **Se sim**, qual o motivo da troca?
16. Quantas cabeças de vaca possui?
17. Quantas vacas são ordenhadas por dias e qual a média de litros de leite ordenhados por dia/vaca?
18. Existe variação na quantidade de leite produzida ao longo do ano? Quanto? Em que época? Por quê?
19. Qual é o preço recebido pelo litro do leite?
20. Qual é o tipo de ordenha, manual ou mecanizada?
21. Qual a raça dos animais ordenhados?
22. Como é a sua rotina na pecuária leiteira? quais etapas exigem mais atenção e trabalho?
23. Precisa de trabalhador extra para dar conta do trabalho? **se sim**, em qual momento?
24. Além do pasto, você fornece outro tipo de alimentação para o gado? Se sim, qual (silagem ou ração)? É produzido na propriedade?
25. Com quem você consegue assistência técnica? Existe ajuda do laticínio para o qual entrega o seu leite?
26. O senhor possui tanque de refrigeração? **Se sim**, custeou-o através de financiamento? Houve alguma forma de ajuda do laticínio?
27. [**se possui tanque de refrigeração**] A granelização do transporte ajudou na redução do custo de transporte e por consequência aumentou o preço final do litro do leite?
28. A pecuária leiteira é a sua principal atividade na propriedade? **Se sim**, ela responde por toda a renda ou por parte? **Se parte**, quanto aproximadamente(%)?

29. [se possui outras atividades] Quais outras atividades você tem na propriedade voltadas para a comercialização? Para quem comercializa?
30. Qual a distribuição desses outros produtos na composição da renda da propriedade?
31. Como fica a distribuição das pessoas da família para essas atividades?
32. Você produz algo estritamente para o consumo na propriedade? Se sim, o quê?
33. Para você, qual a importância do leite, como está sua situação atual e suas perspectivas para o futuro?

ANEXO 3:
ROTEIRO DE ENTREVISTA
“LEITEIRO” NÃO COOPERADO

NOME: _____

POSIÇÃO NA FAMILIA _____

LOCALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE (BAIRRO) _____

LATICÍNIO: _____

DATA: ___ / ___ / ___

1. Qual sua idade?
2. Quantas pessoas da família moram na propriedade, suas idades e escolaridade?
3. O senhor (a) sempre morou nessa propriedade? **Caso não**, de onde veio?
4. É o proprietário? **Caso sim**, como adquiriu a propriedade?
5. Sempre se dedicou à pecuária leiteira? **Se não**, qual atividade exercia antes da dela?
6. Quando iniciou na pecuária leiteira e por qual motivo?
7. A infraestrutura do curral, os primeiros animais foram custeados com dinheiro próprio ou utilizou de financiamento? se usou financiamento, de quem? pagou com quanto tempo?
8. Para qual Laticínio fornece? O fornecimento foi acordado por contrato? Existe exigências da industria para o fornecimento do leite? Se sim, quais são?
9. Já forneceu leite para outras empresas? **Se sim**, qual o motivo da troca?
10. Quantas cabeças de vaca possui?
11. Quantas vacas são ordenhadas por dias e qual a média de litros de leite ordenhados por dia/vaca?
12. Existe variação na quantidade de leite produzida ao longo do ano? Quanto? Em que época? Por quê?

13. Qual é o tipo de ordenha, manual ou mecanizada?
14. Qual a raça dos animais ordenhados?
15. Como é a sua rotina na pecuária leiteira? quais etapas exigem mais atenção e trabalho?
16. Precisa de trabalhador extra para dar conta do trabalho? **se sim**, em qual momento?
17. Além do pasto, você fornece outro tipo de alimentação para o gado? Se sim, qual (silagem ou ração)? É produzido na propriedade?
18. Com quem você consegue assistência técnica? Existe ajuda do laticínio para o qual entrega o seu leite?
19. O senhor possui tanque de refrigeração? **Se sim**, custeou-o através de financiamento?
Houve alguma forma de ajuda do laticínio?
20. [**se possui tanque de refrigeração**] A granelização do transporte ajudou na redução do custo de transporte e por consequência aumentou o preço final do litro do leite?
21. A pecuária leiteira é a sua principal atividade na propriedade? **Se sim**, ela responde por toda a renda ou por parte? **Se parte**, quanto aproximadamente(%)?
22. [**se possui outras atividades**] Quais outras atividades você tem na propriedade voltadas para a comercialização? Para quem comercializa?
23. Qual a distribuição desses outros produtos na composição da renda da propriedade?
24. Como fica a distribuição das pessoas da família para essas atividades?
25. Você produz algo estritamente para o consumo na propriedade? Se sim, o quê?
26. Para você, qual a importância do leite, como está sua situação atual e suas perspectivas para o futuro?

ANEXO 4:
ROTEIRO DE ENTREVISTA
COLASO –Cooperativa de Laticínios de Sorocaba

NOME: _____

FUNÇÃO NA COOPERATIVA: _____

DATA: ___/___/___

- 1.** Quando iniciou a Cooperativa?
- 2.** Quais os objetivos da Cooperativa?
- 3.** Quando a houve a associação dos leiteiros de Conchas? Quais as condições para se tornar um cooperado?
- 4.** Quantos associados houve em seu início?
- 5.** Quantos associados são hoje?
- 6.** Existe uma unidade da Colaso em Conchas, suas funções mudaram desde a sua instalação? Qual a sua importância, hoje, para os seus associados?
- 7.** Qual o peso dos cooperados (%) conchenses em relação aos demais municípios de atuação da cooperativa?
- 8.** Como você avalia a participação e fidelização dos cooperados?
- 9.** Qual é o comprometimento da Cooperativa para com os associados?
- 10.** Quais são os investimentos na pecuária leiteira a curto, médio e longo prazo, proposto pela Cooperativa?
- 11.** Como conseguem aportar mais capital para a cooperativa?

- 12.** A cooperativa, além de processar o leite, vende o produto in natura para outros Laticínios, como intermediaria?
- 13.** A cooperativa oferece assistência técnica e facilidades na aquisição de insumos para os seus cooperados? **Se sim,** de que forma?
- 14.** Existe um perfil dos cooperados? **Se sim,** qual é?
- 15.** Como está estruturado o organograma da cooperativa?
- 16.** Existem muitas divergências de interesses entre os membros da cooperativa de uma região para outra, já que a Colaso atua em diversos municípios?

ANEXO 5:**ROTEIRO DE ENTREVISTA****APRUC- Associação dos Produtores Rurais de Conchas**

NOME: _____

FUNÇÃO NA ASSOCIAÇÃO_____

DATA: ___/___/___

1. Quando iniciou a associação?
2. Qual o principal objetivo da Associação?
3. Quantos associados houve em seu início?
4. Quantos associados são hoje?
5. Quantos associados trabalham com pecuária leiteira?
6. A Associação contribuiu com o projeto da EMBRAPA “Tecnologia Social do Balde Cheio” para o município de Conchas?
7. Qual é a participação da Associação no Projeto “Conchas Mais Leite”? No que consiste esse projeto?
8. Quantos produtores são beneficiados com esse projeto?
9. Quais são as formas de obtenção de recursos da Associação?
10. Existe um perfil dos associados? Se sim, qual é?
11. Além dos associados que trabalham com pecuária leiteira, quais as principais atividades dos demais associados?

ANEXO 6:

ROTEIRO DE ENTREVISTA PRODUTORES FEIRANTES

NOME: _____

LOCALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE (BAIRRO) _____

DATA: ___/___/___

1. Qual sua idade?
2. O senhor (a) produz o que comercializa na feira?
3. É o proprietário? **Caso sim**, como adquiriu a propriedade?
4. Quantas pessoas da família moram na propriedade, suas idades e escolaridade?
5. Quando iniciou o trabalho com a feira e por qual motivo?
6. A infraestrutura para a horticultura foram custeados com dinheiro próprio ou utilizou de financiamento? se usou financiamento, de quem? pagou com quanto tempo?
7. Além da feira, fornece os produtos para outros estabelecimentos? Se sim, quais?
8. Você participa de alguma associação e ou cooperativa? Se sim, quais e como elas o auxiliam?
9. Com quem você consegue assistência técnica na produção de hortifruti? A hortifruti é a sua principal atividade na propriedade? **Se sim**, ela responde por toda a renda ou por parte? **Se parte**, quanto aproximadamente(%)?
10. [se possui outras atividades] Quais outras atividades você tem na propriedade voltadas para a comercialização? Para quem comercializa?
11. Qual a distribuição desses outros produtos na composição da renda da propriedade?
12. Como fica a distribuição das pessoas da família para essas atividades?
13. Você produz algo estritamente para o consumo na propriedade? Se sim, o quê?
14. Para você, qual a importância da produção de hortifruti, como está sua situação atual e suas perspectivas para o futuro?

ANEXO 7:**ROTEIRO DE ENTREVISTA****A PROFAC- Associação dos Produtores Familiares de Conchas**

NOME: _____

FUNÇÃO NA ASSOCIAÇÃO_____

DATA: ___/___/___

1. Quando iniciou a associação?
2. Qual o principal objetivo da Associação?
3. Quantos associados houve em seu início?
4. Quantos associados são hoje?
5. Quais são as atividades principais dos associados?
6. A Associação participa de algum projeto? Se sim, qual e de que forma?
7. Quais são as formas de obtenção de recursos da Associação?
8. Existe um perfil dos associados? Se sim, qual é?